

ROGINEI PAIVA DA SILVA

BIBLIOTECA, LEITORES E CULTURA: A PRÁTICA SOCIAL DA LEITURA

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2014**

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

S586b
2014 Silva, Roginei Paiva da, 1972-
 Biblioteca, leitores e cultura: a prática social da leitura / Roginei
Paiva da Silva. - viçosa, MG, 2014.
 95f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Elisa Cristina Lopes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.76-80.

1. Biblioteca. 2. Livros e leitura - Aspectos sociológicos. 3.
Formação de leitores. 4. Incentivos à leitura. 5. Interesses na leitura. I.
Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de
Pós-graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 028.9

ROGINEI PAIVA DA SILVA

BIBLIOTECA, LEITORES E CULTURA: A PRÁTICA SOCIAL DA LEITURA

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 05 de junho de 2014.

Simone Cristina Mendonça

Gerson Luiz Roani

Elisa Cristina Lopes
(Orientadora)

Dedico este trabalho a meu pai; às tantas estórias contadas quando eu ainda era criança. Foi ele quem primeiro me inseriu no fabuloso mundo da fantasia até o dia em que descobri na Biblioteca Escolar muitas de suas narrativas e outras mais à espera de serem devoradas. Desde então o livro seduz-me.

Também, de tamanha importância nesta caminhada, dedico ao olhar atento e preocupado de minha mãe, parceira da vida a mim proporcionada.

Alexandria e seus estudiosos, porém, jamais se enganaram quanto à verdadeira natureza do passado: sabiam que ele era a fonte de um presente em constante mutação, no qual novos leitores se dedicavam a velhos livros que se tornavam novos no processo de leitura. Cada leitor existe com o objetivo de assegurar uma modesta imortalidade a determinado livro. A leitura é, nesse sentido, um rito de renascimento.

(MANGUEL, 2006, p. 32-33)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à CAPES pela bolsa de estudos concedida. Esta permitiu meu deslocamento de São João del-Rei para Viçosa durante as aulas do Mestrado.

À minha orientadora, Elisa Cristina Lopes, pelo tempo dispensado a esta pesquisa, pela troca de informações e especialmente por abrir meus horizontes quanto a Leitura e Formação de Leitores. Durante todo o processo de orientação ela se mostrou uma professora imbuída no processo educacional e preocupada com a relação estabelecida pela Academia com o Ensino Básico.

Aos professores Gerson Roani, Ângelo Farias, Ana Luiza Bedê, Gracia Gonçalves, Cláudio Leitão, os quais contribuíram, e muito, para me atualizar nas teorias literárias, uma vez que estava há um tempo afastado da Academia.

Aos colegas da turma de Mestrado, Alex, Bruna, Bruno, Vinícius, Franciane, Amanda, Milene, Renato, Viviane, que se tornaram amigos e me fizeram aprender com suas pesquisas e nos debates em aula.

À Adriana, secretária amável e sempre sorridente. Sem ela o cotidiano do Mestrado teria sido penoso. Jamais poderei me esquecer de seu apoio e compreensão.

Aos amigos da Associação Palavra Bem-Dita, José Antônio, Sonia Haddad, Patrícia Monteiro, Marcelo Monteiro, Luci Carvalho, Lúcio Carvalho, Miriam Simões, Denny, Ana Lúcia, os quais apostaram em meu projeto e auxiliaram para se ele tornar uma realidade.

Também agradeço imensamente aos funcionários da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida, os quais foram extremamente solícitos durante a realização desta pesquisa, principalmente Artur, Rose, Marise, Vagner, Simone e Glória.

Outra pessoa de quem não posso me esquecer é Giovanni Mendonça, funcionário da Biblioteca da UFSJ, que me auxiliou com os dados do PHL.

Por fim à minha família e amigos, razão pela qual aceito enfrentar os desafios, pois sei que com todos eles posso sempre contar.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RESUMO

ABSTRACT

1 – NO MEIO DO CAMINHO TINHA A LEITURA: CONSTRUINDO A PESQUISA

1.1 Introdução	01
1.1.1 Traçando os contornos da pesquisa	02
1.2 Indagações fundamentais, objetivos e metodologia	03
1.3 Provocações: na rota da biblioteca e da formação de leitores	05

2 – O PERFIL DO LEITOR: ESTUDO E ANÁLISE DOS DADOS COLHIDOS NA BIBLIOTECA PÚBLICA

2.1 Na rota da história: um homem e uma biblioteca	15
2.2 Por entre as estantes da biblioteca	18
2.2.1 Literários e didáticos: a confluência dos empréstimos	22
2.2.2 O usuário pelo usuário: mapeando um perfil	36
2.2.3 A estrutura física da Biblioteca Municipal	50

3 – LEITURA E CULTURA

3.1 Assim se fez a leitura: <i>uma reserva de caça</i> , um ato cultural	53
3.2 Reflexões sobre cultura e civilização	59
3.3 Leitura e cultura na contemporaneidade: a sociedade do produto	61

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por uma democratização da Prática Social da Leitura.....	67
--	----

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6 – ANEXOS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Quantidade de empréstimos mês a mês 2013	23
Gráfico 2: Empréstimos de livros didáticos por área de conhecimento 2013	24
Gráfico 3: Ranking das cinco obras mais emprestadas mensalmente 2013	27
Gráfico 4: 10 obras literárias mais emprestadas em 2013 – quantidade	30
Gráfico 5: Sexo usuário da BMBCA	37
Gráfico 6: Rede de ensino em que estuda	37
Gráfico 7: Formação escolar	37
Gráfico 8: Idade	38
Gráfico 9: Usuários estudantes/não-estudantes	39
Gráfico 10: Representação da biblioteca, segundo usuários	40
Gráfico 11: Motivo de frequência à biblioteca	41
Gráfico 12: Comparecimento a eventos promovidos pela biblioteca	42
Gráfico 13: Eventos aos quais os usuários comparecem	43
Gráfico 14: Gênero/estilo de leitura preferido pelo usuário	44
Gráfico 15: Formas de acesso ao livro	45
Gráfico 16: Acesso ao livro – compras	45
Gráfico 17: Escolha da leitura	46
Gráfico 18: Comparativo livros lidos em 2013	48
Gráfico 19: Comparativo acervos particulares 2013	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA: Academia da Força Aérea

BMBCA: Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida

Cerlalc: Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe

CN: Colégio Naval

EPCAR: Escola Preparatória de Cadetes do Ar

EsPCEx: Escola Preparatória de Cadetes do Exército

EsSA: Escola de Sargento das Armas

FELIT: Festival de Literatura de São João del-Rei

PHL: Personal Home Library

PNBE: Programa Nacional Biblioteca da Escola

RLB/2012: Retratos da Leitura no Brasil 3 – 2012

SAB: Sociedade Amigos da Biblioteca

SNBP: Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

UFV: Universidade Federal de Viçosa

USFS: Universidade Federal de São João del-Rei

RESUMO

SILVA, Roginei Paiva da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, Junho de 2014.
Biblioteca, leitores e cultura: a prática social da leitura. Orientadora: Elisa Cristina Lopes.

Esta pesquisa tem como objetivo mapear o perfil do leitor atual refletindo sobre a prática social da leitura e a função das Bibliotecas Públicas como espaços sociais onde circulam os livros. Além disso, busca-se compreender o lugar da leitura como prática cultural. Norteou a questão o fato de que a literatura é um direito do cidadão e um bem a ser compartilhado, portanto a sociedade deveria se preocupar com a formação de leitores. A abordagem se guiou pela Sociologia e História da Leitura e pela verificação de teorias ligadas à cultura na contemporaneidade. A fim de elucidar o proposto, utilizou-se a Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida, em São João del-Rei/MG, como local de observação e coleta de dados para responder às indagações suscitadas. No desenvolvimento das perspectivas propostas, foram coletados dados através do sistema eletrônico de empréstimos da Biblioteca Municipal; de entrevistas com coordenador, bibliotecária e auxiliares de biblioteca; de questionário respondido pelos usuários da Baptista Caetano. Os resultados obtidos mostraram que ainda não é possível definir com precisão o perfil do leitor atual, mas este tem contornos, provavelmente, diferentes daqueles já conhecidos ou cristalizados no passado. O que se pode afirmar é que a leitura enquanto prática social e cultural recebe influências de uma sociedade globalizada, mercadológica e midiaticizada. Portanto, a democratização da leitura enquanto bem cultural torna-se importante para a inclusão e ascensão social das pessoas.

ABSTRACT

SILVA, Roginei Paiva da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June 2014. **Library, readers and culture: the social practice of reading.** Advisor: Elisa Cristina Lopes.

This research aims to map the profile of the current reader reflecting on the social practice of reading and the role of public libraries as social spaces where books circulate. In addition to this, we seek to understand the role of reading as a cultural practice. The issue was guided by the fact that literature is a citizen's right and a benefit to be shared, so society should be concerned with the readers development. The approach was guided by the Sociology and History of Reading and the review of the theories related to culture in the contemporary society. To clarify what was proposed, we used the Municipal Library Baptista Caetano d' Almeida , in São João del-Rei/MG as a place of observation and data collection to respond to the raised queries . When developing the proposed perspectives, data were collected through the electronic system of the Municipal Library loan bank; through interviews with the director , librarian and library assistants; and a questionnaire which was answered by users from Baptista Caetano Library. The results showed that it is not precisely possible to define the profile of the current reader, but this has its outlines, probably, different from those already known or crystallized in the past. What can be affirmed is that reading as a social and cultural practice receives influences of a media, market and globalized society. Therefore, the democratization of reading as a cultural benefit becomes important for people's inclusion and social mobility.

1 – NO MEIO DO CAMINHO TINHA A LEITURA: CONSTRUINDO A PESQUISA

1.1 Introdução

A presente pesquisa centra-se na construção do perfil do leitor atual e busca refletir, a partir de dados colhidos, acerca da leitura, leitor e cultura no contexto da contemporaneidade.

Para chegar ao mote orientador, a investigação foi desenvolvida na Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida, uma das primeiras bibliotecas públicas de Minas Gerais, com sede em São João del-Rei. A princípio, pensamos em traçar um perfil buscando os leitores nas bibliotecas escolares, livrarias, sebos e bancas de jornal, mas, enquanto as informações sobre esses espaços eram levantadas, a Biblioteca Municipal (por vezes, será identificada neste texto pela sigla BMBCA) despertou interesse, tendo em vista sua importância histórica e cultural no contexto da cidade.

Criada pelo político e comerciante Batista Caetano de Almeida¹ em 1827, à época chamada de Livraria Pública, começou a funcionar na Casa de Misericórdia. Um ano depois, foi transferida para os salões da Câmara (no antigo largo da Câmara). Em 1915, passaria para o prédio da atual prefeitura (naquele tempo, era o prédio da câmara e cadeia). Somente em 1970, iria para sua sede no largo de São Francisco no centro histórico, segundo pesquisou Mota (2000, p. 109).

Com acervo semelhante a outras bibliotecas constando de obras de referência, como dicionários, enciclopédias, almanaques; livros didáticos; literatura brasileira e estrangeira; documentos da câmara municipal; obras raras e antigas (ver ANEXO A); periódicos dos séculos XIX e XX, desperta frequentadores interessados em utilizar o espaço para estudar, pesquisar, ler jornais e fazer empréstimos de livros literários. Essa constatação *in loco* fomentou a construção da pesquisa, pois interessou-nos saber o perfil desse usuário do século XXI, que convive com tantas transformações sociais e culturais da contemporaneidade cada vez mais tecnológica e digital. Alimentou-nos

¹ O nome do comerciante Batista Caetano de Almeida apresenta em algumas pesquisas o registro Batista e outros como Baptista. Esse é o que configura no nome da biblioteca pública “Baptista Caetano d’Almeida”. Portanto, adotaremos Batista para nos referirmos ao comerciante e Baptista para a biblioteca.

ainda o fato de o livro ser um elemento de cultura e ter um percurso aliado à história da formação intelectual ou das ideias. Robert Darnton (2010, p. 190) chama-nos a atenção para a importância de se estudar a história do livro com a finalidade de “compreender como as ideias foram transmitidas sob forma impressa e como a exposição à palavra afetou o pensamento e a conduta da humanidade nos últimos quinhentos anos”. Por isso, cabe, neste trabalho, estudar o perfil do leitor atual e o lugar ocupado pela leitura como prática social e cultural.

1.1.1 Traçando os contornos da pesquisa

A participação no processo de seleção de candidatos ao curso de Mestrado em Letras na UFV surgiu em virtude do desejo de se investigar a formação de leitores. Enquanto professor de literatura do ensino básico e coorganizador das oficinas de preparação de jovens escritores do Festival de Literatura de São João del-Rei (FELIT), inquietou-me a questão do desenvolvimento e da prática social da leitura.

Fomentadoras do desejo de se investigar a situação leitora, surgiram perguntas como: “Os estudantes leem somente leituras obrigatórias ou nem mesmo essas são lidas? O trabalho com a leitura literária, realizado na escola, forma leitores?”. Desse modo, o projeto foi criado pautando-se na relação entre leitura e práticas sociais, buscando como fundamentação as teorias ligadas à Sociologia e História da leitura.

Escolheu-se como *corpus* de análise a Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida, tendo em vista fatores como as razões pelas quais ela fora idealizada e criada; seus primeiros tempos antes de se tornar de inteira responsabilidade da Prefeitura Municipal; a constituição de seu acervo antigo; e o lugar ocupado por ela no contexto da sociedade do século XIX. Isso contribuiu para refletirmos sobre a prática social da leitura hoje.

A história da Biblioteca é um ponto de sustentação da importância de se investigar o lugar dela no contexto atual da cidade. No entanto, não é objetivo traçar toda a história do estabelecimento, mas conhecer e situar a BMBCA no tempo contribui para a investigação do perfil do leitor usuário de hoje e para a reflexão do lugar ocupado pela Biblioteca Pública no contexto cultural.

Tornando-se cerne norteador deste trabalho, algumas indagações a respeito da Biblioteca Pública foram importantes para se chegar aos objetivos centrais da pesquisa e nos deslocarmos de um espaço restrito para um amplo, a sociedade leitora brasileira:

- Como se constitui o acervo da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida?
- Quem é o usuário da Biblioteca Pública? Qual o seu perfil?
- O que procura o usuário da Baptista Caetano?
- De que forma o espaço da Biblioteca é organizado?
- Que relação a bibliotecária, o coordenador e os auxiliares de biblioteca têm com o usuário?
- De que forma o acervo e o espaço da Biblioteca é utilizado?
- Que papel a Biblioteca Pública desempenha no contexto da cidade?
- A BMBCA tem um contorno mais educacional ou cultural?

Face a essas questões e tomando a leitura como uma prática social, recorreremos à reflexão de Cesarino (2007, p. 11) de que as bibliotecas são instituições muito antigas e sobrevivem há anos, “adaptando-se às diversas mudanças políticas, sociais e tecnológicas. Essa sobrevivência, por si só, já é suficiente para provar que cabe à biblioteca uma função muito importante na sociedade”, a de se colocar a serviço da comunidade propiciando informações, lazer e cultura.

Tudo isso contribuiu para estabelecer os objetivos condutores da pesquisa e para a formulação dos questionários, respondidos pelos usuários da biblioteca, e das entrevistas, realizadas com a bibliotecária, coordenador, auxiliares/atendentes e contadora de histórias. A coleta desses dados e também das informações sobre empréstimos, retiradas do sistema eletrônico em rede das bibliotecas usuárias do *Personal Home Library* (PHL), conduziram as análises apresentadas no capítulo 2 e nortearam as reflexões sobre leitura e cultura no capítulo 3.

1.2 Indagações fundamentais, objetivos e metodologia

Conforme o exposto na introdução, as questões fomentadoras da pesquisa foram afuniladas em duas indagações: qual é o perfil do usuário da Biblioteca Pública Baptista Caetano d’Almeida? Que espaço a leitura ocupa enquanto um elemento cultural? Essas

duas perguntas nascem de um espaço social e geográfico específico, mas não se detêm nele, buscando ampliar e ultrapassar as fronteiras para se pensar a prática da leitura em âmbito mais abrangente e atual.

Ante as problematizações, delinearam-se, então, os objetivos a serem investigados. Assim, constitui-se objetivo geral traçar o perfil do usuário da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida para refletirmos sobre a prática social da leitura na contemporaneidade. Além disso, busca-se compreender o lugar da leitura como prática cultural hoje.

A fim de encontrar respostas para as questões formuladas, buscou-se desenvolver procedimentos metodológicos envolvendo revisão bibliográfica e pesquisa de campo. A condução do processo norteou-se pelo estudo sobre a Sociologia da Leitura, em especial, quando esta investiga os fatores que levam o leitor a determinada leitura.

Para chegar a uma reflexão sobre esse fator, necessitou-se delimitar um espaço social de leitura, no caso a Biblioteca Pública de São João del-Rei. Especificado o local de pesquisa, perpassamos a história dessa Biblioteca iniciada em 1827, tendo a preocupação com sua representação social enquanto ambiente de leitura e cultura. Porém, o interesse do trabalho não era se ater ao passado, e sim ao perfil do usuário atual para obtermos uma amostragem da prática social da leitura.

Desse modo, estruturamos a dissertação em quatro capítulos:

O capítulo um – **No meio do caminho tinha a leitura: construindo a pesquisa** – é a construção do objeto de pesquisa, composto pela introdução constando o tema a ser pesquisado, pelas indagações fundamentais, pelos objetivos e, por fim, pela metodologia desenvolvida durante a realização da pesquisa (construção do objeto de pesquisa).

O capítulo dois – **O perfil do leitor: estudo e análise dos dados colhidos na Biblioteca Pública** – situa o contexto histórico da Biblioteca Baptista Caetano para desenvolver uma síntese da teoria Sociológica da Leitura a partir da análise dos dados colhidos. Apresentam-se os gráficos sobre o perfil do usuário da Biblioteca e faz-se a discussão analítica dos dados (Foram entrevistados, durante aproximadamente dois meses, 100 usuários da biblioteca pública de São João del-Rei). Na constituição deste

capítulo, se faz presente a contraposição das informações colhidas com as apresentadas na pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil* (2012)².

O capítulo três – **Leitura e cultura** – inicia-se com a contextualização histórica da escrita e da leitura. Em seguida, procura-se traçar o conceito tradicional de cultura, inserindo a discussão em um panorama da contemporaneidade. Analisa-se também a cultura contextualizada no universo midiático e modista advindo das inovações promovidas pela tecnologia da informação e da cultura de massa.

O capítulo quatro – **Considerações finais: por uma democratização da prática social da leitura** – retoma, de maneira sintética, os principais tópicos e aspectos da pesquisa. Além disso, traz à tona a avaliação sobre o usuário da Biblioteca Municipal adquirida ante a análise dos dados coletados e a reflexão final sobre a prática social da leitura no contexto cultural contemporâneo, respondendo às perguntas iniciais desta pesquisa.

1. 3 Provocações: na rota da Biblioteca e da formação de leitores

Durante o oitocentos, surgiu uma São João del-Rei se nutrindo de alimentos culturais diversos: teatro, música, biblioteca pública, escolas. Porém isso era restrito à elite, situação não tão diversa de outros lugares. O acesso, especialmente à leitura, não era tão abrangente, apesar do desejo “civilizatório” de alguns cidadãos locais, como o comerciante e político Batista Caetano de Almeida, mentor de uma das primeiras bibliotecas públicas de Minas Gerais e criador do jornal *O Astro de Minas* em 1827 (VIEGAS, 1969).

O passar dos anos e o aparecimento de mais escolas, incluindo uma parcela maior de moradores, influenciariam na transformação da população em leitora, se considerarmos leitura como parte da cultura? A pergunta provoca reflexões sobre o lugar dessa prática social no século XXI. Segundo Eliot (2013, p. 33), “a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe

² A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” está em sua terceira edição (2001, 2008 e 2011). Ela revela os hábitos de leitura dos brasileiros. A recente edição foi coeditada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e o levantamento vem sendo promovido pelo Instituto Pró-Livro, resultando em questionamentos que extrapolam os aspectos mercadológicos. A ideia é analisar indicadores que permitam orientar programas e projetos de inclusão cultural da população brasileira, além de identificar fatores que levem à leitura e promovam o acesso ao livro em grande escala.

depende da cultura da sociedade a que pertence este grupo ou classe”. Desse modo, estar inserido em uma sociedade movida por efervescências culturais criaria elos com tais manifestações. Mesmo no decorrer da história, a qual promove novos contornos no contexto cultural, São João del-Rei não perdeu o glamour do passado. Hoje, a cidade ainda respira a melodia de suas orquestras centenárias, do conservatório estadual e do curso superior de Música da Universidade Federal (UFSJ), e preserva a linguagem dos sinos de suas igrejas barrocas. No contexto teatral, a UFSJ oferece a graduação em Artes Cênicas, e a Companhia ManiCômicos, promotora de atividades cênicas e cursos de formação de atores a partir de trabalhos socioculturais, está em atividade há 15 anos. Em franco funcionamento, há o Teatro Municipal, construído em 1893, com programação variada entre peças, espetáculos de danças e recitais.

Como não poderia faltar, a Literatura faz parte desse cenário cultural. No passado, a criação da Livraria Pública seria um marco na promoção da leitura. Hoje, nós a vemos nas escolas e simbolizada nos festivais, tanto no FELIT quanto no Inverno Cultural, esse último promovido pela UFSJ. Mas a prática da leitura e a fomentação se fazem com leitores, por isso não devem ficar relegadas a simbologismos muito menos a uma conceituação idealizada do ato de ler.

Qual o lugar da leitura no contexto dessa cidade histórica? Estaria ela nas escolas, nas praças, nas bibliotecas, nas livrarias e nas bancas de jornal? A primeira resposta vem certificada pela última edição de Retratos da Leitura no Brasil 3: quase metade dos livros lidos no país ocorreu “exclusivamente com a interferência ou mediação da escola” (SILVA, 2012 p. 109). Atesta também que as bibliotecas, apesar de projetos de expansão promovidos pelo governo, não cumprem o papel de formar leitores. Todavia, faz-se necessário lembrarmos que a sociedade como um todo tem esse papel. Por isso não cabe um reducionismo dessa ação às bibliotecas e muito menos mistificarmos a leitura no plano do ideal categorizado na visão elitista e academicista.

Ao adentrarmos os espaços, onde afloram ou deveriam aflorar leitores e verificar as formas de acesso ao livro, os gêneros procurados, as caracterizações estruturais do ambiente e o perfil do leitor, constituímos uma reflexão a respeito da representação social da leitura como bem cultural. Os contornos existentes nos espaços de circulação do livro demonstram a aproximação do leitor com esse objeto e revelam a quebra de paradigmas entre leitura literária classicista e utilitária.

A formação do perfil do leitor de hoje vem da maneira como o contexto social da cidade compactua com tal processo e o compartilha. O ambiente rico, culturalmente, talvez tenha se mantido relegado a uma elite, e a leitura, como forma de inclusão social, pouco foi pensada. Ana Maria Machado (2011, p. 13) discorre sobre a importância do ato de ler e afirma ser “a leitura de jornais, revistas, principalmente livros, a leitura daquilo que faz crescer. Tanto a leitura de informação aprofundada, que aumenta os conhecimentos, como a de literatura – sobretudo esta.” Portanto, o acesso ao livro e a outros bens culturais precisa ser ampliado respeitando o direito do cidadão de se incluir socialmente. Democratizar a arte, demonstrando não ser ela exclusividade de uma elite, fortifica uma prática de formar pessoas mais livres e conscientes das complexidades do mundo. De acordo com o pensamento de Machado (2011):

a literatura [...] sendo uma arte [...] que utiliza um meio que está ao alcance de todos os indivíduos, ou seja, as palavras, a linguagem –, ela é uma forma de conhecimento muito particular. Permite perceber os aspectos mais sutis da realidade e aos poucos vai habilitando a expressar tal percepção. (p. 19)

Desde 2001, o Instituto Pró-Livro, em parceria com a imprensa oficial do estado de São Paulo, divulga os resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. A publicação é permeada de artigos analíticos, escritos por especialistas ligados à educação e cultura, sobre os principais resultados. Segundo Marcos Antônio Monteiro (2012, p. 5), diretor-presidente da imprensa oficial, “a ideia é analisar indicadores que permitam orientar programas e projetos de inclusão cultural da população brasileira, além de identificar fatores que levem à leitura e promovam o acesso ao livro em grande escala”. O estudo desses trabalhos revela a existência de mais perguntas que respostas em relação à leitura no país, mas é um norteador para se pensarem ações em prol do fomento de políticas do livro. Conhecendo a realidade dessas políticas, vemos a tríade família, escola e poder público em caminhos adversos. A primeira modificou hábitos passados, como o de contar histórias, e se distanciou da formação dos filhos. A escola digladia entre a heterogenia de estudantes e os projetos governamentais cumprindo metas educacionais, mas sem o investimento adequado no preparo de educadores para os desenvolver. Por fim, o poder público relega à leitura maior foco às campanhas de incentivo do que exatamente à prática das ações divulgadas. Exemplo disso é a

difículdade das bibliotecas públicas em ampliar acervos e investir em outras atividades culturais.

A pesquisa acompanha “a evolução do hábito de leitura dos brasileiros, suas preferências, motivações e também os fatores que dificultam o acesso ao livro e à leitura” (QUADROS, 2012, p. 10). Baliza, dessa forma, o perfil do leitor no País. Entretanto é um trabalho analisando globalmente a questão e não se especifica em pequenos contextos. Por isso, seguindo a mesma linha de uma diretriz para a formulação de políticas públicas, ampliamos as discussões e as focamos em um contexto específico. Alguns pontos da pesquisa, como o leitor, a forma de acesso ao livro, o perfil do espaço de promoção da leitura e a relação leitor/livro, inquietam nosso olhar de pesquisadores para a atual realidade da histórica Biblioteca Pública criada em 1827. Esse espaço cumpre qual papel hoje no contexto da cidade? Quem é seu usuário? Não se trata apenas de confirmar a pesquisa do Instituto Pró-Livro, mas analisar e ampliar as indagações por ela propostas no contexto de uma cidade histórica, berço de manifestações culturais em vários âmbitos.

Um dos objetivos da recente edição de Retratos da Leitura no Brasil é “conhecer o comportamento leitor da população, especialmente com relação aos livros”. Por esse motivo, a Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida é o foco da pesquisa em virtude da permanência de seu funcionamento há mais de 180 anos. Há, por isso, valores imbrincados na permanência desse lugar de leitura.

Frisando uma afirmação de Roger Chartier (1995):

devemos lembrar que a leitura tem uma história e uma sociologia. É pois necessário reconstruir as competências, as técnicas, as convenções, os hábitos, as práticas próprias a cada comunidade de leitores (ou leitoras). Deles depende também a significação que, em determinado momento ou lugar, um ‘público’ pode atribuir a um texto (p. 8-9).

Nas palavras do historiador, os contextos histórico e sociológico participam do constructo da leitura, por isso os hábitos e as práticas locais reforçam o perfil de um leitor e precisam ser conhecidos. De posse de tais dados, elaborar atividades e investir em espaços de leitura, a fim de formar leitores, pode se tornar um caminho mais eficaz e com possibilidades de sucesso. Vale ressaltar a reflexão do crítico Antônio Cândido (2004) de a literatura ser um direito do homem, pois “aparece claramente como

manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (p. 174).

Assim, é importante nos remetermos à História da leitura, pois o percurso e papel da leitura na história da humanidade refletem a realidade das práticas leitoras contemporâneas. Segundo Lajolo e Zilberman (1998, p. 17), a leitura apresenta particularidades concretizadas na conceituação do leitor “não apenas porque consiste numa das primeiras manifestações da indústria do lazer, nem porque não perdeu a natureza pedagógica que a fez ser primeiramente patrocinada por grupos religiosos”. Conceituação refletida no papel de transformar social e historicamente um país, tendo o sujeito leitor como agente dessa ação. Portanto, ao traçarmos o perfil do leitor usuário da Biblioteca Pública, alimentamos essas indagações. Por isso, é imprescindível situar o lugar do livro e da leitura como prática cultural, especialmente porque estes têm um percurso histórico que passa e passou por transformações diante das mudanças comportamentais e tecnológicas da sociedade.

Por isso ao traçarmos os elementos caracterizadores de um espaço social de leitura e o perfil dos leitores, a questão propicia a busca de investimentos em políticas públicas de leitura em âmbito principalmente da formação de leitores. Consequentemente, promove a inclusão sociocultural, a qual, nos últimos séculos, fora privilégio de uma elite. Conforme Horellou-Lafarge (2010, p. 105), “a prática da leitura, mesmo mantendo um lugar preponderante, parece indissociável de outras práticas culturais. Interessa ao conjunto das camadas sociais, mas a intensidade da leitura [...] é o apanágio de uma elite, como o são o conjunto das práticas que estão relacionadas com a arte e a cultura.”

Intentamos, nesta dissertação, para o leitor de textos literários, a fim de situar a importância da Literatura na construção de uma sociedade democrática, que não deveria alijar a população dos bens culturais, sejam eles de que natureza for. A escritora Ana Maria Machado (2007) esclarece isso ao refletir que

[...] é necessário que uma sociedade que se quer democrática seja capaz de garantir a todos o acesso aos primeiros livros de literatura. E, em seguida, mostrar o caminho para que o leitor possa seguir sozinho com as leituras que irão acompanhá-lo por toda a vida. Só livro didático ou leitura de aprimoramento profissional e informação sobre o mundo são absolutamente insuficientes. Nem ao menos são

prioritários. É preciso ler literatura, em dieta variada, incluindo livros diferentes, de autores diversos, de estilos variados, de muitas épocas. (p. 176)

Tomando como manifestação cultural a inserção da leitura e a importância do livro na sociedade, vale ressaltarmos a configuração do sentido de cultura na contemporaneidade. O espaço ocupado por ela, provavelmente, circundava uma elite, hoje, outros contornos se formam, os quais de alguma forma contribuem para esclarecermos o lugar da leitura na atual sociedade. Mario Vargas Llosa (2013, p. 23) vaticina que cultura, “diferentemente do que antes tinha esse nome, deixou de ser elitista, erudita e excludente e transformou-se em genuína *cultura de massas*”.

A maneira como o ato de ler foi visto norteia a visão de leitura e de formação do leitor. Segundo Cavallo e Chartier (1998, p. 11), “a leitura era vista sobretudo como prática de vida em sociedade”, tendo em vista que ela aparece em “contextos representativos de entretenimento e de conversação”. Porém, os maiores beneficiados, quase sempre, reduziam-se a uma parcela elitizada. O *status* de elite pode ser observado no espaço das bibliotecas, as quais se *vestem* de uma imagem de eruditismo distanciando aqueles não *enquadrados* nesse vocábulo. Ou seja, vendia-se uma imagem excludente das bibliotecas, mas atualmente percebemos uma democratização maior deste ambiente, tendo em vista uma alteração de seu público frequentador. Passeando pela antiguidade clássica, podemos ver como eram constituídos os espaços das bibliotecas e como isso foi tendo algumas alterações com o passar dos tempos. Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1998) expõem:

As notícias sobre a função das bibliotecas públicas como espaços de leitura em Roma são poucas. Com certeza não eram bibliotecas como as helenísticas, reservadas a pequenos círculos, mas deve-se pensar, preferencialmente, em ‘bibliotecas eruditas’, no sentido de serem abertas a qualquer pessoa que as quisesse frequentar. Porém, na realidade, eram frequentadas por um público de leitores de classe média alta, a mesma, ou quase, que muitas vezes já dispunha de bibliotecas particulares (p. 17).

A imagem socialmente projetada de uma biblioteca configura-se como um ambiente elitista, erudito e intelectualizado. Essa visão arraigada prejudica a avaliação das funções desempenhadas ou desenvolvidas pelo lugar, pois tal representação não mais procede e, se se mantém, está apenas no plano da idealização. O espaço precisa ser

visto como um lugar de circulação social tanto para a leitura literária quanto para encontros. Quando da criação, na cidade, da primeira biblioteca pública do estado de Minas Gerais, no século XIX, esta vinha como parte de ideais de um projeto “civilizatório”. Entretanto, reduzia-se àqueles que a idealizaram, uma grande parcela de comerciantes locais. Horellou-Lafarge (2010, p. 50) expõe o quão elitista e o quão representativo de *status* social se configuravam as bibliotecas, pois, “desde o início do século XVI, a nobreza de toga e a burguesia de ofício formaram bibliotecas que irão crescer de geração em geração, aparecendo como um símbolo de êxito social.” Ao mergulharmos na história da leitura, deparamo-nos com a imagem passadista das bibliotecas, e, como dissemos, arraigada em valores socioculturalmente construídos. Mantê-las como símbolo de destaque social não condiz com a realidade de agora, pois o lugar deixou de ser ambiente de frequência constante da elite para ganhar ares de utilitarismo. É comum o uso do espaço para pesquisas e estudos, encontros de jovens e/ou mesmo para momentos de lazer, como participar de eventos culturais lá promovidos. Não se pode esperar da biblioteca a mesma configuração de antes. A sociedade precisa avançar seu olhar e rever os conceitos de prática social da leitura para assim progredirmos na intenção de formação de leitores e atingirmos o que Cândido (2004) chama de “direito à literatura”; consequentemente democratizarmos a leitura.

Em *O mundo como representação* (1991, p. 178), Chartier afirma que “toda reflexão metodológica enraíza-se com efeito, numa prática de história particular, num espaço de trabalho específico”. Isso pode ser organizado em três polos: o estudo crítico dos textos (literários ou não), a história dos livros e a análise das práticas (representação simbólica). A simbologia do livro nesse contexto projeta diversas representações. Antes, era produto de posse de um grupo elitista, aristocrático ou religioso; depois, com as novas técnicas de barateamento da produção livresca e o maior acesso à alfabetização, chegou à outra parcela da população como elemento de lazer, conhecimento e cultura. Talvez, a partir do século XXI, tenhamos todas essas conotações, porém ampliadas no sentido de que há um mercado e valores globalizados respondendo às alterações comportamentais e tecnológicas surgidas.

Contrapondo a leitura relegada à elite com a democratização desta, ressaltamos a avaliação de Robert Darnton (1998) de que os discursos filosóficos não têm um espaço único, fechado.

[...] não é possível concluir que os fatos são explicados exclusivamente mediante o discurso filosófico ou que as pessoas comuns dependem dos filósofos para dar sentido à vida. A elaboração do significado tem lugar tanto nas ruas quanto nos livros. A formação da opinião pública ocorre tanto nos mercados e nas tabernas quanto nas *sociétés de pensée* (p. 196).

A leitura também não tem. Esta precisa ir além dos muros das escolas, das paredes das bibliotecas e livrarias, do seio familiar para caminhar por ruas e praças. Depende da maneira como os promotores da leitura veem a situação. Depende da nossa concepção daquilo que chamamos prática social da leitura. A representação do livro e a forma como a população o vê são essenciais para reflexões a respeito do ato de ler. O lugar ocupado pela literatura na sociedade tem a ver, portanto, com o modo como esta se relaciona com a leitura. Os espaços promotores se apresentavam, ou ainda se apresentam, com contornos elitistas, como vimos no levantamento histórico, e essa percepção influencia na difusão da leitura, pois é preciso romper essa simbologia para aproximarmos as pessoas da leitura.

De acordo com uma reflexão de Bourdieu (1996), o livro ainda está muito ligado ao sistema escolar. Porém, se não há uma eficiente formação leitora nesse espaço, provavelmente teremos repercussões negativas no futuro desses alunos-leitores. Saber da existência de leituras diversas em um espaço específico, a Biblioteca Municipal, é um dos caminhos para se pensar o ato de ler como manifestação cultural e revisão dos valores constituídos na história da leitura e das bibliotecas.

[...] devemos saber que existem leituras diversas, portanto competências diferentes, instrumentos diferentes para apropriar-se desse objeto, instrumentos desigualmente distribuídos, segundo o texto, segundo a idade, segundo essencialmente a relação com o sistema escolar, a partir do momento em que o sistema escolar existe. E tanto quanto se saiba, para nossas sociedades, o modelo é relativamente simples. A leitura obedece às mesmas leis que as outras práticas culturais, com a diferença de que ela é mais diretamente ensinada pelo sistema escolar (BOURDIEU, 1996, p. 237).

Nas palavras do sociólogo francês, percebe-se uma correlação entre leitura e outras práticas culturais, sendo a primeira mais ligada à escola. Ora, somente esse espaço é mentor da formação leitora? Se nos atentarmos para a função das bibliotecas públicas nas cidades onde já existem as escolares, teremos em aberto interrogações sobre a formação de leitores e a difusão de cultura. A presença desse outro espaço

amplia as possibilidades de outras práticas sociais diferentes da escola, pois a frequência a ele não é obrigatória e permite ser circulado sem o objetivo de ler especificamente literatura.

Michel de Certeau (1994) nos traz uma reflexão a respeito do leitor e lança luz sobre a necessidade de se promover a leitura socialmente. Afirma que “o leitor é o produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo [...] ele se desterritorializa, oscilando em um não-lugar entre o que inventa e o que modifica” (p. 269). Apropriar-se dessa concepção de leitor e inseri-lo nos espaços sociais do livro permitem-nos uma análise sociológica de mudança do olhar sobre a leitura. É preciso agregar o ato de ler no contexto cultural do nosso tempo e lembrar o que disse Bourdieu (1990, p. 142) sobre “situar a leitura e o texto lido numa história da produção e da transmissão culturais”. Isso significa “ter uma possibilidade de controlar não só a relação do leitor com seu objeto, mas também a relação com o objeto que foi investido nesse objeto”.

Ao se percorrer a história de São João del-Rei, bem como a da leitura e as transformações ocorridas, deparamo-nos com pontos cruciais sobre a maneira como a leitura deve ser pensada: o leitor e a instrução educacional; o leitor e a cultura do livro; o leitor e o poder econômico; o leitor e o espaço de leitura. Como já afirmaram Marisa Lajolo e Regina Zilberman na obra *A formação da Leitura no Brasil* (1998):

Se não podemos escrever a biografia do leitor, temos condições de narrar sua história, que começou com a expansão da imprensa e desenvolveu-se graças à ampliação do mercado do livro, à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e da privacidade doméstica e à emergência da ideia de lazer. Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas (p. 14).

Dessa forma, encontramos na análise do objeto livro o processo de construção leitora empreendido e a ser empreendido no caminho de democratização e inserção social e cultural. Atentando, desse modo, para a fala de Antônio Cândido (2004, p. 172) de que pensar em direitos humanos tem um pressuposto: “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”.

Compartilha desse mesmo pensamento Ana Maria Machado (2007, p. 175) ao fazer reflexões diversas sobre a promoção e importância da leitura na sociedade.

Citando Antonio Gramsci, a autora insere a literatura em um contexto de transformação da realidade vivida pelas pessoas: “para ele (Gramsci), era uma estratégia clara de justiça que as classes desfavorecidas pudessem conhecer e se apropriar dos códigos culturais dominantes, a fim de que pudessem substituir o senso comum tradicional por um espírito crítico capaz de formular seus próprios anseios”. Machado (2007, p. 176) confirma o pensamento de Cândido sobre o direito à literatura, pois uma sociedade que se quer democrática deve garantir o acesso aos primeiros livros de literatura; não apenas isso, mas tornar a leitura uma prática socialmente difundida em quaisquer gêneros textuais. Não se deve romantizar a ideia de se lerem apenas clássicos da literatura, mas é preciso reconhecer outras práticas.

As implicações surgidas na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é um suporte para se compreenderem a representação social da leitura e a formação do leitor nos dias atuais, emoldurados pela concepção de cultura. Ao mapearmos o perfil do leitor da Baptista Caetano, estamos em busca de uma amostragem para confirmarmos ou não a pesquisa nacional. Ressaltemos, aqui, uma metáfora da leitura sob o olhar de Alberto Manguel (1997, p. 201): “o mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim, cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos.” Tornar-se o lido só é possível se houver a transformação desse contato, se os espaços por onde passeiam os livros se abrirem aos leitores, revendo seu atual papel. O distanciamento entre homens e livros advém de tempos, hajam vistas as dificuldades econômicas e sociais do passado aliadas à representação da leitura como elitizada ou, segundo Ana Maria Machado (2011, p. 16), “uma coisa difícil, trabalhosa, não compensando o esforço”. Mas, antes de tudo, a concepção de prática social de leitura precisa ficar muito clara para se promoverem ações de incentivo à formação de leitores.

2 – O PERFIL DO LEITOR: ESTUDO E ANÁLISE DOS DADOS COLHIDOS NA BIBLIOTECA PÚBLICA

2.1 Na rota da história: um homem e uma biblioteca

Na caminho dos bandeirantes paulistas, no final do século XVII, surgiu o Arraial Novo do Rio das Mortes. Elevado à categoria de vila em 1713, recebeu o nome de São João del-Rei. No ano seguinte, viria a se tornar sede da Comarca do Rio das Mortes, uma das mais importantes da província mineira. O rápido progresso econômico adveio de sua localização no Caminho Geral do Sertão e da descoberta do ouro. Com a escassez extrativista, no século XIX, São João continuou a oferecer a seus habitantes um leque de oportunidades econômicas, tendo em vista ser a cidade um entreposto regional e polo comercial ainda muito forte no oitocentos, conforme atestou Adão (2001, p. 75). Um elemento colaborador da ativa vida comercial da vila está na condição “topográfica favorável (terras planas e abundância de água)”, que fez desenvolver atividades agropecuárias e manufatura doméstica de tecidos grossos de lã e algodão, destaques da pesquisadora Rosemary Tofani Motta (2000, p. 50). Ela ainda ressaltou a importância de São João del-Rei como fornecedora de mercadorias para outras regiões, mantendo forte relação com o Rio de Janeiro. Para lá, eram levados os “produtos da terra e de lá traziam mercadorias importadas que os mineiros e suas famílias demandavam, tais como ferramentas, utensílios, chitas, rendas, vinho, cerveja, livros etc.”(MOTTA, 2000, p. 51). Isso propiciou a formação de uma elite economicamente estável, diferente daquela existente nas localidades onde se desenvolveu apenas a mineração.

Outro fator relevante para a história de formação da cidade foi o destaque no cenário político brasileiro. A representação era tamanha a ponto de ser discutida a possibilidade de torná-la a capital da província. O fato é que o lugar possuía uma forte vida econômica e começava também a ter ares desenvolvimentistas no que se refere à cultura. De acordo com Christianni Cardoso Morais (2002, p. 58), “instituições, tanto de cunho político, como cultural ou comercial, foram inauguradas em diversos locais do Império [primeira metade do séc. XIX], inclusive na Vila de São João del-Rei”,

fomentando o desenvolvimento da arte, cultura e educação. Portanto, o anseio para se ter projeção nacional maior como capital não era de se estranhar. O viajante Robert Walsh (1985, p. 74) lembra que, apesar de estar “localizada no interior, em determinado momento o Marquês de Pombal cogitou em fazer dela a capital do Brasil”.

Walsh (1985) salientou, além dessas questões, a interessante estrutura urbanística local. Esta projetava a imagem da representação social de São João del-Rei;

as ruas pavimentadas com pedras arredondadas e geralmente têm de cada lado uma calçada em plano mais elevado, feita de lajes. A maioria das casas se compõe de lojas de aparência bem cuidada e cheias de mercadorias de várias procedências, principalmente louças e artigos de algodão da Inglaterra. Viam-se fardos de algodão cru e pilhas de grosseiros chapéus de feltro, fabricados na província, bem como outros artigos manufaturados em Minas Gerais. Tudo isso dava a impressão de ser ali uma próspera e florescente cidade (p. 74)

O quadro promissor de São João e o cenário político brasileiro pós-independência atiçavam arroubos de intelectualidade. Os anseios iluministas alimentavam as ações de algumas pessoas da elite local, desejosas de progresso e civilização para a região, a buscarem melhoras no panorama da educação e da cultura. De acordo com Viegas (1969), em virtude da irradiação cultural, de 1830 até 1833, a convite do comerciante Batista Caetano de Almeida, o professor de História e Antiguidades de Coimbra, Pe. Francisco Freire de Carvalho, ministrou um curso de “belas-artes” na cidade. Walsh (1985, p. 79) destacou ser o lugar considerado, “depois de São Paulo”, o “mais liberal e” ativo, “intelectualmente, de todo o Brasil. Seus habitantes são, de um modo geral, muito inteligentes.”

Interessa-nos, aqui, a figura de Batista Caetano, nascido em Camanducaia (extremo Sul de Minas). Ele viria para São João del-Rei por volta dos 13 anos de idade para complementar seus estudos. Aqui se estabeleceria vindo a casar e se tornar um bem sucedido comerciante de secos e molhados³. À frente de seu estabelecimento, ele podia indagar os moradores da cidade para tomar conhecimento dos problemas sociais existentes. Isso contribuiu para a entrada dele na política. Segundo pesquisou Motta (2000, p. 93), “como político ocupou, além do cargo de vereador (1829), o de juiz de

³ Molhados eram os gêneros alimentícios e secos tudo o que não era alimento.

paz (no mesmo ano) e o de Deputado pela Província de Minas, eleito em três legislaturas.” Suscintamente, vemos a boa imagem local desse cidadão.

Na busca de melhorias para a cidade, Batista Caetano conseguiu, via portaria assinada pelo ministro João Severiano Maciel da Costa, instalar uma biblioteca pública (à época chamada de Livraria Pública), colaborando para o projeto de “civilização” provindo do iluminismo. Outrora, em virtude de o País ser colônia de Portugal, pouco galgara nesse contexto, pois poderia ter ares de inquietações revolucionárias. No entanto, é perceptível, na observação de Moraes (2002, p. 61), o envolvimento da elite em tal projeto e ele sendo realizado em proveito próprio. Segundo a pesquisadora, essa elite

desejava não só formar um espaço público de discussão, mas ainda ganhar notoriedade e ingressar no meio político, mesmo que não diretamente. E nada melhor para aumentar o prestígio da Vila de São João do que a abertura de uma biblioteca, ainda mais sendo a primeira instituição desse tipo inaugurada nas Minas Gerais (p.63).

Juntamente com a *Livraria Pública*, inaugurada em 1827, era criada a *Sociedade Philopolytechnica* de São João del-Rei, cujos membros eram os subscritores da Livraria. Moraes (2002, p. 69) afirma que, mesmo sem dados quantitativos, as referências indicam a Biblioteca como “um espaço de leitura utilizado pelos letrados da Vila”. Fica claro na pesquisa o espaço excludente do projeto “civilizatório”, pois o estatuto da *Sociedade Philopolytechnica* limitava a entrada de novos membros e criava critérios elitistas, confirmando, dessa forma, o universo letrado restrito a uma pequena parcela da sociedade, em especial a urbana. Entretanto, havia certa preocupação com o povo. Segundo Moraes (2002):

O acesso a esses espaços de convívio com o escrito era marcado, desde o início, pela distinção/exclusão, pois definia-se tanto o público leitor quanto os suportes e as formas de acesso à leitura, sendo sua prática nesses ambientes restrita às elites. Ao mesmo tempo, essas elites tomam para si o papel de difundir o ideal civilizado para o povo, através da publicação de extratos, o que garantiria o controle do acesso ao escrito (p. 111-112).

É importante ressaltar o fato de, em 1827, São João del-Rei ser a “segunda cidade mineira a ter um jornal, o *Astro de Minas*, e uma das primeiras bibliotecas públicas do país, ambas iniciativas encabeçadas pelo [...] deputado liberal e negociante

Batista Caetano” (GRAÇA FILHO, 2007, p. 57). Portanto, ele propiciava à cidade elementos para aproximar os são-joanenses dos “veículos de instrução através da leitura de livros e de periódicos. Ao que tudo indica, acreditava que a instrução era uma das formas através das quais seria possível promover o progresso e a civilização de um povo” (MOTTA, 2000, p. 94).

O primeiro acervo da Biblioteca eram os livros doados pelo próprio Batista Caetano, cerca de 800 obras. À época, eram comuns as subscrições, listas de doações, com as quais o comerciante conseguiu buscar material literário para ampliar o acervo da “Livraria Pública”. A relação dele com as subscrições vinha de tempos e ações anteriores ocorridas, como as realizadas para a construção de duas pontes de pedras na cidade, de um chafariz e para a manutenção da Santa Casa de Misericórdia. Os exemplos demonstram o empenho do comerciante e político para o bem da população local. A pesquisadora Rosemary Tofani Motta (2000), em sua dissertação de mestrado sobre a Baptista Caetano de Almeida, traz informações mais precisas a respeito do modo idealizado e constituidor da Biblioteca Pública, além de elementos sobre a representação social desse homem dentro do contexto da cidade histórica de São João del-Rei no século XIX. Entretanto, não é objetivo desta pesquisa o idealizador da biblioteca, e sim o perfil do leitor atual que frequenta esse espaço criado no século XIX. Trouxemos algumas informações apenas a título de ilustração para sabermos que a Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida (nome instituído em 1916) tem um percurso histórico iniciado com o ideal de um processo civilizatório e progressista. Portanto, hoje, quais contornos configuram o ideal passado? Pensando num contexto de cultura, qual a representação da Biblioteca Pública como lugar de promoção ou representação cultural?

2.2 Por entre as estantes da Biblioteca

São João del-Rei, segundo o senso do IBGE 2010, conta com aproximadamente 85 mil habitantes (considerando-se a zona rural) e possui duas bibliotecas administradas pela Prefeitura. A principal, no centro, é a Baptista Caetano d’Almeida; a outra fica no Tejuco, periferia da cidade, e foi construída em parceria com a Associação de Moradores do Bairro, a rede Sesi e a Prefeitura Municipal. A biblioteca *Sesi indústria do conhecimento* recebe apoio municipal por meio da cessão de funcionários e da

orientação do coordenador da Baptista Caetano. Mas nosso foco na pesquisa é na primeira biblioteca.

O local onde a BMBCA está instalada desde 1970 é central, fica em um casarão aos fundos do museu Casa Bárbara Heliodora e próxima a outros monumentos patrimoniais da cidade histórica, caso da Igreja de São Francisco de Assis e do Campus Universitário Santo Antônio, UFSJ. A localização facilita o acesso, pois centraliza os encontros entre grupos de estudantes, por exemplo. A bibliotecária da Baptista Caetano vê a necessidade de centralização da Biblioteca Pública. Entretanto, acredita que deveria setorizar mais, ou seja, os bairros da cidade poderiam ter bibliotecas, as quais estariam entrelaçadas à central. Hoyos e Salinas (2012) lança pontos sobre a questão ao afirmarem que:

aproximadamente um terço da população manifesta que frequenta as bibliotecas, sendo as escolares e universitárias as mais visitadas e, em menor proporção, as bibliotecas públicas. A população que não frequenta as bibliotecas públicas tem como principal argumento a falta de tempo, a distância e a falta de necessidade ou de interesse de frequentar esse tipo de equipamento (p. 212).

A constatação dos dois membros do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (Cerlalc) lança luz à questão exposta pela bibliotecária. A falta de tempo, a distância ou a ausência de interesses tornam o acesso à Biblioteca Municipal ainda menor, por isso a setorização poderia trazer novos contornos a essa realidade. Saibamos ainda da existência de outros elementos comprometedores da assiduidade aos espaços de leitura. A promoção do lugar enquanto fonte de cultura pode aliá-lo a outras formas de difusão cultural.

Nesse caso, observamos as características da assiduidade aos saraus promovidos por essa Biblioteca. O público é praticamente o mesmo de todo encontro, composto de pessoas interessadas especificamente na apresentação de poesias tanto para ouvir quanto para recitar. Estas sentem dificuldade em lidar com outras intervenções no evento, como afirmou a contadora de histórias da Biblioteca. Segundo ela, em um dos encontros, houve uma homenagem ao poeta Vinícius de Moraes preparada por alunos de uma escola da cidade. Eles compareceram acompanhados pela professora e pais, lotando o espaço da Biblioteca. No entanto, não agradaram a alguns participantes assíduos, pois isso quebrou a rotina silenciosa e, digamos, “intelectualizada” do evento. O fato narrado

mostra-nos uma diferença entre a Biblioteca enquanto espaço cultural, de espetáculo, e o espaço onde se lê: para o primeiro há a frequência de uma elite; no outro, esta se divide com a presença maior de pessoas interessadas em utilizar a Biblioteca para estudos e pesquisas. O exemplo reforça o poder simbólico da cultura para uma elite socialmente privilegiada.

Ante essas reflexões, buscamos dados para construir uma imagem atual do estabelecimento, os quais propiciaram algumas questões condutoras do estudo: qual o lugar dessa Biblioteca no contexto histórico, social e cultural da cidade? Qual o perfil do usuário?

Para tanto examinamos os dados coletados via o sistema eletrônico de empréstimos e catalogação *Personal Home Library* (PHL); as entrevistas com coordenador, bibliotecária, contadora de histórias e auxiliares de biblioteca; e um questionário, o qual foi respondido voluntariamente e sem identificação nominal do pesquisado. Durante aproximadamente dois meses nós o aplicamos, tanto pelo turno da manhã quanto da tarde (tendo em vista que a Biblioteca Pública, vale ressaltar, não funciona no período da noite), tentando desse modo atingir diferentes usuários. Diante dos dados colhidos, criamos um eixo de análise com o objetivo de traçar o perfil do leitor:

- 1- as informações sobre empréstimos coletadas no programa PHL;
- 2- os dados pessoais do usuário coletados no questionário;
- 3- a relação do usuário com a Biblioteca, por meio da percepção dos auxiliares de biblioteca e das respostas dos próprios usuários no questionário;
- 4- a relação do usuário com a leitura segundo as informações constantes no questionário.

As informações obtidas mostram que, em virtude da atualização e reestruturação de dados no sistema PHL, não é possível precisar o acervo da Biblioteca Pública. Poderíamos sugerir a existência de aproximadamente 14 mil títulos e 20 mil livros entre literários, didáticos e outros.

Detectamos, ainda, que a aquisição de obras não tem sido um caminho fácil para o coordenador da Biblioteca, pois a renovação mais atualizada vem do recurso financeiro obtido mediante a cobrança das multas por atraso na devolução de livros.

Valor pequeno ante as novidades no mercado editorial e procura dos usuários. Há também algumas doações, seja de editoras e de autores que lançam obras na cidade, seja de cidadãos comuns. No caso desses últimos, a aceitação é com certa ressalva, pois muitas obras doadas estão em estado precário e/ou desatualizadas segundo o coordenador. A oferta livresca nas estantes, de certa forma, influi na frequência das pessoas na Biblioteca, uma vez que elas procuram, especialmente em termos de leituras literárias, os títulos atualizados e os de projeção midiática. Galeano Amorim, em *Retratos da Leitura no Brasil 3* (2012), expõe algumas reflexões sobre o fato e propõe políticas de mudança da realidade leitora no País.

Se um em cada três usuários de bibliotecas afirma que livros novos e títulos interessantes fariam com que as frequentassem mais, nada mais natural que o governo, auscultando a sociedade, crie políticas para responder a isso. Que invista em bibliotecas-parques, as de referência, nos estados, as bibliotecas com telecentros, nas Praças de Esportes e Cultura (PEC) e nos Espaços mais Cultura (p. 161).

Percebe-se, na constatação de Amorim, a necessidade de investimentos na promoção cultural da leitura. Não obstante, as políticas governamentais de aquisição de material literário ou são destinadas especificamente às escolas, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), ou vêm de projetos constituídos pela Secretaria Municipal de Educação ou ONGs (é o caso da Sociedade Amigos da Biblioteca Pública Municipal de São João del-Rei – SAB), visando a alguma verba destinada a tal investimento. Nesse último caso, há o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) que por meio de alguns programas, contribui para o aprimoramento das bibliotecas públicas, porém existe a necessidade da criação de projetos pela Secretaria de Cultura local. Apesar de a Biblioteca Pública de São João ficar sob a responsabilidade da Secretaria de Educação, como ocorre com tantas outras no País, mas diferente da Biblioteca Nacional (pertencente à Secretaria de Cultura), não é um empecilho para o efetivo funcionamento.

Mas nossa preocupação é com a formação do leitor, por isso definirmos se a leitura é um problema da educação ou da cultura não procede, pois leitura é alimento humanizador, é um direito do cidadão como lhe é direito vestir-se, comer, trabalhar. Esta deve ser fomentada com verba nacional independente do espaço no qual esteja inserida, e o seu valor reconhecido social e politicamente. Se a frequência, por exemplo,

às bibliotecas é pequena, esse não é o problema para a ausência de investimentos, pensando que se vai atingir a poucos, e sim um dos caminhos a serem trilhados para alterar a concepção atual de prática social de leitura. No documento da Fundação Biblioteca Nacional sobre Princípios e Diretrizes da Biblioteca Pública (2000, p. 17), encontramos uma quebra dos paradigmas passadistas do conceito desses lugares ao afirmar que “uma biblioteca pública deve constituir-se em ambiente realmente público, de convivência agradável, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, trocar ideias, discutir problemas, autoinstruir-se e participar de atividades culturais e de lazer”. Portanto, não é um lugar de silêncio absoluto onde todos estão cabisbaixos lendo livros de literatura.

Outra questão merecedora de destaque e análise é a especialidade de seus funcionários. Ter bibliotecária e auxiliares em formação continuada é imprescindível para lidarem com a formação de leitores e entenderem os contornos atuais desses espaços de leitura. Faz-se necessário romper com a categorização elitista e intelectualizada das bibliotecas e democratizar o acesso à cultura livresca. As políticas de incentivo não podem ficar sujeitas apenas a propagandas ou ao cumprimento parcial de metas das secretarias municipais. Precisam ser ações efetivas e reais. A leitura necessita ganhar destaque nos investimentos.

Tornar uma sociedade realmente leitora não é exclusividade da escola. Entram nessa empreitada a família e o poder público, na constituição de bibliotecas atualizadas e dinâmicas, facilitando o acesso dos cidadãos à cultura letrada. Obviamente que essas ações precisam abastecer-se de munições envolvendo um olhar diferenciado para a prática social de leitura, desfocando a visão do conceito tradicional de leitura apenas literária.

2.2.1 Literários e didáticos: a confluência dos empréstimos

Partindo para a análise de dados coletados no PHL (sítio de controle de empréstimos da biblioteca), constatamos a evolução de empréstimos mês a mês, as obras mais requisitadas mensalmente e o ranking anual de empréstimos. A filtragem das informações foi auxiliada por um dos diretores da biblioteca da UFSJ, colaboradora do sistema tecnológico da Municipal.

Por meio do PHL detectamos o número de empréstimos no ano de 2013, incluindo livros literários e de estudos. Verificamos a média de aproximadamente 534 empréstimos por mês mantendo-se em constância durante o ano, com queda apenas nos meses finais e iniciais, coincidência com férias escolares (Gráfico 1). O fato constatado demonstra que a Biblioteca Pública, em tempos de concorrência com as facilidades digitais, possui uma movimentação expressiva.

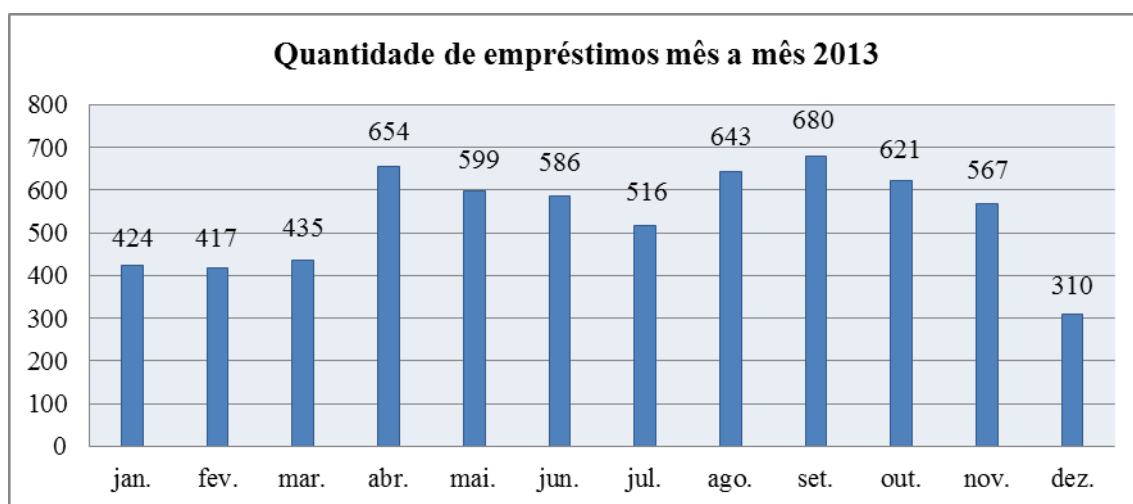


Gráfico 1: quantidade de empréstimos mês a mês 2013

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Para melhor organizamos as informações colhidas, dividiremos os dados sobre os tipos de empréstimos realizados em três grupos:

Grupo 1: Utilitários (livros didáticos, instrutivos, material de estudo);

Grupo 2: Clássicos (literatura de autores consagrados academicamente);

Grupo 3: *Best-sellers*⁴ (literatura midiática, modista, considerada de massa).

Quanto ao Grupo 1, denominado “Utilitários”, ao analisarmos o Gráfico 2, encontramos a expressiva procura por material de estudo, pois aproximadamente 10%

⁴ *Best-sellers* aqui será tomado não apenas com a significação de os mais vendidos, mas sim como aquelas obras de repercussão midiática, seja por publicidade, seja por se tornarem filmes ou seriados de TV, como também aquelas transformadas em um “modismo”, especialmente quando a obra tem uma série de volumes a serem lançados. Ressaltamos este foco de análise, pois há livros de autores já consagrados pela academia, como Jorge Amado, que se tornaram *best-sellers*, ou mesmo no século XIX, quando houve autores que, de certa forma, foram os mais vendidos e nem por isso são classificados hoje como literatura de massa.

do empréstimo anual são de livros didáticos. O fato destaca o uso do espaço da Biblioteca como local para aprimorar conhecimentos escolares, demonstrando sua importância social. No questionário respondido pelos usuários, mais de 20% deles definiram a Biblioteca como um lugar para estudar e 15% como um lugar para pesquisar (ver gráfico da pesquisa no ANEXO B). Salientamos, diante dessa constatação, que a Biblioteca Pública cumpre um papel democratizador, pois ela não se reduz apenas à leitura literária.

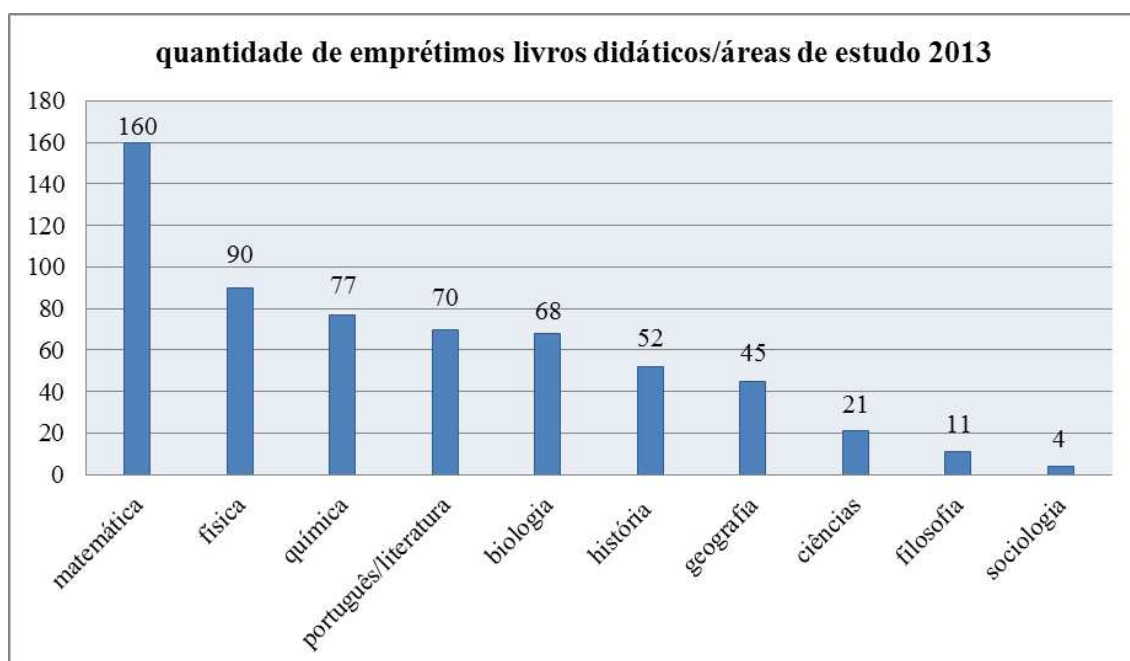


Gráfico 2: empréstimo de livros didáticos por área de estudo no ano de 2013

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Em uma primeira análise, o dado sobre a busca por material didático e/ou de estudo parece ruir a imagem tradicional das bibliotecas: um lugar formador de leitores de literatura. Distancia-se, assim, daquela visão amalgamada em um modelo dos primeiros tempos desses gabinetes de leitura, onde predominam o silêncio e a frequência de pessoas em busca do conhecimento e do prazer literário. Elas podem ter essa característica, mas temos que reconhecer os novos contornos e frequentadores das bibliotecas. A universalização do acesso à escola, a redução da taxa de analfabetismo e a vontade de ascensão social modificaram o perfil da sociedade atual. Sair de uma posição excludente para se inserir em outros meios e ainda usufruir das benesses

culturais, outrora reduzidas a um público elitista, fazem parte do desejo da sociedade contemporânea. Provavelmente, esse usufruir apresenta formas diferenciadas, mas em um país categorizado como onde não se lê, as alterações ocorridas permitem maior acesso ao livro, não apenas ao de literatura clássica, mas ao produto massificado e utilitarista. Quem vai às bibliotecas, realmente, são aqueles em busca de mudança das condições econômicas e sociais, aqueles que querem maiores oportunidades de trabalho, educação e cultura. Se é esta a utilidade das bibliotecas públicas, democratizar as oportunidades, elas então cumprem seu papel social e mudam a representação erudita do passado.

Durante a pesquisa, ao fazermos observações *in loco*, verificamos um movimento de estudantes indo à Biblioteca para estudo individual ou em grupo. Um bom número deles está se preparando para concursos públicos (especificamente os militares: EsSA, EsPCEEx, AFA, EPCAR e CN), por isso a expressiva saída de livros das áreas de matemática, física, química, português, biologia, história e geografia, conteúdos comuns a essas provas. O fato observado foi endossado nas entrevistas com os auxiliares de biblioteca. No entanto, estes perceberam uma redução, nos últimos anos, do número de pessoas à procura da Biblioteca com esse objetivo, talvez pela razão de a cidade oferecer em torno de seis cursos preparatórios para o ENEM e/ou a área militar. Aqui, já começamos a perceber uma característica da Biblioteca Pública Baptista Caetano d'Almeida: um local de estudos e busca de material pedagógico. Zoara Failla (2012), na introdução de *Retratos da Leitura no Brasil 3*, aponta uma questão importante a ser pensada:

se a biblioteca é vista como lugar para estudar, é preciso mudar sua cara para mostrar que pode ser um equipamento cultural voltado para toda a comunidade. Isso somente será possível se ela for transformada de fato, passando a oferecer atividades convidativas à população local [...] (p. 49).

Mas Cultura e Educação devem caminhar juntas e não se excluírem. Ao levarmos em consideração a Biblioteca como uma entidade pública, não devemos criar uma visão reducionista dela como local apenas de estudo, mas sim como um lugar também de estudo, pois cumpre, dessa forma, seu papel de socialização junto à comunidade.

Seja como espaço de estudo ou de leitura, uma biblioteca necessita ser difusora de outras formas de cultura, inclusive aquelas oriundas de percepções e vivências culturais periféricas. Desse modo, ela perpetua sua sobrevivência em meio às transformações tecnológicas e necessidades sociais advindas de um mundo mais globalizado.

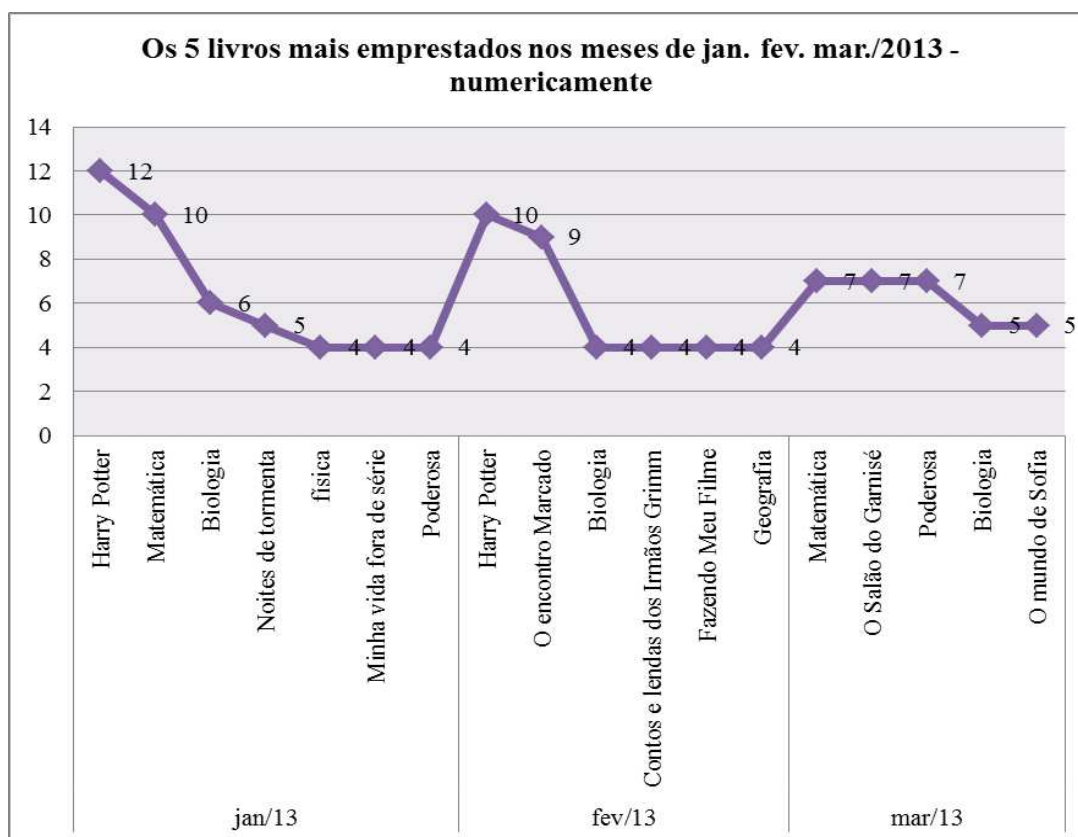
Os pontos suscitados parecem designar à biblioteca um papel de desdobramento da escola. Quando tomamos conhecimento do trabalho desempenhado pela contadora de histórias da Biblioteca, detectamos que não existe no quadro de funcionários da Prefeitura o cargo de contadora de histórias. Assim, a designada é uma professora efetiva transferida de alguma escola do município. A função atribuída não se limita ao espaço da Biblioteca Pública. Há a obrigatoriedade da ida às escolas da cidade, principalmente as de zona rural, para contar histórias e formar professoras contadoras. Faz, portanto, um trabalho de auxiliar os estabelecimentos municipais de ensino no processo educacional. Apesar de o fato parecer reforçar a imagem da Biblioteca como um braço da escola desviando os contornos culturais e de formação leitora comuns a esse tipo de estabelecimento, é preciso analisar melhor a situação. Como a Biblioteca tem uma função social, não há problema no auxílio prestado às escolas, pois aqui vemos a existência muito mais de um desdobramento cultural do que exatamente escolar.

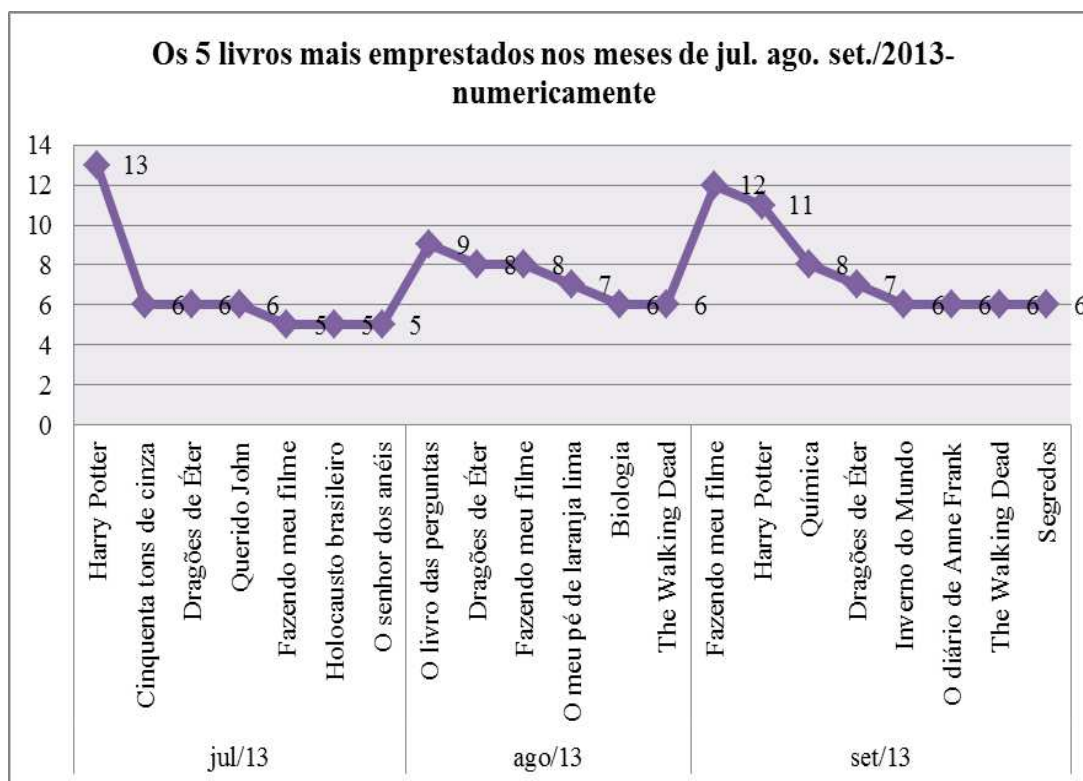
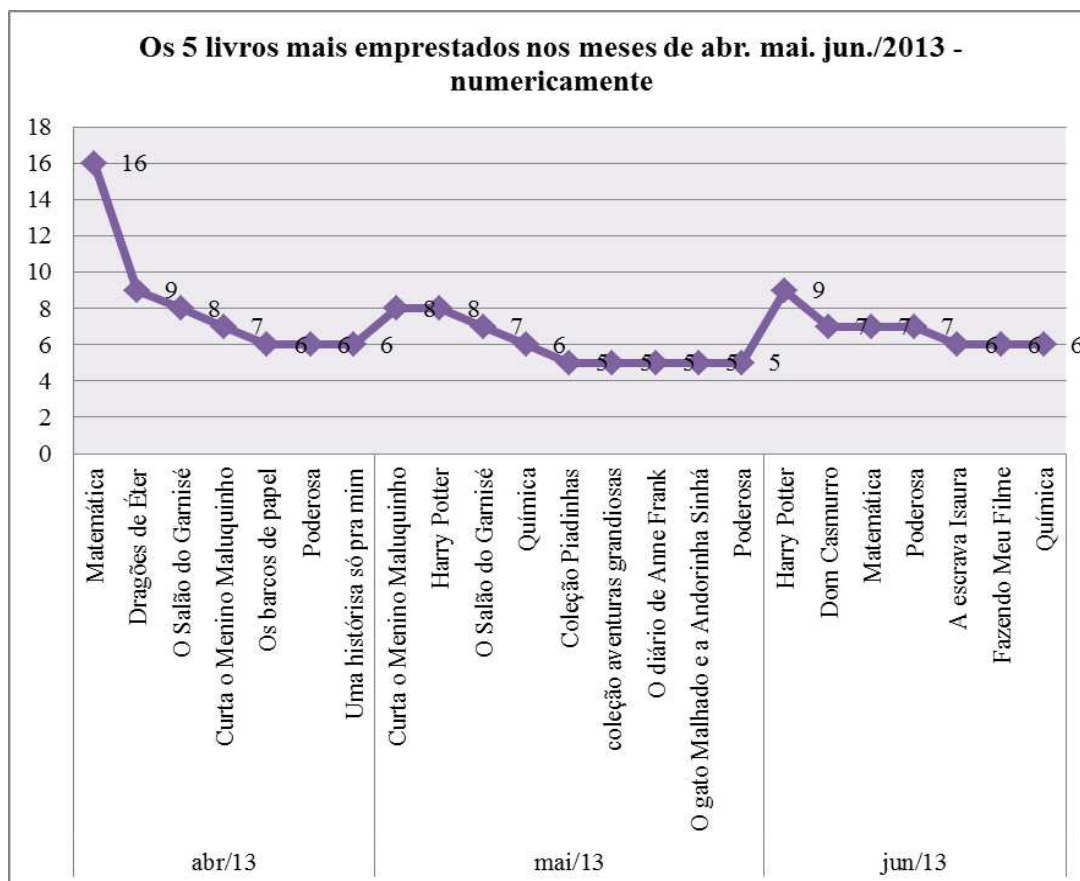
Se hoje existe apenas uma contadora de histórias e esta não é funcionária fixa da Biblioteca, ressaltamos o fato de contar histórias ser um papel que cabe a todas as pessoas e deveria ser valorizado e explorado nos espaços sociais de leitura, como é e deveria ser vista uma Biblioteca Pública. Somos viajantes, inventores e vivenciadores de histórias como disse Walter Benjamin (1994). A presença de uma profissional nessa área é importante sim, mas é preciso ter projetos muito bem construídos para criar eventos na Biblioteca, a fim de propiciar e difundir histórias, narrativas orais e fomentar a leitura.

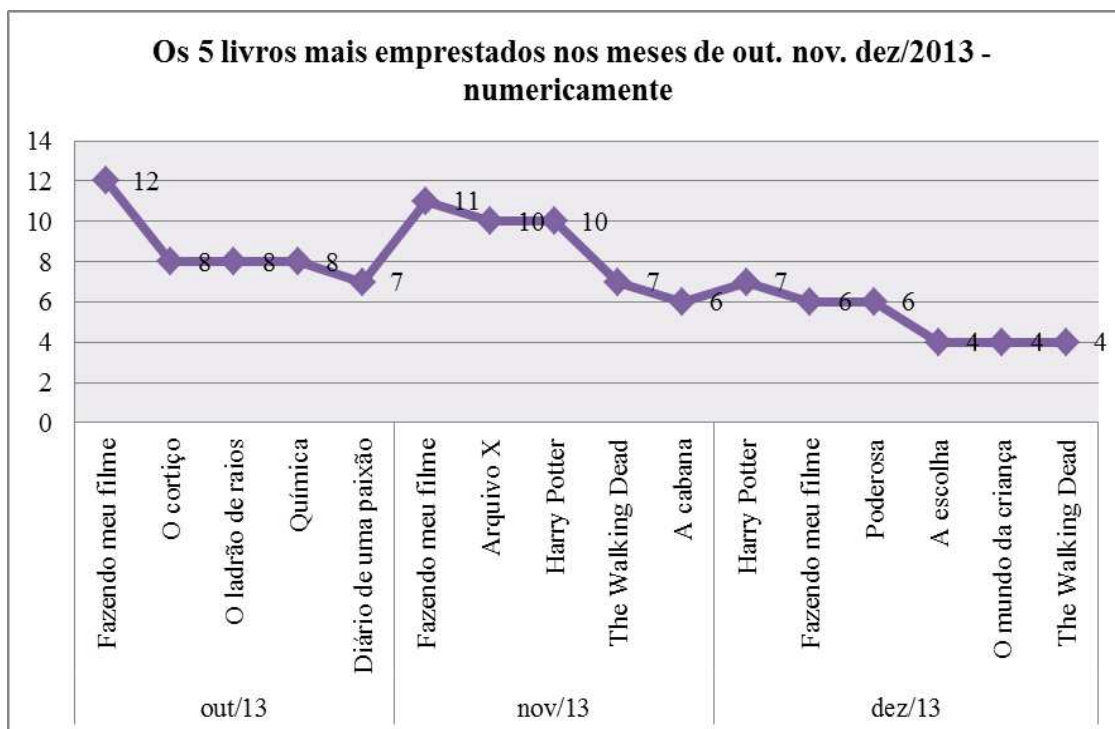
Desenvolvendo a perspectiva analítica dos Grupos de empréstimos, optamos, para detectar a presença de obras pertencentes ao Grupo 2, dos Clássicos, por um ranking dos cinco livros mais emprestados mensalmente (Gráficos 3). Desse modo, verificamos, dentre as 78 obras figuradas, a presença de obras didáticas (exceto nos meses de julho, novembro e dezembro), *best-sellers* e cinco títulos clássicos: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos; *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; e

Encontro Marcado, de Fernando Sabino. Podemos inserir nessa listagem *O gato malhado e a andorinha Sinhá*, de Jorge Amado; *O salão do Garnisé*, de Ronaldo Simões Coelho; a *Coleção Aventuras Grandiosas*; e *Contos e Lendas dos Irmãos Grimm*, *Uma história só pra mim*, de Moacyr Scliar. Uns por se tratarem de obras destinadas ao leitor infanto-juvenil escritas por autores reconhecidos nacionalmente, outros por serem adaptações de clássicos da literatura universal.

Baseado na experiência didática de professor, nas turmas de Pré-vestibular e Ensino Médio, desenvolvida há 18 anos, supomos ser esses livros textos indicados como leitura obrigatória escolar. Isso demonstra a escola ainda como o espaço que agrega conhecimento literário ao trabalhar e exigir dos alunos a leitura dos clássicos. Embora acreditarmos que a formação literária deva acompanhar o tempo e as gerações de escritores e leitores, cabe à escola o papel de ampliar o repertório cultural dos alunos, incentivando e adotando livros que fazem parte da tradição literária do Brasil e também aqueles da literatura universal.







Gráficos 3 – ranking das cinco obras mais emprestadas mensalmente em 2013.
 Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Para a análise do último Grupo, os *best-sellers*, contabilizamos no ranking descrito a presença de mais de 50% de títulos sob essa definição. São livros mercadológicos ou resultantes de marketing, como também obras típicas de fantasia bem ao gosto do público juvenil, como *Harry Potter*, *Minha vida fora de série*, *O ladrão de raios*, *Diário de uma paixão*, *A cabana*, *Cinquenta tons de cinza*, dentre outros. No entanto, para um estudo melhor do Grupo 3, fizemos um levantamento das 10 obras literárias mais emprestadas no ano de 2013 (Gráfico 4). Detectamos, assim, que todas as obras são *best-sellers*.



Gráfico 4: As 10 obras literárias mais emprestadas em 2013 – quantidade

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

* Bibliografia dos livros constantes nesta listagem no ANEXO C

Sendo o Grupo 3 a predominância de empréstimos da BMBCA, torna-se imprescindível atentarmos para as características desses livros presentes no Gráfico 4: a forma narrativa, a nacionalidade, o estilo do conteúdo, os modos de promoção e divulgação.

Os livros *Fazendo meu filme* e *Minha vida fora de série*, de Paula Pimenta, são infantojuvenis, destinados especialmente a meninas, pois as narrativas retratam o dia a dia de adolescentes apaixonadas e suas dúvidas. Segundo uma leitora (de 12 anos de idade), presente na Biblioteca Municipal durante a realização da pesquisa, “as meninas se identificam com a vida da personagem Fani, e vivem situações parecidas na vida real”. Produzidas em volumes, o primeiro tem uma série de quatro e o outro duas temporadas, as obras viraram *best-sellers* transformando a autora brasileira em uma espécie de ídolo *teen*. Segundo o sitio da Veja BH, a escritora já vendeu mais de 400 mil exemplares e teve os direitos de publicação vendidos para Portugal, Espanha e vários países da América Latina. O sucesso de comercialização rendeu também um filme sobre o primeiro livro das aventuras de Fani a ser lançado em 2015. Observemos, nesse dado, um fator do mercado, se há uma lucratividade na venda dos livros, isso pode também atrair o público leitor aos cinemas. Dessa forma, aliar os dois responde aos anseios de uma sociedade movida pelo capital.

Sucesso de vendas e de bilheteria cinematográfica é a série do bruxo adolescente *Harry Potter*, obra de ficção fantástica infantojuvenil. São sete livros e sete filmes transformados em mania adolescente. O considerável número de páginas (variando entre 240 e 710) não foi motivo para afastar o leitor das obras. A autora J. K. Rowling aliou magia e reinos encantados ao mundo real, por onde passeiam bruxinhos adolescentes vivenciando aventuras fantásticas com uma leve pitada de romances. Discute também temas como amizade, ambição, escolha, preconceito, coragem, crescimento, responsabilidade moral e as complexidades da vida e da morte. A fórmula fez da obra sucesso no mundo todo, porém a produção cinematográfica, de certa forma alavancou mais a vendagem. O primeiro volume foi lançado por volta de 1997 e o último 10 anos depois. Já o filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal* veio em 2001, quando quatro volumes já estavam sendo comercializados.

Indicado ao Prêmio Jabuti em 2005 na categoria infantojuvenil, Sérgio Klein é o autor brasileiro da série *Poderosa: diário de uma garota que tinha o mundo na mão*. Os livros têm publicação em países como Espanha, México e Itália, e tiveram os direitos de filmagem vendidos para o cinema. Apesar de ser uma coleção, eles podem ser lidos fora da sequência e trazem as aventuras de Joana Dalva, uma garota que transforma em realidade tudo o que escreve com a mão esquerda. A obra, mais uma de ficção fantástica, não teve o mesmo *boom* de vendas dos livros da autora Paula Pimenta, mas fez sucesso entre os adolescentes, contabilizando cinco volumes. Ambos os autores, brasileiros, têm um público semelhante: os adolescentes, independente da classe social, pois são leituras observadas tanto nas escolas públicas quanto nas privadas.

Magias, fadas, reinos encantados envoltos com personagens reais e fantásticos são a essência da trilogia *Dragões de Éter*, de Raphael Draccon. O lançamento da série foi em 2003 e os três livros têm um total de aproximadamente 1.400 páginas, vindo na mesma linha de obras volumosas como *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis* e *Fazendo meu filme*. Esse fato corrobora para se questionar a constante fala de que “adolescente não gosta de ler”, se não gosta, por que lê obras tão extensas? Esse questionamento quebra alguns paradigmas sobre o ato de ler e leva-nos a verificar as características dessa prática social de leitura. Provavelmente, temos nessas obras elementos típicos dos anseios juvenis atuais, os quais, atraídos pela ficção fantástica, estão envoltos num universo tecnológico. A série já atingiu a marca dos 200 mil exemplares no Brasil e o box da trilogia alcançou o 1º lugar do portal de vendas Submarino, onde permaneceu

por um ano como o livro mais desejado do sitio (informação da página pessoal do autor www.raphaeldraccon.com).

A saga de fantasias *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, escrita entre 1937 e 1949, foi publicada originalmente na Inglaterra em três volumes durante os anos de 1954 e 1955. Englobando filologia, mitologia e religião, a obra gerou fãs em diversas partes do mundo e inspirou trabalhos de arte, música, cinema, televisão, videogames, RPG e uma literatura paralela. Esse épico teve boa repercussão, especialmente nos países de língua inglesa, tornando-se um dos trabalhos mais populares da literatura do século XX. No Brasil, chegou 20 anos após a publicação inglesa e foi considerada uma tradução “horrível”, provável motivo de não ter sido sucesso na época (ANTUNES, 2009, p. 12). Thiago Antunes (2009, p. 13) lembra que “presenciamos uma grande explosão desta obra após a filmagem de Peter Jackson lançados em 2001, 2002 e 2003 mantendo a divisão em três volumes.” Esse pesquisador ressalta a crença de algumas pessoas de que o sucesso da narrativa de Tolkien se deve apenas a essa produção hollywoodiana. O fato é que a obra, escrita originalmente como volume único, já vendeu mais de 150 milhões de cópias, ficando, portanto, entre os maiores *best-sellers* do mundo.

Os romances: *Noites de tormenta*, *Querido John* e *Diário de uma paixão* foram escritos pelo americano Nicholas Sparks, um fenômeno “das histórias de amor um tanto açucaradas em que o casal sempre enfrenta muitas dificuldades (isso quando um deles não morre). Ambientadas no interior dos EUA, feitas de gente simples e comum”, nas palavras de Mariana Peixoto (2013) do caderno de Cultura do jornal Estado de Minas. Se não bastasse a fórmula de escrita comum aos 18 livros já lançados, 17 no Brasil, oito obras transformaram-se em filmes e mais dois são esperados para 2014 e 2015. Tudo isso contribui para fazer do autor um líder de vendas, quase 90 milhões no mundo todo. No Brasil, suas obras aparecem na lista das mais vendidas e o sucesso aqui foi coroado com a participação do autor na Bienal do Rio de 2013 para o lançamento do romance *Uma longa jornada*, como noticiou o jornal O Globo. Mariana Peixoto (2013) ainda destaca, em sua coluna no EM Cultura, uma característica de sedução ao leitor presente nas capas das edições brasileiras: há um motivo monotemático, normalmente é “um casal olho no olho, naquele momento que antecede (ou precede) um beijo”.

Caracterizada como literatura pornográfica por uns e erótica por outros, a trilogia da escritora E. L. James, *Cinquenta tons (de cinza, de liberdade e mais escuros)*,

causou rebuliço. Os livros narram a história de uma jovem inocente e um misterioso milionário recheada de cenas de sexo temperadas por sadomasoquismo. Ruth de Aquino (2012), colunista da revista *Época*, critica a ideia de a obra ser classificada de pornográfica, pois a vê como inocente, “uma carochinha erótica para amadores. Só 10% de suas páginas são dedicadas a sexo. Os adjetivos e interjeições são ingênuos”. Polêmicas à parte (muitas na imprensa, o que pode ter alavancado as vendas da obra), a questão é que os três livros da série se mantiveram entre os mais vendidos em 2013, dado constatado no sitio *publishnews* (responsável por uma amostra, via consulta a editoras dos livros que foram mais comercializados). O sucesso mundial da obra rendeu um filme a ser lançado em 2014.

Os comentários explicativos dos 10 livros constantes na lista dos mais emprestados da BMBCA permitem algumas avaliações importantes no processo de construção das respostas aos objetivos propostos. Sete deles se caracterizam como produções feitas em série, ou são histórias com continuísmo nos volumes seguintes, ou são narrativas girando em torno de um mesmo personagem. Os outros três pertencem a um mesmo autor e não têm essa particularidade, porém apresentam uma maneira de narrar semelhante: são as típicas historinhas “água com açúcar” prontas a arrancar lágrimas de seus leitores. Portanto, por mais que as pessoas vivam em contextos “tecnológicos” movidas pela máquina, não abandonaram a necessidade de fantasiar, imaginar e sonhar. Elas ainda veem a leitura como uma atividade de fuga, de devaneio, pois os livros não perderam o encantamento e espaço no dia a dia da sociedade. O espaço pode até ser pequeno em relação às outras linguagens existentes (do cinema, da teledramaturgia, dos jogos), mas há um lugar para essa prática social.

Dentre as obras apresentadas, cinco viraram filmes e três estão nos planos cinematográficos para breve. A força do cinema na promoção comercial de livros é considerável e amplia vendas. Um bom exemplo é *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak, da editora Intrínseca. Lançado no Brasil em 2007, figurou entre os mais vendidos na listagem da revista *Veja*. Agora, em 2014, chegou ao cinema, motivo para alavancar mais uma vez a vendagem da obra, colocando-a como o segundo livro mais comercializado na lista da revista *Veja* de 05 de fevereiro de 2014.

Frédéric Martel (2012, p. 20), em sua obra intitulada *Mainstream*, apresenta-nos algumas reflexões sobre o mercado globalizado e a cultura. A palavra *mainstream*, segundo ele, tem “difícil tradução, significa literalmente ‘dominante’ ou ‘grande

público’, sendo usada em geral para se referir a um meio de comunicação, um programa de televisão ou um produto cultural que vise um público amplo.” Essa é uma ideia presente na transformação mercadológica promovida pelo cinema à literatura. O livro passa a um grande público como um bem cultural daquele instante. Situação comum aos *best-sellers* e a várias das obras constantes no levantamento dos livros mais emprestados pela Biblioteca Baptista Caetano em 2013. Ainda reforçamos a questão com mais uma fala de Martel (2012, p. 21) sobre a “cultura *mainstream*”, a qual “pode ter uma conotação positiva e não elitista, no sentido de ‘cultura para todos’, ou mais negativa, no sentido de ‘cultura de mercado’, comercial, ou de cultura formatada e uniformizada.” Sob o viés de uma cultura mercadológica e “para todos”, perpassaremos, mais adiante, pela análise sobre o lugar a ser ocupado pela leitura no contexto cultural do século XXI. Desse modo, a questão suscitada por Martel retornará em virtude dos contornos percebidos nas 10 obras aqui elencadas.

Antes de estudarmos os gráficos ilustrativos das respostas colhidas no questionário aplicado aos usuários da Biblioteca Municipal, vale entrelaçarmos alguns pontos até então enumerados. Ao termos, dentre as 10 obras mais emprestadas na BMBCA, apenas *best-sellers*, principalmente os livros “badalados” pela mídia, cabe ressaltar a necessidade de não termos um olhar preconceituoso e castrador do gosto literário desses leitores. Márcia Abreu (2006) trouxe, em *Cultura Letrada*, questionamentos a respeito de listagens criadas pela imprensa (é o caso da Revista *IstoÉ* e da *Folha de S. Paulo*) a respeito dos melhores romances brasileiros e estrangeiros de todos os tempos e dos melhores escritores brasileiros do século XX. Figuram no ranking clássicos como *Doutor Fausto*, de Thomas Mann; *Finnegans Wake*, de James Joyce; *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, para ficarmos em apenas alguns exemplos. Várias dessas obras possuem um experimentalismo modernista, tal o livro de Oswald de Andrade, ou mesmo uma narrativa densa de difícil compreensão, até mesmo para se produzirem traduções para o português, exemplo de *Finnegans Wake*. No entanto, dentre os acadêmicos, não há dúvidas sobre a qualidade literária desses autores e a importância das obras, contribuindo para a renovação literária mundial. Luis Fernando Verissimo (1999) em uma crônica intitulada *Mar de palavras*, escreveu:

Três naufragos cegos: Homero, Joyce e Borges, à deriva num mar de palavras. Seu navio bateu numa metáfora – a ponta de um iceberg – e foi ao fundo. Seu bote salva-vidas é levado por uma corrente literária para longe das rotas mais navegadas, eles só serão encontrados se críticos e exegetas da guarda-costeira, que patrulham o mar, os descobrirem na vastidão azul das línguas e os resgatarem de helicóptero. E, mesmo assim, se debaterão contra o salvamento. São cegos difíceis (p. 167).

Com pitadas de ironia, Veríssimo (1999) reforça o dito, há autores “difíceis” necessitando ser lidos, mas os únicos a se habilitarem são os exegetas, os críticos. Eles estão “longe das rotas mais navegadas”, distantes de uma possível e leve compreensão de muitos leitores. Portanto, ficam restritos a pouca leitura.

Como afirmamos, é praticamente unânime entre os críticos literários o lugar ocupado por diversas obras e autores, porém “não há consenso quando se trata de gosto e, especialmente, de gosto literário” (ABREU, 2006, p. 15). Enquanto alguns irão eleger Machado de Assis como o maior escritor brasileiro, outros darão o título a Paulo Coelho. “As listas refletem, portanto, a média dos gostos particulares de algumas pessoas e não um padrão estético universalmente aceito” (p. 16). Por isso, os *best-sellers* elencados na pesquisa realizada na Biblioteca Baptista Caetano não podem ser defenestrados pelo estudioso da literatura, mas observados e analisados em um contexto cultural da contemporaneidade. Passamos por um momento de velocidade nas ações e comportamentos humanos e por um estresse advindo das pressões capitalistas e globalizadas, as quais instigam as pessoas a buscarem caminhos menos árduos em seu cotidiano. Provavelmente, a leitura como forma de lazer necessite das escolhas observadas na coletânea apresentada. Não está aqui em discussão o lugar do *best-seller* como aquele que abortará a leitura dos clássicos, mas sim o perfil do leitor, os contornos desse sujeito em contato com uma biblioteca pública e com a leitura. Reafirmamos a questão citando novamente Márcia Abreu (2006, p. 41): “Nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais”.

Desse modo, nossa pesquisa contribui para que a pergunta o “que é literatura?” seja ampliada e não restritiva a um único olhar. Lembramos ainda a situação suscitada por Dering (2012) a respeito da leitura de massa e consequentemente da discussão do valor estético da literatura:

Quando nos referimos à literatura de massa, no entanto, não se condiciona apenas ao número de vendas, que pode ou não ser representativo, mas também parte do pressuposto de que haja determinada ou conceituada literatura que se volta – e/ou também se realiza – para e pela massa, isto é, um tipo de literatura que suscite não apenas um *leitor elitizado*, mas um leitor qualquer. É inegável que essa literatura possua uma absorção maior de sujeitos, uma vez que é voltada para a massa, contudo essa repercussão não necessariamente é tão alta quanto se espera. Isso implica dizer que toda e qualquer definição que se refira à literatura pode abarcar obras sem nenhum valor literário e estético, bem como podem delas surgir obras de cunho literário de altíssimo valor, isso dependerá de como essa obra é acolhida pelos leitores e críticos (p. 37).

O pesquisador traz à baila o fato de, ao se falar de prática de leitura, termos o cuidado com definições e nos preocuparmos mais com os leitores, com a formação deles. Nossa busca, por isso, figura especialmente na questão da leitura como bem cultural. Zilberman (2001, p. 89) lança luz sobre a questão ao afirmar a maneira como a atuação do leitor transparece na avaliação do impacto que “determinadas obras geram no meio artístico, cultural, social e ideológico”. Dessa forma, ouvir o frequentador da biblioteca pública configura a voz necessária que mapeia sua inserção no contexto social e cultural.

2.2.2 O usuário pelo usuário: mapeando um perfil

Conduzimos o estudo do usuário da Biblioteca Pública, até o momento, a partir dos quatro eixos propostos. Mediante a análise feita, percebemos um sujeito que frequenta a Biblioteca para estudar e para empréstimos, na maioria, de *best-sellers*. Porém, é necessário afunilarmos a análise para conhecê-lo melhor. Por isso, vejamos: quem é ele? Qual sua relação com a Biblioteca? Qual a relação dele com o livro de leitura?

Diante das respostas coletadas, constatamos a frequência maior de público feminino (70%) e de estudantes de escolas estaduais/públicas (71%). Ficou perceptível também na formação do usuário que mais de 50% giram em torno de pessoas com o ensino médio completo ou por completar. Ressaltamos ainda a presença de mais de 60% de sujeitos até 20 anos de idade (Ver gráficos: 5, 6, 7 e 8).

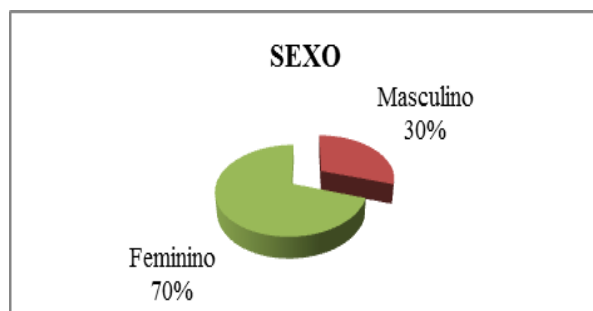


Gráfico 5: sexo do usuário

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

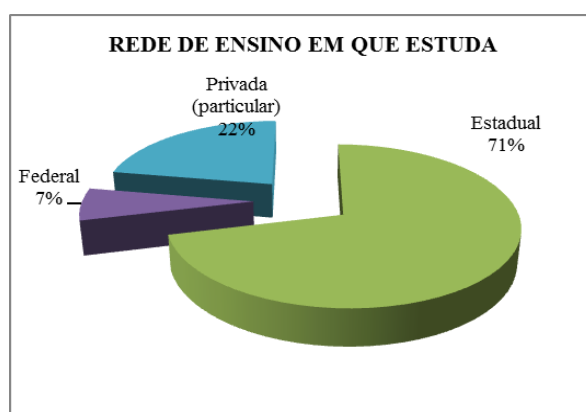


Gráfico 6: rede de ensino em que estuda

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

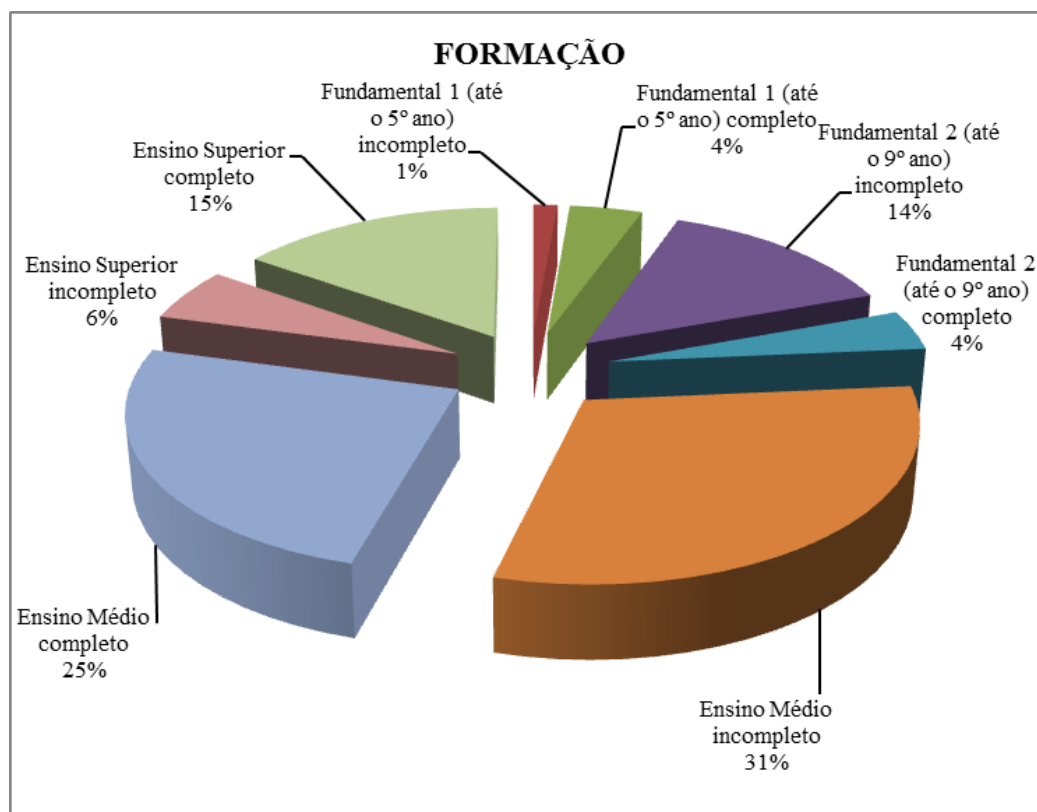


Gráfico 7: Formação escolar

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

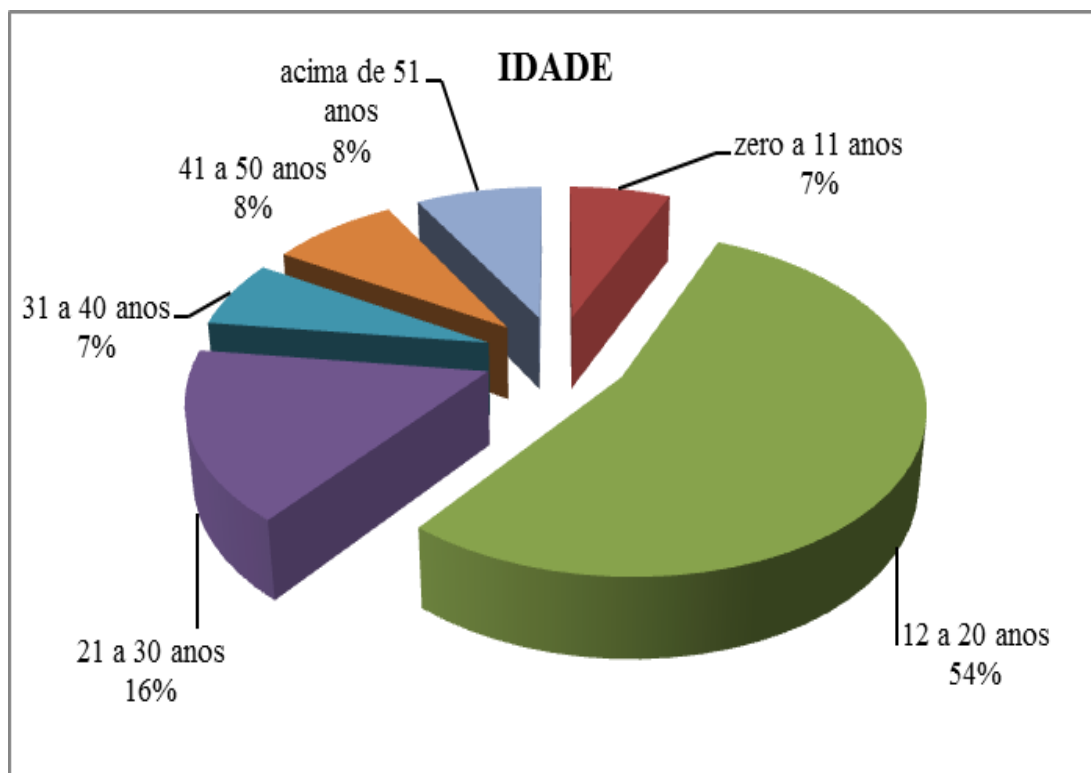


Gráfico 8: Idade

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Os dados expostos nesses Gráficos contribuem para percebermos a presença de um frequentador com perfil de estudante. Primeiro, pela idade – até 20 anos –, faixa comum àqueles prestes a entrar na universidade ou aos desejosos de prestar concursos públicos, como afirmamos no subcapítulo 2.2.1. Destacamos o fato de os estudantes, sejam do ensino básico ou superior, perfazerem um total de 65% (Gráfico 9), ou seja, temos mais frequentadores de instituições de ensino. Isso significa que a Biblioteca é um espaço social de leitura e estudo contribuindo para complementar o aprendizado escolar. Além disso, ela amplia os ambientes de leitura na sociedade e cumpre um papel democratizador ajudando na caminhada desses sujeitos rumo à consolidação e transformação do futuro deles. No entanto, salientamos que o conceito de leitor transcende o espaço escolar para constituir o papel de um cidadão leitor.



Gráfico 9: Usuários: estudantes/não-estudantes
 Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

O papel de cidadão leitor está perceptível, também, nos usuários não-estudantes, os quais procuram a Biblioteca para ler jornais e revistas e fazer empréstimos de livros literários. Buscam, frequentemente, leituras por gosto e/ou títulos indicados pelos amigos. Entre os não-estudantes, além de verem a Biblioteca como um lugar de lazer e para passar o tempo, alguns aproveitam para fazerem pesquisas nos acervos, especialmente nos periódicos antigos. A ida deles é mais constante, praticamente toda semana comparecem, e são também os mais frequentes aos eventos culturais promovidos pela Biblioteca.

A fim de verificar a representação do espaço da Biblioteca para o usuário, tomamos como referência, para elaborar o questionário aplicado, os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3* (2012) (ANEXO D). Pudemos constatar, em nossa pesquisa, que a Biblioteca representa para 21% dos usuários “um lugar para estudar”, para 15% “um lugar para pesquisar” e 13% a veem como “lugar para emprestar livros de literatura” (Gráfico 10). Tradicionalmente, concebe-se a imagem da Biblioteca como um ambiente restrito à leitura e pesquisa. Não obstante, percebemos que o uso dela com o objetivo de estudo e pesquisa ampliou. Talvez, isso tenha ocorrido em virtude do maior acesso das pessoas à alfabetização e também pela necessidade de aprimorar conhecimentos para a sobrevivência no competitivo mercado de trabalho. Dessa maneira, vemos a Biblioteca Pública cumprindo o papel social de gerar oportunidades, especialmente àquela parcela da sociedade excluída de bens culturais e econômicos.



Gráfico 10: representação da biblioteca Baptista Caetano, segundo usuários

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Se pensarmos, ante os dados do Gráfico 10, que a representação da Biblioteca Pública tem uma figuração maior como ambiente de estudo, faz-se necessário atentarmos para a questão da prática social de leitura. Esta, provavelmente, não está bem incorporada, pois a leitura pode parecer um ato obrigatório da escola ou mesmo, em termos práticos, uma forma de sobrevivência em uma sociedade de cultura escrita. Isso significa que a leitura relacionada à educação ainda ocupa um lugar e a educação é um princípio e um valor a ser buscado pelas pessoas.

Outros pontos merecem atenção. Por exemplo, é interessante vermos que os usuários talvez não vejam a existência de uma relação entre lazer e cultura, pois a Biblioteca como “lugar de lazer” aparece na quinta posição e, como lugar para “participar de concertos, exposições e eventos culturais”, fica na penúltima colocação. Almeida e Gutierrez (2004) discorrem sobre lazer e cultura e afirmam que:

desde os primeiros textos de lazer existe a relação com a cultura, por isso, muitas das atividades designadas como lazer passam por manifestações de cultura. Podemos exemplificá-las como os vários tipos de jogos, brincadeiras, expressões artísticas, não há dúvida que

as atividades designadas são lazeres e fazem parte da herança cultural de cada comunidade ou sociedade (p. 52).

A concepção de lazer e cultura, na sociedade contemporânea, possui a influência do maior acesso das pessoas a elementos da indústria cultural, à cultura de massa, mediante a melhora da situação econômica e à ampla difusão de bens culturais espetacularizados. Dessa forma, ler como lazer fica mais restrito à leitura de obras mercadológicas e com forte presença de marketing.

A fim de solidificar as reflexões até aqui construídas, traremos outros informes balizadores. À pergunta “motivo da frequência à biblioteca” predominaram “a busca de leituras por gosto ou indicação” e “uso do espaço exclusivamente para estudo e pesquisa”. Apesar de o primeiro representar 34% e o outro 29%, há um equilíbrio nos dados (Gráfico 11). Conforme já detectado em gráficos anteriores, na BMBCA, há uma constância de empréstimos de livros literários e didáticos (Gráficos 2, 3 e 4). Então, não há motivo para dizermos que houve uma quebra da percepção da Biblioteca com foco maior para estudo. Muito ao contrário. Estamos confirmando os dados até agora apresentados.

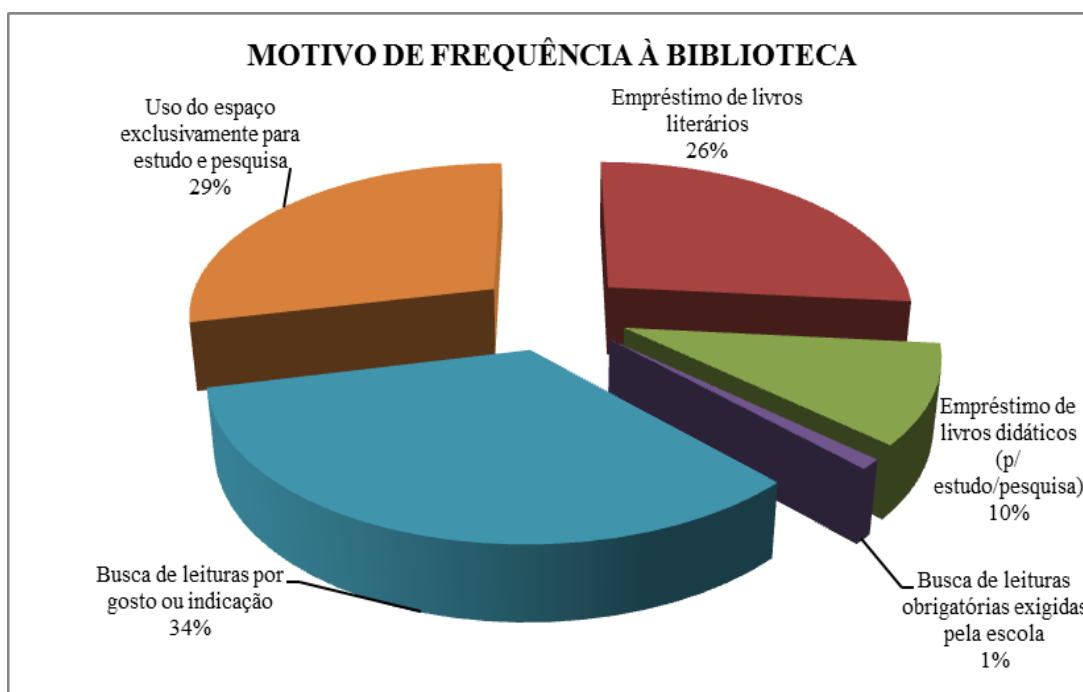


Gráfico 11: Motivo de frequência à biblioteca
Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

A pesquisa que realizamos no espaço da Biblioteca visou também a observar o local como difusor de outras formas de cultura além da leitura. Pudemos verificar a existência de projetos envolvendo atividades diferentes da leitura, pois, atualmente, a Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida promove eventos como sarau, cineclube e exposições. À exceção das exposições, as demais promoções ocorrem em horário extra ao do expediente normal da Biblioteca. Todavia, atentemos que se tratam de atividades culturais com características elitistas e tradicionais. Não há eventos envolvendo culturas periféricas. Face ao exposto, observamos quão baixa é a participação das pessoas: mais de 70% não comparecem a nenhum tipo de evento (Gráfico 12). Quando participam, são mais assíduas àqueles ocorridos no horário do expediente da Municipal. É o caso das exposições (Gráfico 13). A informação constrói duas hipóteses: 1) A baixa frequência aos eventos resulta de atividades que não atraem a todos por se tratar de cultura erudita; e 2) Falta um projeto cultural elaborado com investimentos e divulgação para atingir a um maior público. Perante essas considerações, o trabalho de se aliar a imagem da Biblioteca como local de estudos à de ambiente de difusão cultural necessita passar por uma reformulação do olhar da sociedade e dos setores políticos para que investimentos e projetos sejam construídos e efetivados.

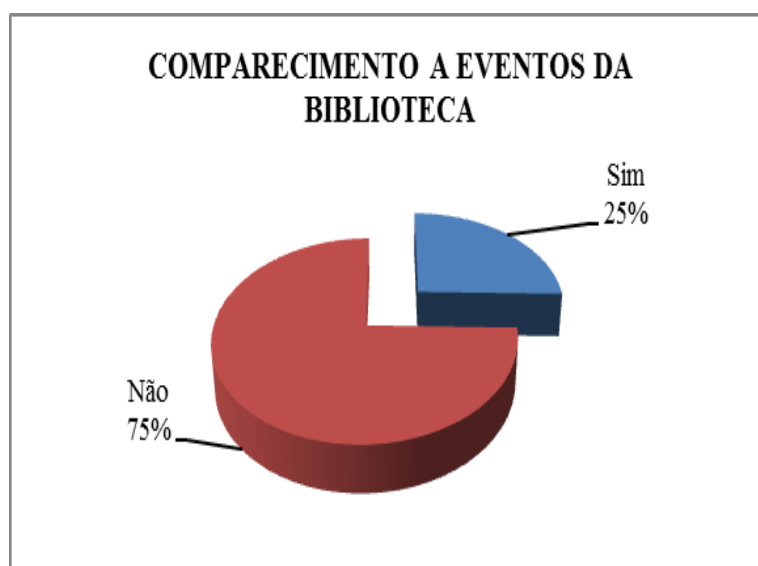


Gráfico 12: Comparecimento a eventos promovidos pela biblioteca
Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

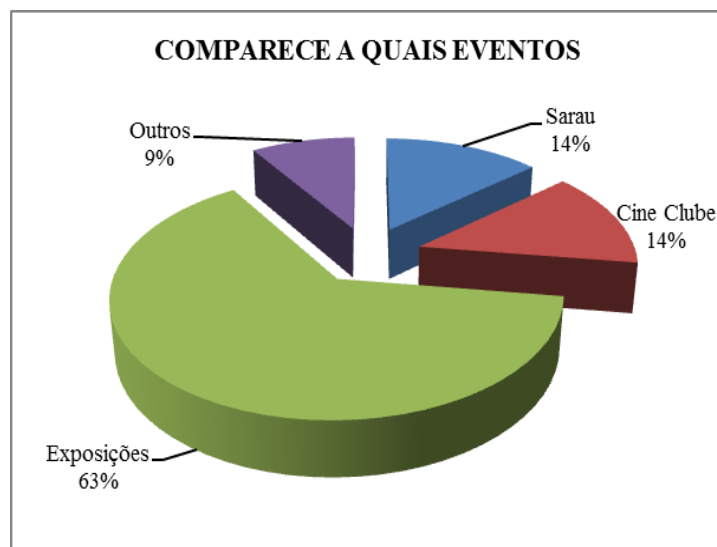


Gráfico 13: eventos aos quais os usuários comparecem
Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Outrossim, detectamos, no item “frequência com que vem à biblioteca para empréstimos”, dados importantíssimos para ratificar as afirmações feitas: 49% dos usuários disseram vir à Biblioteca apenas quando precisam pesquisar ou estudar e 32% comparecem semanalmente. Os entrevistados tinham a opção de assinalar mais de duas opções (a ida fixa, temporalmente, ou a ida por necessidade). Desta forma, o montante apresentado pode ter uma relação entre si, pois vir para pesquisas e estudo poderiam ocorrer semanalmente ou por necessidade.

Buscamos também verificar a maneira como o usuário vê e se relaciona com o livro. Desejávamos conhecer o lugar ocupado por esse símbolo da cultura escrita no cotidiano do frequentador da Municipal. Assim, analisando as informações, apuramos serem os romances a preferência do leitor (Gráfico 14), dado constatado na lista dos livros mais emprestados em 2013, na qual configuram três obras do romancista Nicholas Sparks. Confirma-se ainda o gosto por aventuras e suspenses, exemplos de Raphael Draccon e Tolkien. A terceira posição ocupada por “indicados pelos amigos” contribui para sustentarmos melhor a listagem, pois autores como J. K. Rowling, Paula Pimenta e E. L. James escreveram obras em formato de série instigando o leitor ao continuísmo da leitura. Tal artifício tende a ser um bom difusor do livro por torná-lo motivo para conversas corriqueiras entre as pessoas, despertando a curiosidade do outro para o contato com a leitura. Óbvio, não nos esquecermos do poder midiático por trás de tais autores.

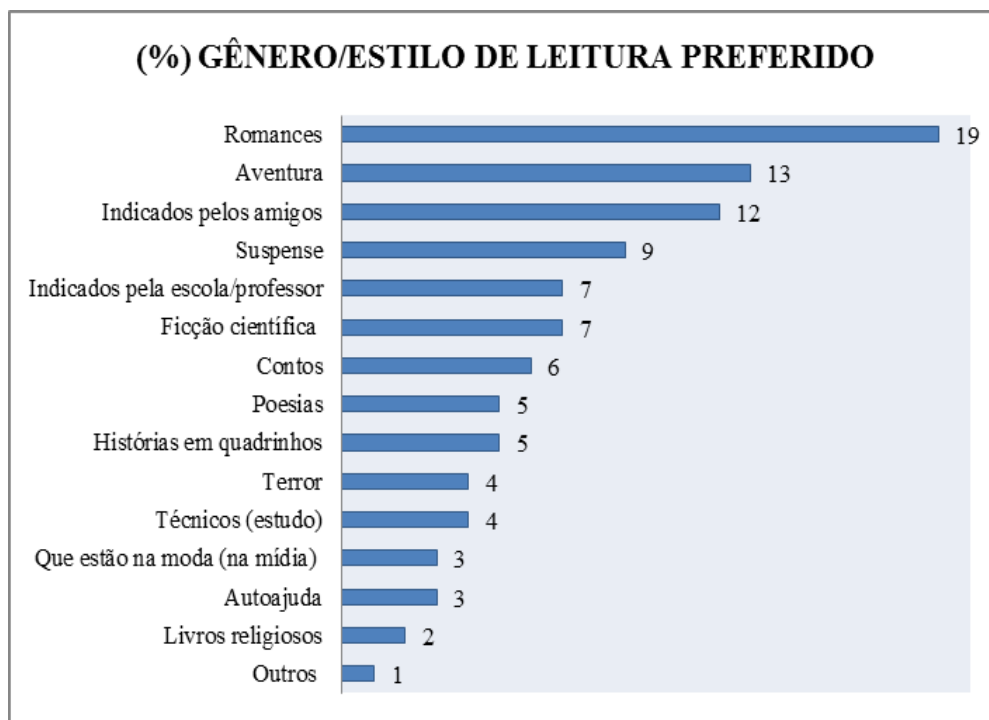


Gráfico 14: gênero/estilo de leitura preferido – usuário BMBCA
 Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Como tratamos neste trabalho da movimentação do leitor dentro de uma biblioteca pública, alguns elementos constatados fogem da definição tradicional de leitores, pensando apenas em leitura literária. Mas, traçar o perfil do usuário da Biblioteca Pública de São João del-Rei aufere reflexões para ações de difusão cultural na sociedade como um todo. Por tal motivo buscamos saber do frequentador da Municipal informações a respeito do acesso ao livro, da frequência leitora, do acervo particular e da maneira como chega à escolha do livro.

Primeiramente perguntamos como ele chegava ao livro (Gráfico 15). Os dados demonstram que 42% têm acesso ao livro por intermédio da Biblioteca, a resposta está interligada ao fato de a pesquisa ter sido realizada no espaço de uma biblioteca. As compras, seja via internet ou em livrarias, correspondem a 31% (Gráfico 16). Já os presenteados e empréstimos de amigos são, respectivamente, 14% e 13%. As informações coletadas expõem a Biblioteca Pública ainda como um lugar procurado pelas pessoas para ter acesso ao livro. Ressaltamos, novamente, que os entrevistados são os usuários de uma biblioteca. No entanto, na pesquisa RLB/2012 (p. 303), 26% dos brasileiros responderem que a forma de acesso ao livro é por meio de bibliotecas e escola, ante os 48% que compram os livros. Mesmo perante esse fato, vale observamos

a importância de se difundirem as bibliotecas e ampliar seus acervos literários, pois elas constituem uma forma mais democrática de acesso ao livro. Se nossa preocupação é com a formação de leitores como uma prática social de direito, há a necessidade de investimentos em políticas pró-leitura, bem como a intensificação dos projetos que aproximem as pessoas, estejam estas em quaisquer lugares, do livro.

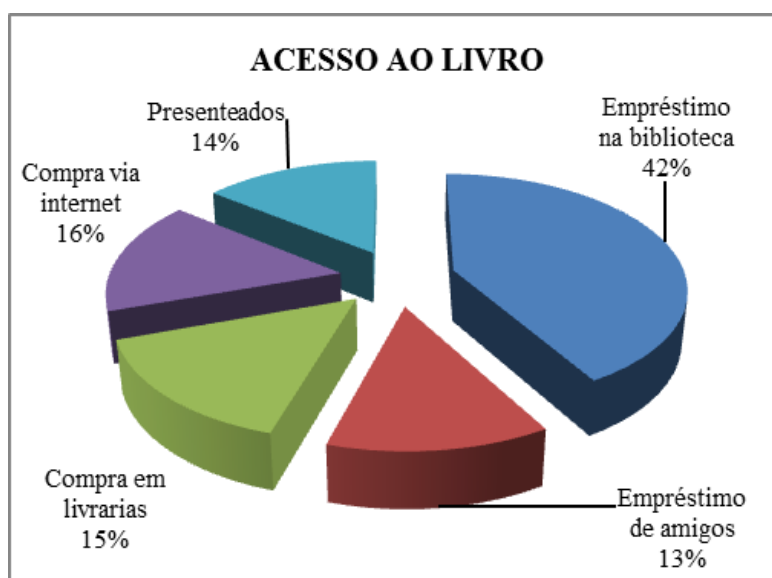


Gráfico 15: formas de acesso ao livro

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

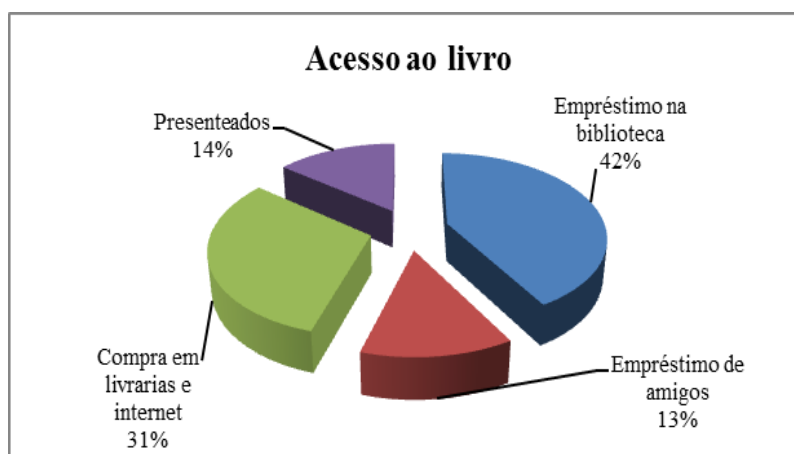


Gráfico 16: Acesso ao livro com destaque para as compras

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Portanto, reflitamos sobre os seguintes questionamentos: qual o motivo da pouca frequência às bibliotecas públicas no Brasil? Localização? Desconhecimento da existência? Ausências de políticas de promoção do espaço? Essas indagações revelam a existência de elementos ligados ao acesso ao livro e ao conhecimento. Outrora, as

bibliotecas não competiam com o mercado digital e por isso podiam ser mais procuradas. Mas o pouco acesso ao estudo limitava também a frequência no passado. Se hoje há mais alfabetizados, mas há outras maneiras de se chegar ao livro, faz-se necessário revermos a designação da biblioteca apenas como ambiente de leitura, pois esta precisa cumprir seu papel social e democratizar o acesso à cultura, não apenas à erudita, mas também à popular, consequentemente ao livro.

Procuramos saber ainda, a fim de melhor delinear o perfil do usuário da BMBCA, os fatores motivacionais na escolha da leitura. Novamente, foi base para o questionário a pesquisa RLB/2012. Entretanto, alteramos alguns itens, uma vez que nosso entrevistado era o frequentador de uma biblioteca pública.

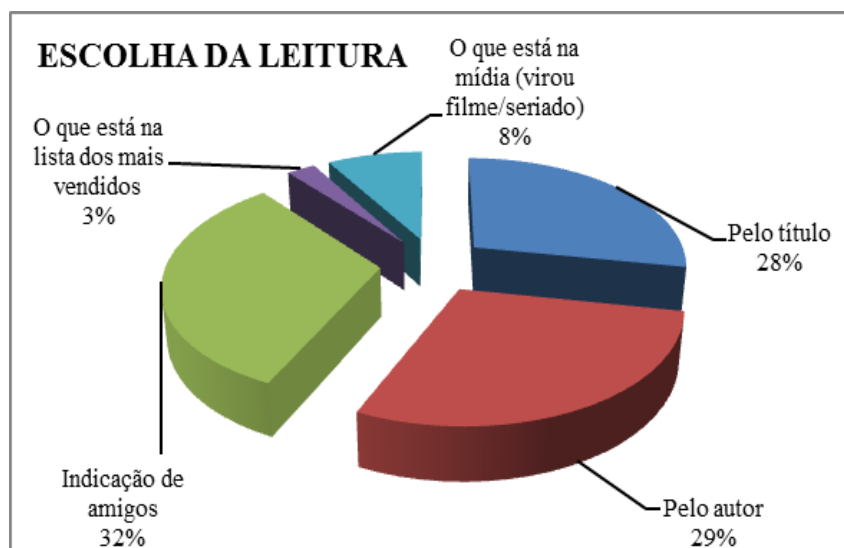


Gráfico 17: Escolha da leitura

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Na tabulação dos dados, visualiza-se praticamente um empate técnico entre “indicação de amigos”, “pelo autor” e “pelo título” (Gráfico 17). Analisemos a princípio os dados da Biblioteca Municipal sem desfocarmos da listagem dos 10 títulos mais emprestados em 2013, a seguir lembrados:

- **As trilogias:**

Dragões de Éter, de Raphael Draccon

Cinquenta tons, de E. L. James

O senhor dos anéis, de J. R. R. Tolkien

- **As coletâneas:**

Poderosa: Diário de Uma Garota que Tinha o Mundo na Mão, de Sérgio Klein

Fazendo meu filme, de Paula Pimenta

Minha vida fora de série, de Paula Pimenta

Harry Potter, de J. K. Rowling

- **Os Romances de Nicholas Sparks:**

Noites de tormenta

Diário de uma paixão

Querido John

Atentemos para o fato de constarem, no levantamento, trilogias, coletâneas e romances de um mesmo autor. O que significaria isso? Ora, fica nítida a ideia de *leitura de continuísmo* (expressão nossa). Familiariza-se com personagens (que vivenciam um percurso aventureiro ou de transformação pessoal), com a sequenciação (principalmente para conhecer o final da história), com o estilo narrativo (caso de Nicholas Sparks), sem nos esquecermos da influência midiática sobre esses produtos, tendo em vista a adaptação de muitos deles para o cinema. Tais “fórmulas” de laçar o leitor transformam-se em uma *teia de leitura*. Clareando a nominalização: um leitor comenta com outro ou até mesmo por estar sempre ao lado do livro lido. Cria-se, assim, uma rede de divulgação da obra, a qual passa a ser lida com maior frequência. Lembremos a listagem exposta anteriormente. Ela se constitui na maioria de *best-sellers*, por isso reafirmamos a questão de *teia de leitura*. Justificamos, desse modo, a prevalência de “indicação de amigos” como o principal meio de escolha da leitura. As opções “pelo autor” e “pelo título” não apresentam diferenças substanciais no posicionamento. Evidenciamos, ante o caso, a fala dos auxiliares da Biblioteca ao afirmarem que os usuários quando não encontram a obra procurada pedem “um livro bom de romance”, “um livro de mesmo estilo”, “algo do autor procurado”. Parece-nos haver uma prática de leitura movida por um modismo tanto pela forma de acesso ao livro quanto pelo estilo das obras predominantes nesta pesquisa.

Limitamos a pesquisa a um espaço público, mas ela não dissonou da nacional (RLB, 2012, p. 286). Temas, títulos, autores e indicação de amigos têm sido um chamariz para a leitura. Atestamos isso pelo impacto causado pela presença de nomes da literatura de *best-sellers* no Brasil, exemplo de Nicholas Sparks, recepcionado por

longas filas, na Bienal do Rio em 2013 para o lançamento de sua recente publicação. Já em São João del-Rei, houve semelhante episódio com a escritora Paula Pimenta, ovacionada por um grande público de adolescentes no Teatro Municipal durante sua palestra no Festival de Literatura de São João del-Rei/2013 (7º FELIT).

Prosseguindo no mapeamento do perfil do usuário da BMBCA, decidimos dividir os entrevistados em dois grupos: a) Aqueles com idade até 20 anos; e b) A partir de 21 anos. A separação foi motivada pela constatação do número elevado de estudantes frequentadores da Biblioteca. Face à divisão, procedemos a um comparativo diante da quantidade de livros lidos em 2013 e da verificação da existência de acervos particulares dos entrevistados.

Na análise do número de livros lidos (Gráfico 18), explicita-se uma ascendência no público até 20 anos. Não ler nenhum e ler até mais de 10 livros desempenharam-se em uma gradação, enquanto os leitores a partir de 21 anos apresentam um curva: começa baixa ante à não-leitura e amplia para o número de cinco, porém decresce quando se refere a ter lido mais de cinco livros. Assim, concluímos, na visualização do Gráfico, que, em média, o usuário da Biblioteca Baptista Caetano, se estiver no grupo A (até 20 anos), tende a ler mais de cinco livros; se no B (a partir de 21 anos), lê até cinco livros. Curiosa a constatação perante as indagações escolares a respeito dos jovens não lerem, pois, em nossa pesquisa, ficou patente a leitura constante e de obras extensas, ultrapassando 200 páginas, obviamente não ser exequível afirmar a verificação como algo geral, mas é indício dos contornos leitores de cidadãos brasileiros.

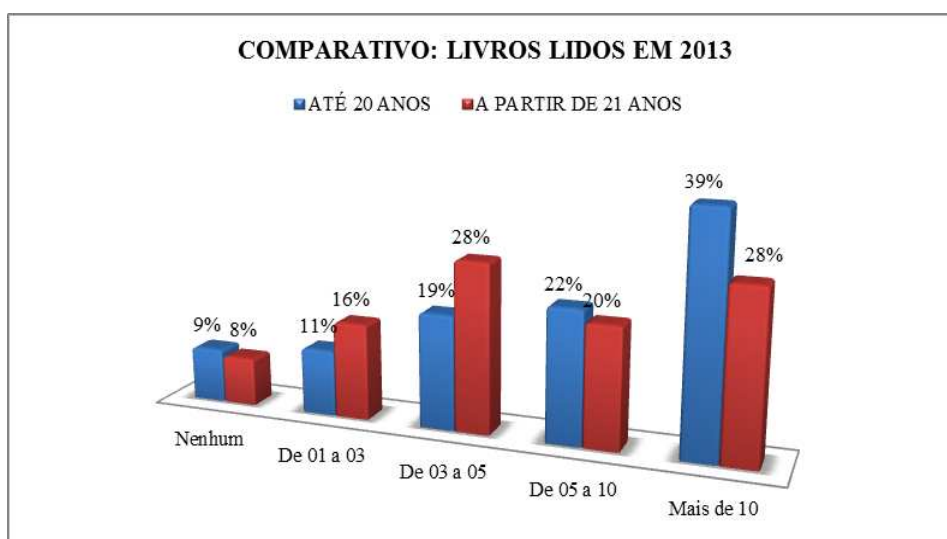


Gráfico 18: Comparativo livros lidos em 2013

Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Como vimos nos gráficos expostos, o grau de instrução dos usuários da Biblioteca Pública circunda em torno do ensino médio e a origem social mais restrita à classe popular, uma vez que 71% deles estão na escola estadual. Mais uma vez, reforçamos que a biblioteca tem, mesmo limitadamente, desempenhado um papel de democratização cultural. Esses elementos nos remetem a uma discussão de Pierre Bourdieu (2011) sobre a forte influência do sistema escolar na leitura; consequentemente, reproduz a maneira como o leitor se relaciona com essas práticas. Ampliando a consideração de Bourdieu (2011):

Quando se pergunta a alguém seu nível de instrução, tem-se já uma previsão concernente ao que ele lê, ao número de livros que leu no ano, etc. Tem-se também uma previsão no que diz respeito à sua maneira de ler. Pode-se rapidamente passar da descrição das práticas às descrições das modalidades dessas práticas (p. 237).

As questões expostas por Bourdieu (2011) são importantes para se pensar a prática social da leitura, mas salientemos o fato de nosso estudo se estreitar ao espaço de uma biblioteca; portanto, de público mais específico, para depois pensarmos em uma abrangência maior. Todavia, pudemos verificar, na modalidade textual preferida pelos leitores uma narrativa mais “adocicada”, romanesca e aventureasca sem sofisticações literárias, talvez por se tratar de uma prática literária de fácil trato. Voltando à restrição do espaço, era presumível a presença de um número maior de obras lidas, conforme revelamos anteriormente. Afinal, os entrevistados frequentavam uma biblioteca.

Procedendo aos comparativos, perguntamos a respeito de acervos particulares. Os entrevistados assinalaram a quantidade de livros em suas casas. Notamos, no Gráfico 16 (formas de acesso ao livro), o montante de 31% de usuários adeptos à compra de livros em livrarias e pela internet; por conseguinte, o pressuposto acervo pessoal. No paralelo entre os dois grupos A (até 20 anos) e B (a partir de 21), tomando como referência acervos até 50 livros e acima de 50 (Gráfico 19), apuramos que o primeiro possui menor acervo. A constatação é por termos evidentes: a vivência e o poder aquisitivo. Contudo, desperta a atenção o bom número de livros em posse dos jovens até 20 anos.

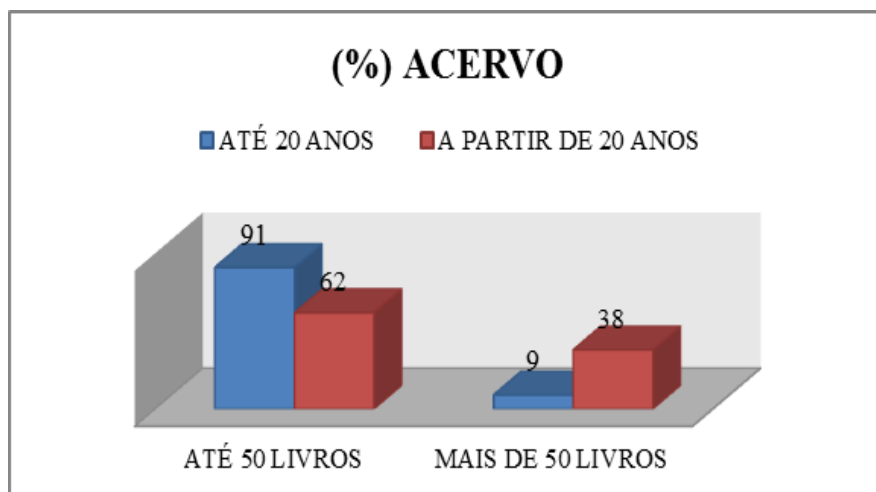


Gráfico 19 – Comparativo acervos particulares dos entrevistados da BMBCA
 Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.

Resgatando os quatro eixos suscitados no início deste subcapítulo (empréstimos, dados pessoais, relação biblioteca e relação com a leitura), perante as apreciações feitas, torna-se mais nítido o perfil do usuário da Biblioteca Pública são-joanense. A verificação dos empréstimos produziu dois tipos de frequentador: o leitor de *best-sellers* e outro com o objetivo de estudos. Dos dados pessoais, figurou o usuário em torno de 20 anos e com ensino médio completo ou a completar oriundo de escolas estaduais. Na relação com a Biblioteca, projetou-se um sujeito utilizando e percebendo o espaço como local de estudo e pesquisa, e menos como de leitura. Por fim, a última categoria trouxe à baila um público formado por jovens/adolescentes até 20 anos, leitores de literatura caracteristicamente romanesca e de fantasia (literatura fantástica), especialmente aquelas oriundas de trilogias e coletâneas. Isso posto, atestamos ser o atual usuário da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida um leitor em busca de complementação de estudos e preparação escolar, fazendo da Biblioteca uma extensão da escola, paralelo a outro leitor consumidor de *best-sellers*; muitos destes são leitores jovens, pois as obras mais emprestadas constituem-se de narrativas juvenis.

2.2.3 A estrutura física da Biblioteca Municipal

Durante as visitas à Biblioteca para realização desta pesquisa, observamos a organização espacial da Baptista Caetano. Ela está distribuída em quatro espaços: a recepção com mesas de leitura e estudo e estantes com alguns livros tanto literários

quanto didáticos e enciclopédicos. No lado de dentro do balcão de atendimento ao público, foi colocada uma estante com os livros recém adquiridos, praticamente obras configuradas como *best-sellers* ou aquelas que são as mais procuradas na biblioteca. A intenção de se colocar uma estante em um local mais “protegido” e visível para quem entra no recinto não foi para divulgar as novas obras. O fato surgiu em virtude do desaparecimento de vários livros, conforme afirmaram os funcionários da Biblioteca. Um exemplo de obra roubada foi o segundo volume de *50 tons*, de E.L. James.

Os auxiliares de biblioteca perceberam que, após ser colocada essa estante no balcão, houve um movimento maior de empréstimos de livros literários, no caso apenas os expostos. Contribuiu para essa ampliação a aquisição de obras constantemente procuradas e requisitadas pelos usuários da Biblioteca. Isso se confirma na lista dos títulos mais emprestados em 2013.

Embora a colocação dessa estante de *best-sellers* não agrade à bibliotecária, por limitar os usuários, impedindo-os de circular por entre as outras estantes e procurar títulos e estilos variados, houve maior saída de obras da Biblioteca. E, apesar de criar uma imagem de que a Biblioteca instiga o empréstimo das obras expostas ali, isso não procede. A situação é apenas por questões de segurança. A respeito da organização estrutural de uma biblioteca, salientemos o pensamento de André Belo (2002):

Por mais livre e confortável que seja o acesso dos leitores aos livros, a seleção e a ordenação das obras disponíveis acaba por favorecer certas leituras em relação a outras. É isso que faz com que dificilmente encontremos numa biblioteca as obras científicas lado a lado com os livros infantis ou outra literatura normalmente destinada às crianças. Por outro lado, as mudanças na estrutura física das bibliotecas relacionam-se sempre com mudanças culturais, sociais e com alterações na maneira de ler (p. 59).

Percebe-se, nas colocações do pesquisador, a sustentação para as alterações promovidas na Biblioteca Municipal. De certa forma, a organização criada ali relaciona-se a mudanças culturais e sociais, pois os livros expostos distanciam-se dos clássicos da literatura e se desembocam nas obras típicas de cultura de massa. Indiretamente, a Biblioteca intenciona seus leitores à escolha de livros.

Quanto aos outros ambientes da Baptista Caetano, encontramos, após o saguão de entrada, uma sala com os acervos literários, alguns periódicos e obras antigas. O terceiro espaço é constituído de estantes com livros didáticos, em sua maioria, e

diversas mesas de estudo. Esse ambiente possui alguns computadores conectados à internet e às vezes é utilizado para algumas exposições. O último ambiente tem obras infantis e é utilizado pela contadora de histórias para trabalhar com as crianças visitantes. O local é dividido por um biombo, onde ficam diversos periódicos do século XIX, e também é um espaço utilizado para restauração de algumas obras. Quando nos referimos à restauração, estamos falando de pequenos reparos.

A estrutura física de uma biblioteca pode e deve ganhar novos conceitos e conviver com a tecnologia atual além de oferecer suportes diferentes. Isso não anula o livro impresso, mas nos faz pensar a biblioteca como um espaço cultural, de conhecimento e sociabilidade. Para tanto, é preciso modernizá-la, mas sem excluir a convivência múltipla entre os suportes de leitura, especialmente os da internet. A questão parece complexa. Entretanto, Roger Chartier (1998) nos chama a atenção para a dificuldade das pessoas, não formadas em determinadas práticas sociais, de lidarem com o novo. Segundo ele, “o problema se põe todas as vezes que uma prática cultural ganha aqueles que não tenham sido formados por tradição familiar ou social a recebê-las nas condições que ela exige” (p. 12).

A importância desses dados e informações contribuem para confirmarmos a relevância do ato de ler como prática social. Segundo Ganzarolli (2005):

[...] no ato de ler muitos elementos interferem na apropriação do texto pelo leitor e na sua relação com o impresso, entre eles podemos destacar: o ambiente de leitura, a formação histórico-cultural do leitor, sua disposição pessoal para a leitura, as características intrínsecas do texto escrito, as leituras anteriores feitas pelo leitor e muitos outros elementos que compõem esse ritual da leitura (p.39).

Formar leitores, levando os cidadãos ao contato com a cultura escrita, está na confluência de muitos fatores. Alguns vêm na aba da história cultural de uma cidade, outros são propiciados pela escola e família e há aqueles promovidos por políticas públicas de incentivo à leitura, inclusive uma biblioteca pública que seja moderna e com um acervo variado. Aliá-los não é tarefa fácil, porque existem também influências externas, como a cultura massificada, midiaticizada. Mas, é essencial sabermos da importância de se pensar o perfil dos leitores atuais, para, ante as constatações, reescrevermos os caminhos da prática social da leitura sem uma visão arraigada nos padrões eruditos e elitistas do passado.

3 – LEITURA E CULTURA

3.1 Assim se fez a leitura: uma *reserva de caça*, um ato cultural

Discutir a relação leitura e cultura incita perpassar pela história do livro e consequentemente da leitura. As concepções com as quais lidamos hoje se fizeram no percurso da história da humanidade, por isso não devemos perder o fio desta construção.

O primeiro contato do homem com o registro escrito veio há cerca de 40 mil anos com a pintura nas paredes das cavernas (pictografia) e foi se caracterizando de acordo com os diversos povos. As marcas ideográficas tornavam-se uma forma de memória desses povos e de concepções culturais deles. No período Paleolítico, as explicações para as imagens de animais abatidos encontradas nas paredes das cavernas eram como se fizessem parte de um ritual de magia, pois o pintor-caçador acreditava que, “aprisionando” a imagem do animal, teria poder sobre ele. No Neolítico, os temas mudaram para o ser humano em suas atividades cotidianas e coletivas. Segundo Proença (2010, p. 11-12), nascia um desafio: dar movimento às imagens.

Abandonadas as paredes, outros suportes surgiram, como as tabuletas de argila utilizadas pelos mesopotâmios, os quais produziram uma escrita cuneiforme (sinais em forma de cunhas). Já nessa época, havia bibliotecas com registros econômicos, administrativos, políticos, flora, fauna, poesia, magia etc. Mais tarde, os egípcios desenvolveriam a tecnologia do papiro (vindo de uma planta existente às margens do Nilo). Nele, registrariam uma escrita hieroglífica (formada por desenhos e símbolos). Os “livros” em papiro tinham o formato de rolos e chegavam a 20 metros de comprimento. Não sendo nada fáceis de manipulação e condicionamento, ocupavam grandes espaços. Tudo isso há 3.000 anos a.C. Os romanos também usavam o papiro em forma de cilindro; chamavam-nos de *volumen* (ou *khartés*). Os textos eram desenrolados à medida que iam sendo lidos e tinham de seis a sete metros.

Com a escassez do papiro, diante de variados fatores, surgiria o pergaminho, feito a partir da pele de animais, principalmente de carneiros. Mas eles tornavam os manuscritos enormes e necessitavam do sacrifício de muitos animais. Apesar de se conservar mais com o tempo, o custo era alto. Com o pergaminho, o formato mudava do *volumen* para o *códex* (ou códice). Não era mais um rolo, e sim uma compilação de

páginas acompanhadas de uma capa. O uso do pergaminho se estenderia até a Idade Média e passaria a ser muito utilizado pelos monges copistas. A atividade desenvolvida por esses religiosos se prolongou por muitos anos e, mesmo com a chegada da imprensa, eles sentiram dificuldade em abandonar o trabalho e se renderem à nova tecnologia.

Entre o papiro e o pergaminho, outros suportes foram utilizados por povos os mais diversos. O papel só surgiria no início do século II na China, mas a invenção levaria muito tempo até chegar ao Ocidente. A maior transformação viria mesmo com a invenção da imprensa por Gutenberg, em 1455, tornando o livro um dos primeiros meios de comunicação de massa. Já na Idade Moderna, os livros ficaram mais portáteis, de bolso, fazendo surgir novos gêneros: o romance, a novela, os almanaques. Durante o século XIX, com o barateamento da produção de papel e uma oferta maior do produto, caiu o custo de livros e jornais, abrangendo cada vez mais seu público leitor.⁵

Esse foi o caminho trilhado pela escrita e seu portador durante a história da humanidade. Com o passar do tempo, vieram também as variadas concepções sobre a leitura dentro das sociedades. Tal visão variou, como observou a pesquisadora Márcia Abreu (1999, p. 10): “a certa altura do século XVIII, imaginou-se que a leitura oferecesse perigo para a saúde” como esgotamento dos nervos. Contrário a isso, hoje se recomenda a leitura como alento à vida das pessoas. Recentemente, algumas pesquisas apontaram o ato de ler como amenizador do Mal de Alzheimer.

A visão negativista não se limitava apenas à saúde. Eram mais “terríveis” “os perigos para a alma”, “para a moral”. “Dizia-se que os livros divulgavam ideias falsas, fazendo-as parecer verdadeiras, estimulavam demasiadamente a imaginação, combatiam o pudor e a honestidade” (ABREU, 1999, p. 11).

Vitimada por um poder censor em séculos passados, atualmente difundida e promovida como fator preponderante ao progresso desenvolvimentista de uma sociedade, a leitura vai ganhando seus contornos contemporâneos. Tanto é verdade que se ampliaram os programas de incentivo à leitura, as feiras e festivais literários além de pedagogias para aproximar o aluno do livro. Dessa maneira, constituiu-se a ação de formar leitores, e estes podem ser descritos, segundo Ricardo Azevedo (2004, p. 38),

⁵O contexto histórico inicialmente descrito foi baseado no sítio: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

“como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento”. Então, o ato de ler não mais é visto como “veneno”. Talvez, o incômodo advenha agora da qualidade literária do texto lido, isto é, dos valores instituídos academicamente à literatura erudita em detrimento da literatura de massa.

Pensar o leitor de hoje nos aproxima da reflexão feita pela pesquisadora Marisa Lajolo (1998, p. 14) de que “ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para a qual canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas”. As práticas sociais e o lugar ocupado pela leitura configuram as características socioculturais de uma sociedade. A maneira como agimos em prol da promoção e valorização de tudo isso é importante para cumprirmos o papel de cidadão e formador de leitores.

A partir dos estudos de Roger Chartier (1999, p. 23-24), este considerou a existência de algumas “revoluções da leitura”. A primeira vem no “longo processo que leva um número crescente de leitores a passar de uma prática [...] necessariamente oral, na qual ler em voz alta era indispensável para a compreensão do significado, para uma [...] visual, puramente silenciosa.” A segunda viria durante a “era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro”. Ler mais e rapidamente foi o ganho inicial. Após Gutenberg, como vimos, a mudança viria do aumento da publicação de livros e periódicos “proliferando instituições [sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimos]”, que tornaram possível ler sem ter que comprar.

Ocorreu somente no século XIX a abrangência a um público leitor mais diversificado (mulheres, crianças, trabalhadores), pois a taxa de alfabetização amplia e um comércio livresco ganha fôlego, especialmente entre as classes populares. É nesse século, segundo Chartier (1999, p. 26), a entrada na era da sociologia das diferenças da história da leitura. Nessa perspectiva, situamos as transformações e a valoração do ato de ler perante as pressões sociomercadológicas existentes desde o instante de o livro ter se tornado produto comercial.

Chartier (1999) demonstra que, a partir do século XX, a relação com os textos e as publicações ganha um tom “profissional” e “econômico”, movimentando uma forte indústria editorial de livros, revistas e jornais. Desse modo, definem-se categorias organizando as expectativas e percepções dos leitores.

Estas incluem os conceitos jurídicos (direitos autorais, propriedade literária), categorias estéticas (originalidade, integridade, estabilidade), noções administrativas (biblioteca nacional, depósito legal) e instrumentos bibliográficos (classificação, catalogação, descrição), os quais vinham sendo usados até agora para caracterizar o mundo escrito. Todos foram inventados para um modo de produção, preservação e comunicação dos escritos completamente diferentes (p. 27).

O livro-produto passa a ter maior circulação e com recursos técnicos para suprirem a exigência desse mercado em franco crescimento. A mais recente revolução está no universo dos textos eletrônicos. Remove-se a “rígida limitação imposta à capacidade do leitor de intervir no livro” (CHARTIER, 1999, p. 27). Agora, ele pode “submeter o texto a uma série de operações” e tornar-se coautor. Nessa virtualidade, além das intervenções possíveis, o leitor tem contato com imagens e sons, os quais podem ser alterados ao bel-prazer. O *e-book* alimenta o sonho antigo de uma biblioteca onde possam estar todos os livros (sonho desde a biblioteca de Alexandria), pois a memória do computador os armazena e leva o usuário a adentrar as mais diversas bibliotecas do mundo. Nessa última revolução, compartilhamos da preocupação de Chartier (1999, p. 30) de que a “representação eletrônica dos textos não deve de modo algum implicar o rebaixamento, o esquecimento ou, pior ainda, a destruição dos objetos que encarnaram, e encarnam, originalmente os trabalhos do passado e do presente.” A preservação existente em quaisquer bibliotecas (virtual ou material) é a memória cultural de práticas sociais. Não se deve romper os laços, mas compreendê-los e difundi-los, por isso nosso objeto de estudo ter sido realizado a partir de uma Biblioteca Pública de estrutura ainda semelhante ao passado das bibliotecas, mas com um público não exclusivamente elitista.

Faz-se ainda importante salientarmos algumas concepções sobre o ato da leitura. A respeito disso, Luiz Percival Lemes Britto (2012, p. 19-24) recorreu ao dicionário *Houaiss* da Língua Portuguesa para verificar acepções do verbo ler. Dentre as verificações, ele constatou naturezas adversas: leitura do texto com foco na decifração e compreensão do escrito; uso de expressões como leitura da luz, um parâmetro mensurável; e leitura da mão, uma observância na interpretação de signos a serem decifrados; leitura do jogo, atentando aos esquemas táticos. Frente às necessidades comunicativas ou informativas, a leitura se compõe em “contornos de ação interpretante

em função da atividade intelectual organizada; em outras palavras, todo e qualquer gesto interpretante de fatos do mundo seria um gesto leitor” (BRITTO, 2012, p. 25). A conceituação de leitura motivacional desta pesquisa implica a mediação pelos signos escritos. Segundo André Belo (2002, p. 55), “uma das maneiras de, indiretamente, estudar a leitura, é proceder à análise dos referidos mecanismos presentes em cada texto”. A diversidade de gêneros requer posturas diferentes, pois não se lê uma carta tal qual se lê uma notícia ou um poema. “O conceito de texto demanda investigação em função de suas múltiplas disposições e formas de aparição” (BRITTO, 2012, p. 21). Portanto, o texto escrito vem como elemento básico do ato de ler e este busca a decodificação da linguagem verbal presente; outrossim, da não-verbal ao se tratar de livros de imagens, como os infantis.

Ler deveria ser uma atividade prazerosa e particular, ou como disse George Steiner (2001, p. 20) ao analisar um quadro de Chardin: “a leitura, como Chardin a representa, é um ato silencioso e solitário. Trata-se de um silêncio vibrante de emoção e de uma solidão abarrotada de vida”. Para se chegar a tal vibração, é preciso descobrir a literatura e a potência das palavras. Ítalo Calvino (1990, p. 16) ressalta a “vontade” de se alcançar “uma sintonia entre o espetáculo movimentado do mundo, ora dramático, ora grotesco, e o ritmo interior picaresco e aventureiro” que o levava a escrever. Esse “engordar de vontades” é propiciado por uma qualidade do texto literário definido por Calvino como *leveza*, a qual se relaciona à maneira de se ver o mundo, com a transposição desta para a escrita; tornando-a leve, ágil, consequentemente proporciona a sedução pela leitura da obra. Há um tecido onde as palavras levitam, aladas como o Pégaso de Perseu, em reação ao peso do viver, abrindo um universo de leitura específico da construção literária.

É este o olhar para a leitura tomado como guia para a análise realizada nesta dissertação a respeito da biblioteca pública, da formação de leitores e da inserção dos cidadãos no contexto cultural da sociedade contemporânea. Regina Zilberman (2010, p. 148) sustenta esse mote ao afirmar que “a leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas.” Reforçando ainda o sentido de leitura norteador da pesquisa, retomamos Britto (2012):

No que tange à pedagogia da leitura, interessa especialmente observar que interpretar não é ler (ainda que faça parte da leitura), da mesma forma que a leitura é diferente da escuta de falas do dia a dia, mesmo que em ambos os casos haja a realização linguística. O teatro, a música, o cinema, a pintura, a escultura, a fotografia, assim como a aula, não são leitura em sentido estrito: supõem processos intelectuais diferentes, mesmo que tão complexos quanto e com muitas articulações com a leitura do texto. Não se diz isso desprezando tais atividades e objetos de cultura, mas exatamente buscando evitar um pernicioso e inútil conceito demasiadamente abrangente de leitura. Se tudo for leitura, ler não será nada (p. 32).

Por conseguinte, vemos a leitura como uma prática social transformadora das condições humanas. Ao mesmo tempo, percebemos o quão privilegiado é seu papel no desenvolvimento cultural, ou como disse Certeau (1994, p. 267): “o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça, o pretexto de uma lei que legitima, como ‘literal’, a interpretação de profissionais e de clérigos ‘socialmente’ autorizados”. Estamos indo muito além da leitura como “lazer”. Trata-se de uma atividade muito complexa,

que não poderia ser reduzida a um aspecto, seja esse ou qualquer outro [...]. Muitos leitores se dedicam na realidade a uma atividade vital, mesmo que não estejam sempre conscientes disso. O que não os impede de também encontrar prazer, distração, informações, assuntos de conversas. (PETIT, 2009, p. 183).

Finalmente, o conhecimento e/ou a reflexão sobre o que é leitura ou as formas de leitura é um passo para definirmos o perfil do leitor atual. Vera Maria Tietzmann Silva (2009, p. 33-34) aponta três formas de leitura, ou três atitudes do leitor durante o ato de ler: “a *leitura mecânica* que consiste na habilidade de decifrar códigos e sinais”, a *leitura de mundo* - denominada por Paulo Freire - a qual se “constitui um processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte” e, por fim, a “leitura crítica, que alia a mecânica à de mundo, numa postura avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras já feitas, questionando, tirando conclusões.” Essas três formas de leitura podem nortear o trabalho de formação de leitores a ser empreendido, por exemplo, pela biblioteca pública. O tratamento a ser dado ao livro e/ou literatura nesse ambiente será crucial para que haja leitores, e não *ledores*, e para difundirmos a leitura como bem cultural e prática social.

3.2 Reflexões sobre cultura e civilização

Cultura está entre algumas das palavras mais complexas da língua. A busca de seu entendimento requer reflexões em variados âmbitos. Terry Eagleton (2011, p. 9-10) analisa um de seus significados originais a partir de *lavoura* ou *cultivo agrícola*, “o cultivo do que cresce naturalmente, [...] portanto derivada de trabalho e agricultura, colheita e cultivo”. Desse modo, ela pode ser vista como algo cultivado no tempo em um exercício de semeadura e colheita, “de início um processo completamente material”, depois, metaforicamente, é “transferido para questões do espírito”. Partindo de mudanças da “existência rural para a urbana”, os homens se deparam com alterações advindas de novas ideias acrescidas ao contexto social. Dificilmente, manteremos uma manifestação cultural intacta ou teremos uma definição única, pois

entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz (EAGLETON, 2011, p. 11).

Nesta relação entre cultura e natureza, desvelamos um ponto: enquanto a natureza estabelece um continuísmo entre o Homem e o ambiente, a cultura revela as diferenças. Sendo o Homem parte da natureza, pode se discernir pela sua capacidade de automodelagem, de intromissão nas transformações estruturais e temporais da sociedade, ou seja, “a natureza produz cultura que transforma a natureza” (EAGLETON, 2011, p. 12).

O entendimento do termo requer uma análise dos conceitos de civilização e cultura. De acordo com a visão de Norbert Elias (2011, p. 25), os dois elementos manejam as realizações da sociedade, estejam estas no campo da política, da economia, do pensamento ou da tecnologia. No entanto, há um movimento contrário apreciável: enquanto cultura está no plano da abstração, do intelecto, a civilização se liga ao concreto e à praticidade. Além disso, a primeira se refere ao específico e único de um povo e/ou sociedade. Já a outra se prende a uma ideia de “humanização” buscada pelas sociedades em um dado tempo, situação perceptível nas passagens históricas vividas pela humanidade: da estrutura em feudos durante a Idade Média para a capitalista da

Idade Moderna; do pensamento teocêntrico para o antropocêntrico e da chegada a uma sociedade, hoje, mais digitalizada. Portanto, segundo Elias (2011), o conceito de “civilização”

refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou o modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou ‘incivilizada’. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que pode descrever como civilização (p. 23).

Nesse sentido, vemos a conceituação dentro de um parâmetro de organização estrutural e material da sociedade. Norbert Elias (2011) diferencia os verbetes tomando como referência a maneira como os franceses veem o conceito de civilização e a visão dos alemães da palavra cultura (*kultur*), ou seja, cada lugar tem formas de analisar esses conceitos; daí, a complexidade de definição.

O conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: ‘Qual é, realmente, nossa identidade?’ A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico (ELIAS, 2011, p. 25).

Elementos de fundo político, econômico, religioso, social ou moral estão para a definição francesa de civilização, enquanto a conceituação de cultura se volta para fatores intelectuais, artísticos e religiosos. No primeiro, encontramos um “processo” ou uma “construção” propiciando a forma de viver dos povos. No segundo, tem a ver com a identidade de um povo, e não será transmitido a outros povos, pois é inerente a ele. A cultura tende a uma reflexão sobre a própria identidade; portanto, conceitos

como esses dois têm algo de caráter de palavras que ocasionalmente surgem em algum grupo mais estreito, tais como família, seita, classe escolar ou associação, e que dizem muito para o iniciado e pouquíssimo para o estranho. Assumem forma na base de experiências comuns. Crescem e mudam com o grupo do qual são expressão.

Situação e história do grupo refletem-se nelas. E permanecem incolores, nunca se tornam plenamente vivas para aqueles que não compartilham tais experiências, que não falam a partir da mesma tradição e da mesma situação (ELIAS, 2011, p. 25).

Assim, projeta-se, como uma tarefa de difícil resolução, a tentativa de explicar um ao outro por envolver situações dissemelhantes provindas da construção de história e de nação dos lugares aqui exemplificados, França e Alemanha. Todavia, fica clara na discussão de Elias (2011) a ressignificação de “*zivilisation*” e “*kultur*”, porque estas passam por mutações e às vezes são relegadas ao esquecimento ou não.

3.3 Leitura e cultura na contemporaneidade: a sociedade do produto

Partindo do pensamento de Barbosa (2010, p. 53) sobre a compreensão de a leitura, de a escrita e de o livro se constituírem “mecanismos complexos de medições e de estabelecimentos de relações do sujeito com o mundo em que vive”, trazemos o debate da relação entre leitura e cultura. As práticas culturais e sociais do indivíduo contemporâneo são estabelecidas na confluência dos valores existentes numa sociedade midiática e de consumo. Portanto, o refletir sobre o que é lido hoje e as ações em prol da formação de leitores não podem vir de uma visão romantizada, do sujeito sentado em uma cadeira de leitura tendo às mãos clássicos da prosa e poesia. Faz-se necessário revermos as confluências surgidas com a palavra cultura, já que a leitura é também uma prática cultural.

Terry Eagleton (2011, p. 96) utiliza a expressão “guerras culturais”, as quais se dão em pelo menos em três frentes: “entre cultura como civilidade, cultura como identidade e cultura como algo comercial ou pós-moderna”. Essas categorias correspondem a termos conhecidos como alta cultura (Cultura), cultura popular e cultura de massa. Se queremos falar de democratização e prática social da leitura, é preciso considerarmos os termos explicitados por Eagleton e evitarmos avaliações taxativas excludentes. Quando, por exemplo, pensamos no espaço de uma biblioteca, “não parece mais fazer sentido nos tempos atuais” vê-lo como “aquele ambiente silencioso e sacralizado” (ALVAREZ, 2014, p. 37). As formas de cultura, principalmente as periféricas, precisam ser reconhecidas e respeitadas para que

determinados gêneros de leitura também sejam reconhecidos e respeitados, inclusive no espaço da biblioteca. Segundo Eagleton (2011, p. 96), “a cultura como civilidade não é apenas um assunto estético: ela sustenta, ao contrário, que o valor de um modo de vida total é incorporado em certos artefatos concluídos.” Porém, no mundo pós-moderno, a cultura e a vida social estão estritamente aliadas na forma estética da mercadoria e da espetacularização.

Na confluência desses elementos, temos a civilização do espetáculo “onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal” (LLOSA, 2013, p. 29). Aqui, está o retrato da sociedade midiaticizada com uma indústria cinematográfica em busca de efeitos visuais altamente tecnológicos, que ainda conta grandes histórias, mas se preocupa com a lucratividade, com o mercado. O espectador, ante essas inovações, é convidado a “entrar” no filme nas exibições em 3D. O mesmo recurso está na TV nos programas de *reality shows*, em que o telespectador “decide o rumo dos acontecimentos”. A sociedade plugada na internet torna-se leitora e coautora dos textos finais divulgados nas redes sociais. Enfim, somos pessoas inseridas num universo tecnológico e massificado, que forma leitores diferentes daqueles conhecidos ou já caracterizados pelo histórico apresentado. Leitores que ainda não conseguimos definir com precisão, pois as mudanças têm sido constantes na estrutura e práticas sociais, mas nos deixa uma pergunta: que tipo de leitor teremos no futuro? Essa incógnita apenas o tempo poderá nos ajudar a decifrar.

Diferente não poderia ser a situação dos livros, pois estes são bens culturais mercadológicos e também influenciados pela tecnologia. Tornaram-se mercadoria já há um bom tempo. Vale lembrar que a alteração do papel do livreiro, da arte de fazer para a de vender, suscita a configuração da imagem desse artesão para a de comerciante de um produto cultural. O livro, aos poucos, se transforma “numa mercadoria, e a leitura, num consumo” (HORELLOU-LAFARGE, 2010, p. 39). Nesse contexto, há uma certa dificuldade em distinguir os livros dos bens de consumo correntes, pois foram colocados no mesmo patamar comercial. A produção livresca veio no ritmo da demanda propiciando a verificação de uma sistemática em que os livros “de venda fácil possibilitavam a existência e a edição ‘com prejuízo’ dos livros mais difíceis”. O procedimento adotado tem características mercadológicas industriais: um produto de maior venda e de baixo custo pode sustentar os de menor venda e custo

elevado. Nesse ritmo, Horellou-Lafarge (2010, p. 42) ressalta, além dos *best-sellers*, os artigos de maior sucesso como as histórias em quadrinhos, os livros para juventude, os livros práticos, os dicionários, “os romances tipo Harlequin, seguidos em último lugar pelas obras da literatura culta”. Portanto, surge uma realidade de mercado na qual a leitura tende a atingir maior público e se adaptar ao gosto do consumidor. A obra literária ganha características de literatura a ser massificada.

O livro, contudo, não é uma mercadoria comum. De acordo com Manguel (1997, p. 242), “os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo do que o de um mero utensílio. A simples posse de livros implica uma posição social e uma certa riqueza intelectual”. Realmente, associar livros e leitores é diferente de associar objetos e seus usuários. Porém, a fronteira entre os dois ficou tênue, tendo em vista que os livros não mais se limitam a um único portador e as histórias nem sempre permanecem “presas” no *layout* de suas páginas. Diversas obras ganham as telas de cinema, os jogos de computadores e as adaptações televisivas. O contrário também ocorre, as histórias saem desses espaços e se transformam em livros. Estamos neste contexto atendendo ao grande público consumidor de “bens de cultura”, pois é este quem “dá as cartas” no mercado. É o que ressalta Mario Vargas Llosa (2013):

[...] quando o gosto do grande público determina o valor de um produto cultural, é inevitável que, em muitíssimos casos, escritores, pensadores e artistas medíocres ou nulos, mas vistosos e pirotécnicos, espertos na publicidade e na autopromoção ou hábeis em acalantar os piores instintos do público, atinjam altíssimos níveis de popularidade, pareçam ser os melhores à maioria inculta, e suas obras sejam as mais cotadas e divulgadas (p. 164).

Atender ao gosto do consumidor faz de determinados produtos culturais (aqui, tomamos o livro como exemplo) um fenômeno de vendas, um *best-seller*. Quando exemplificamos no capítulo 2 a presença do escritor norte-americano Nicholas Sparks entre os livros mais procurados da Biblioteca Baptista Caetano, confirmamos a questão, pois esse autor, além da ampla vendagem, teve diversos de seus livros adaptados para o cinema. A parceria cinema e edição de livros tem rendido sucesso de vendagem e marketing a ponto de a escrita dos textos já apresentar uma estrutura passível da linguagem cinematográfica, ou seja, as fórmulas para a grande tela já estão impressas nas páginas.

A cultura pode ser entendida como uma maneira agradável de passar o tempo, mas reduzi-la a essa ideia a deprecia. Caímos, assim, em um reducionismo da própria ideia de cultura centrada na acepção do discurso antropológico: “cultura são todas as manifestações de vida de uma comunidade: língua, crenças, usos e costumes, indumentária, técnicas e, em suma, tudo que nela se pratica, evita, respeita e abomina” (LLOSA, 2013, p. 31). Respondendo a uma sociedade que se quer mais democrática e socializando o patrimônio cultural outrora relegado a uma elite, a alta cultura parece diluir-se cedendo lugar à cultura de massa. Essa louvável atitude pode, ao olhar de uma parcela elitista, mediocrizar a vida cultural. No entanto, o fato responde às características de uma sociedade com maior acesso à informação, à educação, quiçá ao poder econômico de uma população em emergência social. Llosa (2013, p. 31) diz que “não é de se estranhar que a literatura mais representativa de nossa época seja a literatura *light*, leve, ligeira, fácil, uma literatura que sem o menor rubor se propõe, acima de tudo e sobretudo (e quase exclusivamente), divertir.”

Os tempos em que vivemos, imersos na velocidade digital e midiática, propiciam o surgimento de um sujeito mais afoito àquilo que lhe exige menos esforço. No caso da literatura, a menor preocupação do leitor é com o efeito estético que modela o “material local em alguma coisa de teor mais amplo e que proporciona assim ao leitor um modelo do que ele mesmo deve fazer se quiser acolher a obra como cultura elevada” (EAGLETON, 2011, p. 83). Segundo Llosa (2013, p. 32), “os leitores de hoje querem livros fáceis, que os distraiam, e essa demanda exerce uma pressão que se transforma em poderoso incentivo para os criadores”. Ressaltamos, mais uma vez, os dados colhidos na Biblioteca Pública. Termos, entre as obras mais procuradas, as típicas de séries, modismos de fantasia, livros com características do gosto do público adolescente, que respondem ao mercado e incentivam os autores a uma escrita ao “ritmo da máquina industrial”, sem a preocupação com o estético literário, e sim para atender à “fórmula” que atrai e atraiu consumidores. Como afirmou Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 205) isso responde à “dominação econômica e à padronização do imaginário, sem apoio em ideologia alguma a não ser a da técnica e do lucro.”

Não estamos, perante a essas constatações, negligenciando o lugar da alta literatura (ou alta cultura), mas trazendo à discussão a importância de se pensar aquilo que se lê e como se lê hoje. Vaticinarmos o fim da Cultura em detrimento de uma descultura não é o caso em voga. Reconhecemos a confluência entre alta cultura,

cultura popular e cultura de massa é um passo para a democratização de valores culturais relegados a grupos específicos. Aqui, referimo-nos àquilo que está para a elite, para o popular (especialmente a manifestação periférica) e para o mercado, ou seja, pode proliferar a convivência entre si; não exatamente pacífica, mas sim no debate de ideias. Nesse sentido, espaços outrora restritos à elite intelectual, como as bibliotecas, se abrem a um público mais abrangente e com o lugar sendo utilizado não apenas para se ler literatura. Importante, ainda, para essas reflexões apresentadas, retomarmos Mario Vargas Llosa (2013) quando ele afirma que:

A cultura pode ser experimentação e reflexão, pensamento e sonho, paixão e poesia e uma revisão crítica constante e profunda de todas as certezas, convicções, teorias e crenças. Mas não pode afastar-se da vida real, da vida verdadeira, da vida vivida, que nunca é a dos lugares-comuns, do artifício, do sofisma e da brincadeira, sem risco de se desintegrar (p. 67).

Desse modo, faz-se prioritário reconhecer o poder de abrangência da produção literária de massa e também a importância de ler boa literatura, ou literatura erudita, clássica. E como afirma Italo Calvino (2007, p. 12), é preciso descobrirmos algo nos clássicos “que nem sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro”. Esse fato sustenta o lugar ocupado pela Literatura e, talvez, por mais que a literatura de massa queira revelar segredos ocultos ou expor-nos a “valores estéticos inéditos que revolucionem nossa sensibilidade e nos deem uma visão mais sutil e nova desse abismo sem fundo que é a condição humana” (LLOSA, 2013, p. 67), ela estará a cargo de um mercado. Segundo Perrone-Moisés (1998, p. 204), “a informação cultural é consumida como qualquer outra e, mais do que nunca, dependente de modas efêmeras criadas pelo mercado”. Temos, portanto, dois pontos aqui: a manutenção do clássico (da alta cultura) e a proeminência do mercadológico (da cultura de massa). O importante é a convivência deles e não a exclusão, por mais complexas que sejam as situações. Portanto, o objetivo defendido é a incorporação da prática da leitura na nossa sociedade, para que ela realmente possa vir a ser um hábito.

Neste embate entre a alta cultura e a cultura de massas, o livro para muitos não se distinguiria de outros objetos no mercado. Contudo, o que os críticos, como Leyla Perrone-Moisés (1998), têm destacado é que ele, enquanto um objeto cultural específico, não desaparece, mas se obriga a reformular-se mediante os novos meios

disponíveis, a “encontrar seu lugar entre eles. Mas, de modo algum, o condenam ao desaparecimento. A literatura ainda tem futuro, a Biblioteca ainda não foi destruída. E nós, leitores e escritores, aqui estamos para ler, eleger e prosseguir” (p. 215).

A democratização da cultura, e, portanto, da prática da leitura, e especificamente da literatura, é, talvez, uma das marcas mais profundas da sociedade desde a invenção da escrita e criação do livro. Ao deixar sua áurea elitista, distante, e se aproximar das práticas sociais das diversas camadas existentes na sociedade, ela cumpre um papel mais altruísta, desapegada de determinados valores excludentes. Segundo Llosa (2013, p. 31), a cultura ao nascer de intenções altruístas, não podia continuar sendo “patrimônio de uma elite; uma sociedade liberal e democrática tinha a obrigação moral de pôr a cultura ao alcance de todos por meio da educação, mas também da promoção e da subvenção das artes, das letras e das demais manifestações culturais.” Essa é uma questão necessária à sociedade brasileira e que necessita urgentemente de revisão de valores sacralizados bem como de políticas de difusão cultural.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA DEMOCRATIZAÇÃO DA PRÁTICA SOCIAL DA LEITURA

Os livros podem não alterar nosso sofrimento, os livros podem não nos proteger do mal, os livros podem não nos dizer o que é bom e o que é belo, e certamente não terão como nos livrar do destino comum – a tumba. Mas os livros nos abrem miríades de possibilidades: de mudança, de iluminação. Pode bem ser que nenhum livro, por mais bem escrito que seja, consiga remover um grama de dor da tragédia do Iraque ou de Ruanda, mas pode bem ser que não haja livro, por mais mal escrito que seja, que não contenha alguma epifania para algum leitor.
(MANGUEL, 2006 p. 192-193)

Ao mergulharmos nesta pesquisa, fomos guiados pela apreciação da leitura, que na visão de assíduo leitor torna-se epifania, iluminação para tantos lampiões que teimam em se apagar. Como disse Manguel, “os livros nos abrem miríades de possibilidades”. Por isso, crendo nessas miríades, mapeamos o perfil do leitor atual.

Nessa empreitada, as três pesquisas de *Retratos de Leitura do Brasil* contribuíram para construirmos a reflexão sobre o lugar ocupado pela leitura na contemporaneidade e a constituição do leitor brasileiro. Não somente elas foram nosso mote investigador, mas, principalmente, o desejo de constituirmos uma sociedade mais democrática no que se refere ao acesso aos bens culturais, cumprindo, como disse Cândido (2004), um direito do cidadão. Deveríamos, então, termos uma sociedade que não alija a população desses bens. Todavia, tal desejo tem ares utópicos. Os investimentos em cultura e a promoção de eventos neste campo ainda se apresentam caracterizados por uma imagem elitista e reducionista. Parecem-nos serem essas atividades cerceadoras, limitando o público, pois as promoções realizadas não atingem todos, atraem apenas uma parcela limitada de cidadãos. A cultura periférica, nesse interim, é pouco ou raramente privilegiada; quiçá, reconhecida. O olhar de uma minoria para manifestações de uma maioria da sociedade faz-se necessário. Nesse sentido, trazemos à tona, para consolidar nossas considerações finais, a reportagem da revista *Cult* (edição 183, 2013), na qual se ressalta o espaço que a cultura da periferia tem ocupado na academia ante o desenvolvimento de dissertações e teses sobre o tema explorando o viés estético. Heloisa Buarque de Hollanda, na reportagem, destacou que a

análise ainda tem um caráter externo por fazer um recorte sociológico e antropológico, mas é preciso mudar o foco, tendo em vista o momento histórico vivenciado, pois as periferias tornaram-se o centro das atenções. O fato corrobora para percebermos que os agentes produtores de cultura precisam ampliar os espaços para manifestarem suas expressões e a biblioteca deve ser vista como um desses lugares. Tudo isso tem relativa importância para discutirmos a cultura hoje e especificamente o nosso objeto de estudo: o livro e o leitor, guiados pelas ideias teóricas da Sociologia da Leitura.

Diante dessas colocações, frisamos a necessidade de se reconhecerem manifestações culturais diversas e amenizarmos a visão arraigada em valores passadistas da concepção de cultura. Não queremos afirmar que, ao valorizarmos, por exemplo, a literatura clássica e erudita, estejamos cometendo um erro por esta se distanciar de leitores pouco afeitos ao estilo de escrita ou mesmo com precária alfabetização. A intenção é percebermos a existência de um lugar para a alta cultura, a cultura popular, a cultura de massa e a possibilidade de harmonizarmos as relações sem denegrir a imagem de uma em detrimento da outra. Nesse contexto, estão envolvidos não só representantes da academia, mas a sociedade como um todo, pois devemos nos lembrar de que, de modo geral, todos leem. Além disso, faz-se importante revermos a questão da leitura conduzindo ao conhecimento. Conforme afirma Britto (2012, p. 44), trata-se “exatamente do contrário: é o conhecimento que promove a leitura”. Sob tal reflexão, um primeiro passo é admitirmos a abrangência da cultura de massa e suas implicações sociais para tentarmos suavizar as lacunas existentes entre manifestações elitistas e periféricas. Também é um caminho para discutirmos o lugar da alta cultura, no caso de nossa pesquisa, o lugar da leitura na sociedade contemporânea. Segundo Vargas Llosa (2013):

a obra literária e artística que atinge certo grau de excelência não morre com o passar do tempo: continua vivendo e enriquecendo as novas gerações e evoluindo com estas. Por isso, as letras e as artes constituíram até agora o denominador comum da cultura, o espaço no qual era possível a comunicação entre seres humanos, apesar das diferenças de línguas, tradições, crenças e épocas (p. 66-67).

Essa constatação de Llosa sobre a permanência da obra artística é importante, pois a arte reflete a comunicação humana no passar dos tempos e nas diferentes tradições existentes no mundo. Aquilo que Shakespeare ou Machado de Assis

escreveram em suas épocas as transcendeu e continua a ocupar um espaço hoje. Suas obras, às vezes, passam por algumas releituras, ganham novos suportes (como o cinema, a televisão, a HQ), e permanecem. Talvez não possamos dizer o mesmo da literatura massificada, a qual pode ser temporal, imediatista, atendendo à indústria cultural e se transformando em apenas um momento de lazer. Mas a leitura não pode, também, ser lazer? Ante esta pergunta, os formadores de leitores e as políticas de incentivo à leitura precisam considerar os muitos contornos da leitura: lazer, informação, conhecimento, cultura. Além disso, há a necessidade de se quebrarem ideias pré-concebidas. Assim, destacamos a avaliação de Renato Dering (2012, p. 39) sobre o fato de a indústria cultural ter servido “de alavanca para a contemporaneidade, que se viu potencializada pelas diversas formas em se propor diante o mundo e, sem dúvida, a literatura produzida para atingir novos tipos de leitores foi uma dessas possibilidades”. Essa abrangência de leitores e o surgimento de possibilidades para atingi-lo corroboram para definirmos um dos perfis do leitor atual como aquele movido pelo mercado. Todavia, procuremos avaliar a análise de Percival Britto (2012) de que

a promoção da leitura não se deve pautar nem pelos ditames do mercado editorial e da indústria da informação e do entretenimento, nem pela necessária disciplina da aprendizagem escolar. No primeiro caso, porque seria simplesmente tomar da leitura seu valor humano e substituí-lo pelo valor da mercadoria – portanto, fazer dela elemento de alienação; no segundo caso, porque ou se negaria o caráter organizador e sistematizador da educação escolar ou se esvaziaria da leitura seu caráter de ação desimpedida, desobrigada, ainda que ‘comprometida’, de alguém que busca a si, ao outro, ao mundo e à vida (p. 51).

Assim, tomemos a leitura como uma prática para além de definições fechadas de entretenimento e escola. Pensemos nos agentes envolvidos, tanto aqueles que difundem quanto aqueles que praticam a leitura, e foquemos no fato de a promoção da leitura ser uma “forma de pertencimento crítico ao mundo. Um valor, portanto” (BRITTO, 2012, p. 48). Movidos por essa questão refletimos sobre as características do perfil do leitor atual, foco de nossa pesquisa, o qual foi analisado a partir do espaço de uma Biblioteca Pública, onde coletamos amostras do perfil leitor por meio de entrevistas com os funcionários e da aplicação de um questionário, respondido pelos usuários da biblioteca.

A Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida, em São João del-Rei, criada em 1827, foi a escolhida por se tratar de uma instituição em funcionamento há

tantos anos e também por fazer parte da história de uma cidade repleta de manifestações culturais como: música, teatro, tradições religiosas e folclóricas, como já afirmamos. A literatura tem seu lugar nesse contexto, seja ela representada simbolicamente na instituição de uma das primeiras bibliotecas do estado de Minas Gerais, seja, hoje, nos eventos literários promovidos durante o Inverno Cultural (realizado pela UFSJ) e no Festival de Literatura de São João del-Rei (FELIT). Todavia, nós a vemos muito mais como representação simbólica do que exatamente como proliferação de ações leitoras pela cidade, tendo em vista a abrangência ser restrita a um público letrado, como temos observado enquanto cidadãos de São João del-Rei.

Percorrendo a avaliação, frisemos a verificação de Roger Chartier (1991, p. 181) de que a leitura “não é somente uma operação abstrata de inteligência: é por em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro. Por isso devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores [...]”. Ao tomarmos a Biblioteca Pública como referência, tivemos à frente leitores em busca do espaço para atividades diferenciadas. Nesse sentido, recontextualizamos Chartier para dizermos que há uma constituição de práticas leitoras para atender ao desejo de cada leitor.

Sob essa perspectiva, encontramos na Baptista Caetano um usuário dividido. Primeiro, há aquele que procura a Biblioteca para estudar e pesquisar, ou seja, ainda se valoriza a busca pelo conhecimento. O outro procura leituras, especialmente dos *best-sellers*. Assim, acreditamos que conviver dentro de uma biblioteca constitui-se uma prática social, mesmo que o espaço seja utilizado como ponto de encontro de estudantes. Segundo as diretrizes publicadas em 2000 pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP):

cada vez mais crescem as diferenças sociais e econômicas entre os que possuem informação e aqueles que estão destituídos do acesso a ela. Dentro deste contexto, cabe à biblioteca pública atuar, como instituição democrática por excelência, e contribuir para que esta situação não se acentue ainda mais e que a oportunidade seja oferecida a todos. Assim, a biblioteca pública deve assumir o papel de centro de informação e leitura da comunidade com esse objetivo (p. 17).

Concebermos a biblioteca como instituição educacional e cultural objetiva democratizar o conhecimento, a informação e amenizar as diferenças entre os

indivíduos. Independente das condições sociais, a Biblioteca Pública se abre como espaço democrático. Por isso, ao termos usuários utilizando-na para estudar e pesquisar, ela cumpre o papel de auxiliar as pessoas na busca de opções para ascenderem social e economicamente. Do mesmo modo, quando atende a leitores buscando obras, sejam os clássicos da literatura sejam as midiaticizadas e modistas (*best-sellers*), desempenha o papel de democratizar e socializar o livro. Portanto, enquanto prática de leitura, temos cidadãos usufruindo do livro, independente de sua classificação ou natureza. Porém, isso precisa ser ampliado e difundido socialmente.

Perante as necessidades dos usuários de uma Biblioteca Pública, não procede a definirmos como um lugar sacralizado, silencioso e erudito, onde perdura apenas a prática de leituras literárias. O acesso à alfabetização e a industrialização do livro, gerando produtos com preços mais acessíveis, contribuíram para a mudança do perfil do leitor e por isso a necessidade de se repensar sua inserção nesse contexto cultural. Roger Chartier (1991, p. 179) atesta que as determinações reguladoras das práticas de leitura dependem das “maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação com o escrito”. Ao pensarmos nisso, percebemos a necessidade de democratizarmos o ato de leitura e evitarmos concepções discriminatórias e excludentes. Além do mais, ressaltamos a questão do gosto, atestada por Britto (2012) de que não se trata de uma manifestação de determinações biológicas ou genéticas nem fruto de uma aprendizagem autodirigida e imanente;

gosto se aprende, se muda, se cria, se ensina. Trata-se de uma questão delicada e tensa, uma vez que ninguém tem a verdade do gosto e do bom, as escolhas e as avaliações são sempre processos conflituosos, com múltiplas dimensões; mas é certo que, a sociedade massificada, a afirmação pura e simples da legitimidade do gosto espontâneo é, de fato submissão à ordem da produção cultural alienada e alienante. (p. 50)

Render-se ou não à ordem da produção cultural alienada e alienante pode-se constituir de uma escolha ou simplesmente uma imposição. Porém, segundo Britto (2012, p. 43), a interação das pessoas com objetos da cultura letrada pode estar no universo das ações de promoção da leitura. Desse modo, observam-se condições para a busca de alternativas: as objetivas “(melhorias do acesso pela instituição de bibliotecas

bem constituídas e distribuição de livros)” e as subjetivas “(estímulo ao interesse pela leitura)”. Outras saídas são mais complexas e de solução difícil, pois se referem à disponibilidade de tempo, condições de vida, formação.

Outro fator que contribui para a análise sobre o perfil do leitor, foi encontrarmos na Biblioteca Municipal, como também constatarmos na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2012), a existência de um sujeito ávido por romances “açucarados” e narrativas fantasiosas, algumas típicas do universo fantástico ao gosto de leitores juvenis. Nesse caso percebemos a presença de livros líderes de vendagem e que conquistaram outros espaços culturais, como o cinema. Mas isso não significa exatamente baixa qualidade literária. Segundo Dering (2012, p. 39), não podemos afirmar que toda literatura provinda da indústria cultural não “esteja preocupada com o fazer literário, tampouco” afirma-se “o processo inverso, que o fazer literário independa de fatores que tangem esse processo cultural”. O essencial está na constatação do fenômeno e na maneira como lidaremos com as nuances presentes nesse fato mercadológico que atinge um público leitor e se torna característico da cultura contemporânea.

No momento, não nos cabe polemizar a discussão sobre os livros concebidos como literários e os não-literários. Porém, é importante pensarmos na fala de Ricardo Azevedo (2004) ao dizer que a

Literatura, em vez de trabalhar com personagens idealizadas, previsíveis e abstratas – além de *politicamente corretas* – típicas dos livros pedagógicos, pode apresentar ao leitor seres humanos fictícios, mas complexos e paradoxais, mergulhados num constante processo de modificação e empenhados na construção de um significado para suas vidas (p. 44).

Esse fator da Literatura contribui para a transformação das pessoas como cidadãos mais críticos, sem ser exatamente autoajuda e nem formadora (no sentido de colocar em formas), mas cumpre um papel catalizador de inserção na vida cultural. Indo para além disso, concordamos com a reflexão de Ana Maria Machado (2004) sobre potencialidade existente na leitura de literatura, pois esta

possibilita que cada um possa ir desenvolvendo seu próprio jeito de resistir e construir um oásis ou refúgio pessoal com o qual possa contar em qualquer circunstância. Permite também que, aos poucos, se

possa ir descobrindo entre os amigos ou conhecidos outros membros da mesma tribo, gente que fala de suas leituras com entusiasmo e recomenda livros que deixaram marcas – o que abre portas para um enriquecimento do convívio interpessoal (p. 26).

Formar leitores, especialmente leitores literários, não parece tarefa fácil, mas trata-se de caminharmos rumo a uma democratização cultural. Para tanto é preciso reconhecer o direito à Literatura como um direito de todo cidadão tal qual o direito à comida, à saúde, ao trabalho ou ao vestuário. Otimizar a confluência da tríade família, escola e poder público contribui para termos mais leitores, para que o livro, enquanto bem cultural, seja de acesso a todos. Políticas públicas de incentivo à leitura e de investimento nas bibliotecas são o caminho para aliarmos esses três elementos. No entanto, cabe-nos, enquanto cidadãos, munidos de nossa vivência, tornamo-nos “contadores de histórias” impedindo que o lugar da literatura se desfaça em ruínas e a leitura se reduza a apenas uma lembrança na memória dos museus, perdendo sua importância de inserção social. Além disso, faz-se necessário reconhecermos a realidade das formas digitais do livro, as quais permitem, de certo modo, a realização do sonho da Biblioteca de Alexandria de ter todos os livros e conhecimentos em um só espaço, neste caso, na memória de um computador. De acordo com Chartier (1998, p. 119), a biblioteca eletrônica permite “compartilhar aquilo que até agora era oferecido apenas em espaços onde o leitor e o livro deveriam necessariamente estar juntos. O lugar do texto e do leitor podem então estar separados”. O fato não sepulta as bibliotecas, mas trata-se de um elemento cultural do século XXI a ser reconhecido e utilizado, se queremos realmente difundir a leitura e formar cidadãos leitores. Segundo Britto (2012)

Cabe perguntar, para que o óbvio não permaneça implícito, por que estimular esse hábito (prática, costume). A resposta, ainda óbvia, é a de que a leitura frequente permite situações positivas de ampliação da subjetividade e da capacidade de agir com propriedade na sociedade. Seria, portanto, um hábito humanizador (p. 47).

Sendo assim um hábito humanizador, sua prática social precisa receber investimentos e ser fomentada em projetos de leitura produzidos não só pelo poder público, mas pela sociedade como um todo, lembrando que se está, dessa forma, difundindo um bem cultural.

Ainda se faz necessário ressaltarmos o levantamento feito por Britto (2012) da existência de “dois elementos essenciais das práticas intelectuais escritas: a expansão da memória e a metacognição (o ato de controlar o próprio ato de pensar, a administração deliberada das formas de raciocínio e de interação)” (p.41). Ao segundo associam-se

as produções que se realizam nas ciências, na literatura, na filosofia, enfim, as produções humanas mais orgânicas e sofisticadas. Ao se afirmar que pouco se lê e poucos são os leitores, é razoável supor que se está considerando, mesmo que de forma imprecisa, apenas essa segunda dimensão (p. 41).

Portanto, tomando como referência a dimensão da leitura enquanto prática social, findemos nossas considerações refletindo sobre o poema “Poesia desabitada”, do livro *Palavra Limada – a carpintaria dos sentidos* (OLIVEIRA; SILVA; HADDAD, 2010):

A casa foi vendida
com as coisas do Oleiro.

Cheirava à chuva nova
e a vermelho.

Quando fazia mormaço,
na varanda das tardes,
coração só ouvia
o olho d'água – *Tibum!*
poesia rebentava
do solo encharcado.

Veio o vento, em vilania,
vomitou verme e vintém.

A casa foi vendida.
Desfeita nas sombras.

Poesia foi junto.
Não sobrou nem tijolo.
(p. 31)

Retextualizando as metáforas do poema para o espaço da leitura e de nossa pesquisa desvelamos algumas reflexões. Pensemos no poético e no literário enquanto

“casas” moldadas no barro do Oleiro. Enquanto palavras humanizadoras da vida que se “rebenta” nos sentidos, nas sensações, essas têm um lugar na prática social e cultural.

Quando nos remetemos à cultura popular, às histórias passadas de geração a geração, ou às produções massificadas, observamos a exclusão social dessas práticas. Um olhar elitizado, com foco no erudito, distancia tais produtos dos espaços sociais e os relega à periferia, à condição de atividade de menor valor. Semelhante fato quando da chegada dos portugueses ao Brasil, que não reconheceram os rituais culturais dos indígenas brasileiros e procederam a uma aculturação.

Com este olhar de exclusão social, em “vilania”, desfez-se a “casa” nas “sombras” do não-reconhecimento, da não-democratização cultural. O que sobrou? Uma leitura elitista questionadora do produto mercadológico. Entretanto, é preciso reconhecer que ela também é um produto da indústria cultural, pois, mesmo a literatura clássica, rende-se ao mercado e necessita dele para sobreviver.

Assim sendo, reconstituir os “tijolos” dessa história, reconhecendo o lugar das manifestações culturais, sejam as eruditas ou periféricas, faz-nos oleiros nessa atividade. Os espaços sociais de leitura, por exemplo as bibliotecas, precisam remodelar a imagem passadista e se aliar aos novos suportes, especialmente os tecnológicos, pois há lugar para todas as manifestações de cultura. Além disso, os agentes que produzem a cultura devem reconhecer também as manifestações periféricas e a criação massificada. Tudo isso pode vir do trabalho e dos projetos gerados pelo poder público no sentido de fomentar a prática da leitura, como também da sociedade como um todo. Desse modo estaremos caminhando rumo à democratização da Prática Social da Leitura.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, M. O livro no Brasil: alguns dados sobre a sua história e sua evolução. **Revista de Cultura e Vozes**. Petrópolis, v. 3, nº 66, p. 5-20, abr. 1971.

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. Prefácio: percursos da leitura. In:_____(org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p. 9-15

ADÃO, Kleber do Sacramento. **Diversões e devoções em São João del-Rei: um estudo sobre as festas do Bom Jesus de Matosinho, 1884-1914**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas/SP, 2001.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas. **Revista Conexões – Revista Digital – Campinas-UNICAMP**, v. 2, nº 1, 2004, p. 48-63. Disponível e: <<http://www.unicamp.br/fef/publicações/conexões>>. Acesso em 20 fev. 2014.

ALVAREZ, Luciana. Um lugar sem sentido. **Revista Educação**. São Paulo: Editora Segmento, ano 17 nº 203, março 2014, p. 36-42.

AMORIM, Galeano (org.). **Retratos da leitura no Brasil 2**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2008.

ANTUNES, Thiago. **Tradição e Modernidade em “O Senhor dos Anéis”**. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Marília, SP, 2009.

BARBOSA, R.L.L; ANNIBAL, S.F.; BOLDARINE, R. F. Leitura, escrita e livro: determinantes de práticas culturais e desenvoltura social. In: **Leitura: Teoria & Prática**. ALB. ano 28, nº 55, dez. 2010. Campinas, SP: Global, 2010, p. 48-54.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Edição – São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990, p. 134-146.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 201, p. 231-253.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. **Biblioteca pública: princípios e diretrizes**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

CALVINO, Italo. Leveza. In: _____. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15-41.

_____. Por que ler os clássicos. In: **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 9-16.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CESARINO, M. A. da N. (Org.). **Bibliotecas públicas municipais: orientações básicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2007.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura - 1880-1980**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p. 19-31.

_____. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados (USP)**, vol.5, nº 11, Jan/abr 1991, p. 173-191.

_____. **Práticas da leitura**. São Paulo: Liberdade, 1996.

CUNHA, Maria Antonieta. O acesso à leitura no Brasil – os recados dos “Retratos da leitura”. In: FAILA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012, p. 83-91.

DARNTON, Robert. O que é a história do livro. In: **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Tradução Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 189-219.

_____. **Os best-sellers proibidos da França revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DERING, Renato de Oliveira. **A cultura de massa em diálogo com questões de teorias literárias**. 2012. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2012.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. 2ª edição, São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ELIAS, Norbert. Das sociogênese dos conceitos de “civilização” e “cultura”. In: **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**. Tradução Ruy Jungmann. 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 21-61.

ELIOT, T. S. **Notas para uma definição de cultura**. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Entrevista com Robert Darnton. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1/2, p. 13-18, jan./dez.1995.

Entrevista com Roger Chartier. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1/2, p. 03-11, jan./dez.1995.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

____. Leituras dos “retratos” o comportamento leitor do brasileiro. In: ____ (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012, p. 19-54.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. Fragmentos de memórias: impressões sobre São João del-Rei. In: **[São João del-Rey, uma cidade no Império]**. Secretaria de Estado de cultura de Minas Gerais. Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: 2007, p. 47-65.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal & SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Tradução Mauro Gama. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da Leitura no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

____. **A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Tradução Ivone Benetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Balaio: livros e leituras**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2007.

____. **Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

____. **Ilhas no tempo: algumas leituras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

____. **A biblioteca à noite**. Tradução Samuel Titan Ju. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTEL, Frédéric. **Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 11-21.

MASSUELA, Amanda; FERREIRA, H.; MARINHO, M. Fora do cânone. **Revista Cult**. São Paulo: Editora Bregantini, edição nº 183, outubro 2013.

MONTEIRO, Marcos Antônio (2012, p. 05), Retratos da leitura no Brasil 3

MORAIS, Christianni Cardoso. **“Para aumento da instrução da mocidade da nossa pátria”: estratégias de difusão do letramento na vila de São João del-Rei (1824-1831)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MOTTA, Rosemary Tofani. **Baptista Caetano de Almeida: um mecenas do projeto civilizatório em São João d’El-Rei no início do século XIX – a biblioteca, a imprensa e a sociedade literária**. 2000. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, 2000.

OLIVEIRA, Elysio Mira Soares de. Personal Home Library (PHL). Disponível em: <<http://www.elysio.com.br/>>. Acesso em: 07 mar.2015.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A literatura na era da globalização. In: **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 203-215.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Editora Ática, 2010, p. 5-16.

QUADROS, Sérgio. Abrelivros, VBL e SNEL se unem ao Instituto Pró-Livro na luta por um Brasil de leitores! In: FAILA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012, p. 10-11.

RESENDE, José Antônio Oliveira de; SILVA, R. P.; HADDAD, S.M. **Palavra Limada – A carpintaria dos sentidos**. Belo Horizonte: Via Comunicação Editora, 2010.

SILVA, Vera Maria Tieztmann. O professor como um promotor da leitura. In: **Literatura infantil brasileira - um guia pra professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cânone Editorial, 2009, p. 33-37.

STEINER, Georg. Introdução e o leitor incomum. In: _____. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 9-31.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Mar de Palavras. In: **A eterna privação do zagueiro absoluto: as melhores crônicas de futebol, cinema e literatura**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999, p. 167-171.

VIEGAS, Augusto. **Notícia de São João del-Rei**. 3ª edição. Belo Horizonte: MCMLXIX.

WALSH, Robert. **Notícias do Brasil**. Volume 1. Tradução Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Edição da Universidade de São Paulo, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SÍTIOS CONSULTADOS:

AQUINO, Ruth. “Cinquenta tons de cinza” é pornô para amadores. **Revista Época**. 31.07.2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/ruth-de-aquino/noticia/2012/07/porno-para-amadores.html>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **População**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=316250&search=minas-gerais|sao-joao-del-rei|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>>. Acesso em 09 jan. 2014.

TUPINAMBÁS, Glória. Belo-horizontinos de 2013: Paula Pimenta. **Revista Veja BH**. 18.12.2013. Disponível em < <http://vejabh.abril.com.br/edicoes/belo-horizontinos-2013-paula-pimenta-763038.shtml>> Acesso em: 13 jan. 2014.

Lista dos mais vendidos de 2014. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/mas-vendidos/ranking-anual.aspx?cat=9>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

PEIXOTO, Mariana. Nicholas Sparks antecipa edição americana e lança “Uma longa jornada” na Bienal do Rio. **EM Cultura**. Disponível em: <http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2013/08/28/noticia_arte_e_livros,145718/romantismo-de-resultados.shtml>. Acesso em 13 jan. 2014.

MEIRELES, Maurício. Nicholas Sparks: “É a mesma fórmula para qualquer gênero”. **O Globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/nicholas-sparks-a-mesma-formula-para-qualquer-genero-9721582>>. Acesso em 09 jan. 2014.

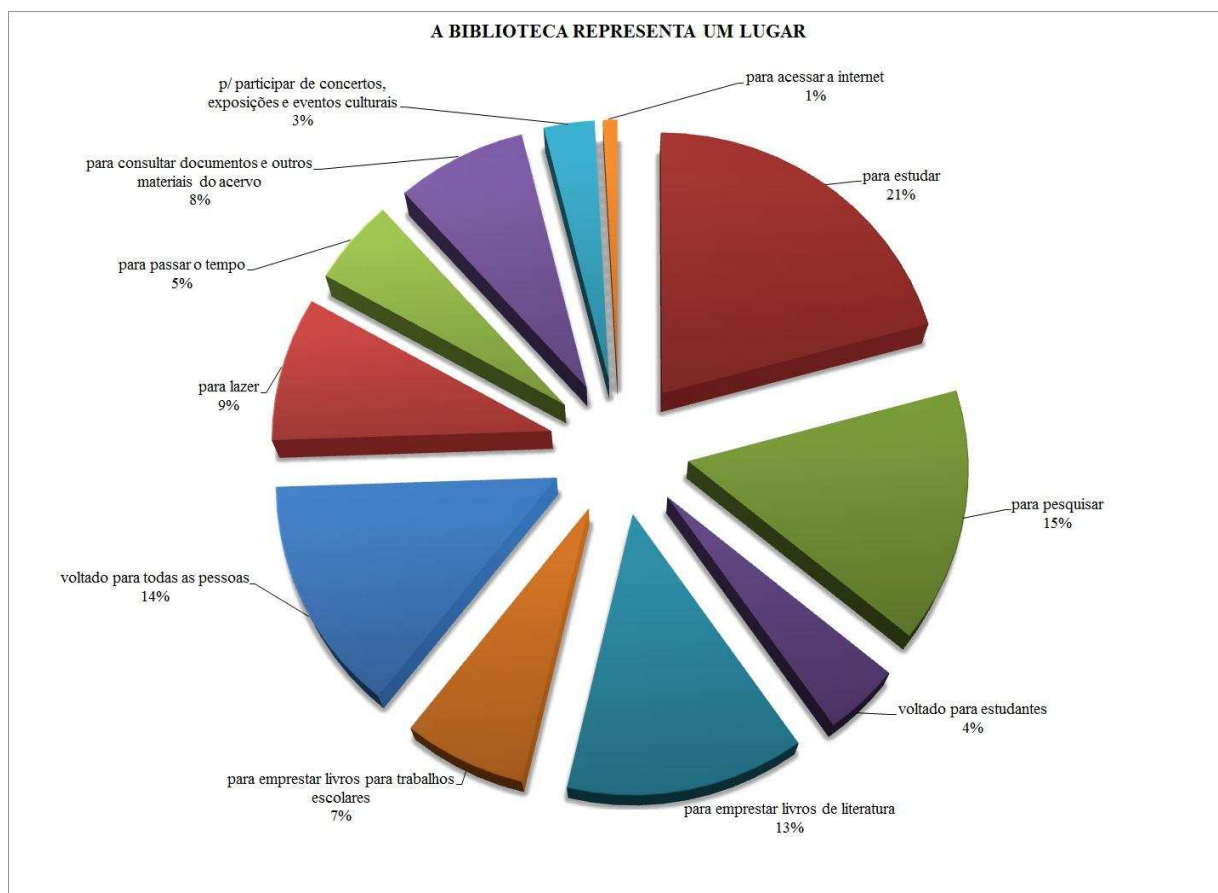
6 – ANEXOS

ANEXO A – Site da UFSJ para acesso ao catálogo de obras raras da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida – do século XVI ao XX.

http://www.acervos.ufsj.edu.br/site/obras_raras/apresentacao.html

ANEXO B – Gráfico: A biblioteca representa um lugar

Fonte: Fonte: dados da pesquisa, 2013, elaborada pelo autor.



ANEXO C – Bibliografia dos 10 livros mais emprestados

DRACCON, Raphael. **Dragões de Éter: Caçadores de Bruxa**. São Paulo: Leya, 2009.

_____. **Dragões de Éter: Círculos de chuva**. São Paulo: Leya, 2009.

_____. **Dragões de Éter: Corações de neve**. São Paulo: Leya, 2009.

JAMES, E. L. **Cinquenta tons de liberdade**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

_____. **Cinquenta tons de cinza**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

_____. **Cinquenta tons mais escuros**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

KLEIN, Sérgio. **Poderosa: Diário de Uma Garota que Tinha o Mundo na Mão (volume 1 a 5)**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008.

PIMENTA, Paula. **Fazendo meu filme: A estreia de Fani 1**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

_____. **Fazendo meu filme: Fani em busca do final feliz 4**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

_____. **Fazendo meu filme: Fani na terra da rainha 2**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

_____. **Fazendo meu filme: O roteiro inesperado de Fani 3**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

_____. **Minha vida fora de série: 1ª temporada**. 3.ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

_____. **Minha vida fora de série: 2ª temporada**. 3.ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Tradução Lia Wyler. RIO de janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Tradução Lia Wyler. RIO de janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Tradução Lia Wyler. RIO de janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Tradução Lia Wyler. RIO de janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Tradução Lia Wyler. RIO de janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Tradução Lia Wyler. RIO de janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban.** Tradução Lia Wyler. RIO de janeiro: Rocco, 2001.

SPARKS, Nicholas. **Diário de uma paixão.** Tradução de Renato Marques de Oliveira. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2011.

_____. **Noites de tormenta.** Tradução Saul Barata. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2011.

_____. **Querido John.** Tradução Patricia de Cia. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2010.

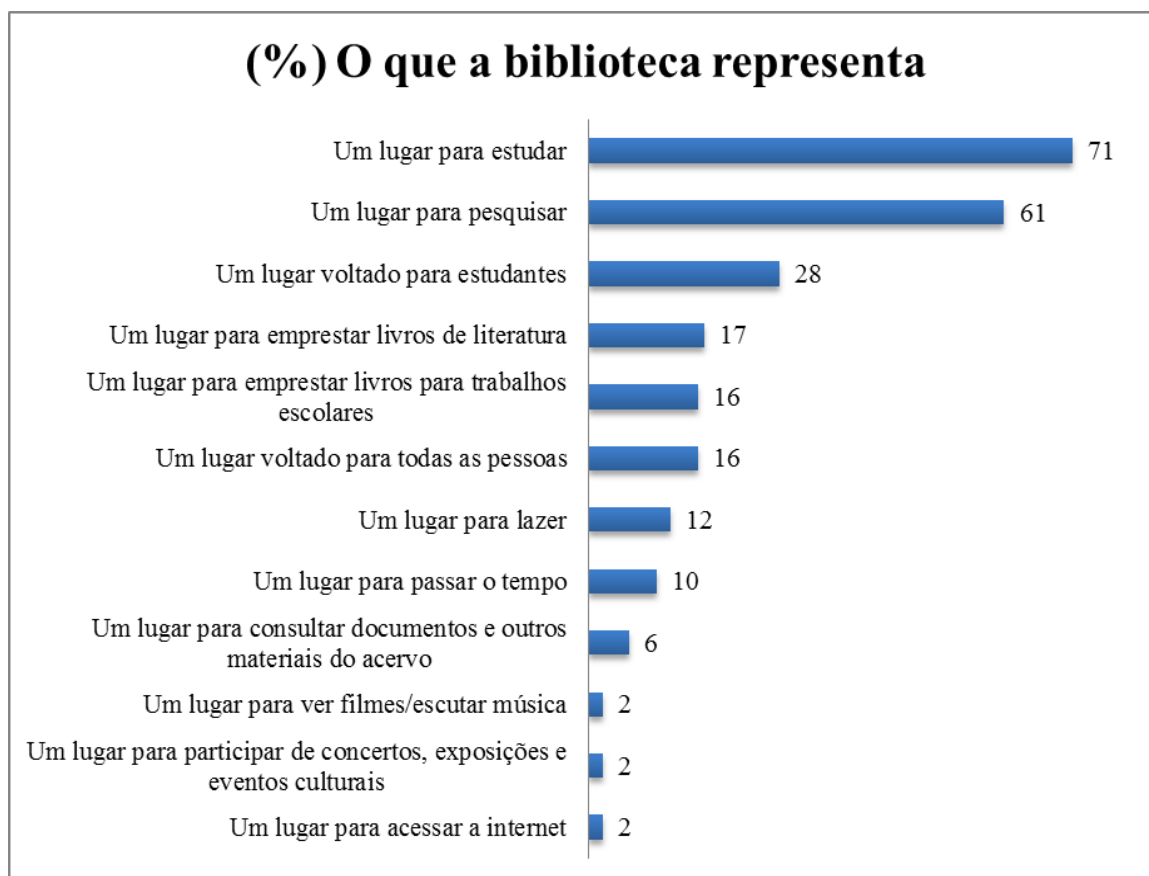
TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis: a sociedade do anel.** Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **O senhor dos anéis: as duas torres.** Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **O senhor dos anéis: o retorno do rei.** Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ANEXO D – O que a biblioteca representa

Fonte: pesquisa Retratos da leitura no Brasil, 2012, p. 313



ANEXO E – Fotos atuais da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida
Fonte: Fotos de Roginei Paiva da Silva, autor da pesquisa



Foto 1 – Frente da Biblioteca Municipal

Primeiro ambiente da Biblioteca – recepção:



Foto 2



Foto 3



Foto 4

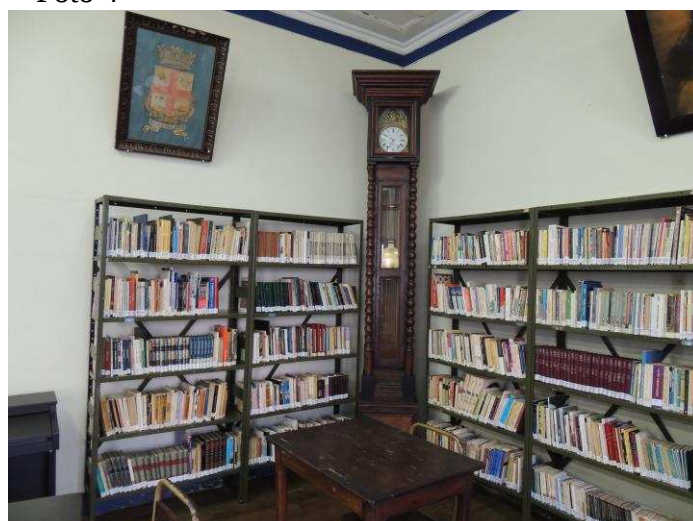


Foto 5



Foto 6: Estante de livros mais procurados que fica na parte interna do balcão de recepção.

Segundo ambiente: acervos literários e obras antigas

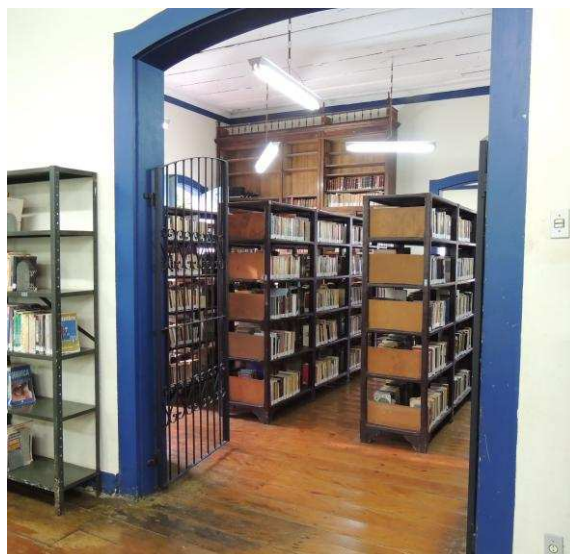


Foto 7



Foto 8

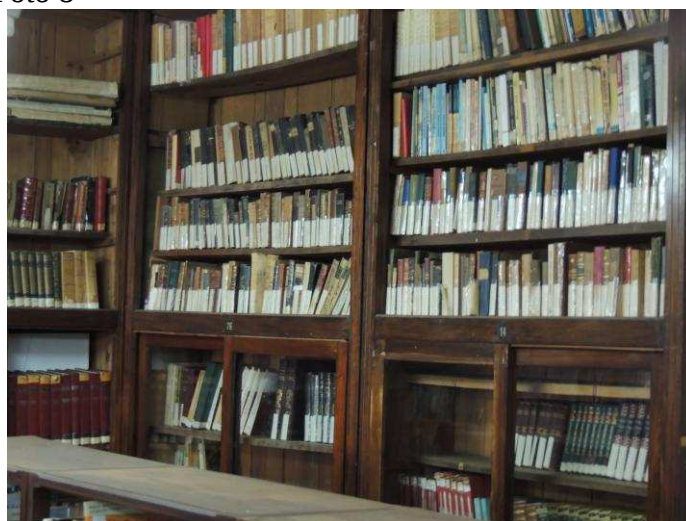


Foto 9



Foto 10



Foto 11

Terceiro ambiente: sala de estudos, internet e livros didáticos e literários.



Foto 12



Foto 13



Foto 14

Quarto ambiente: sala de contação de histórias e acervo de literatura infanto-juvenil. Divisão deste ambiente com a sala de restauração.



Foto 15



Foto 16

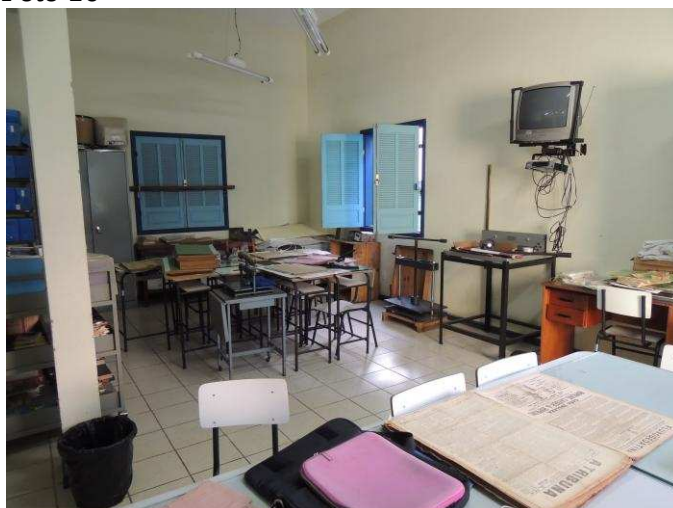


Foto 17

ANEXO F – Fotos acervo raro da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida sob os cuidados da UFSJ.

Fonte: fotos de Artur Cláudio da Costa Moreira



Foto 1: Prédio da UFSJ onde estão as obras raras



Foto 2: Obras raras



Foto 3: Obras raras

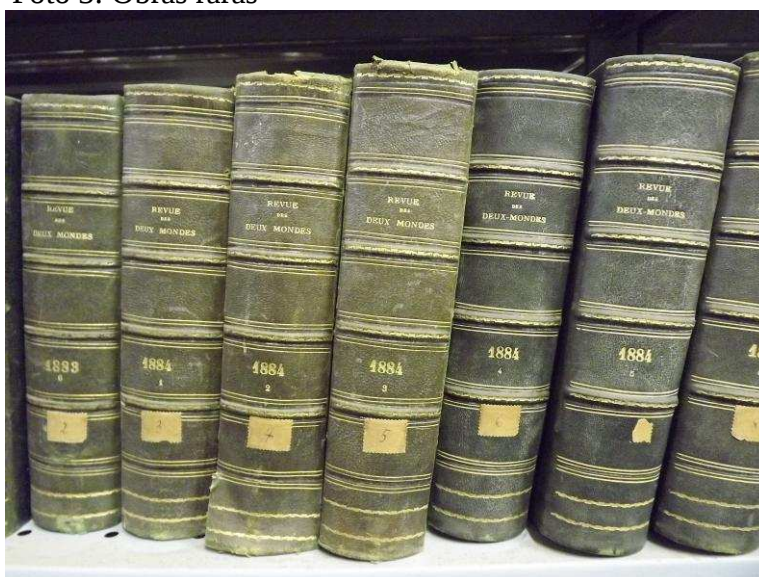


Foto 4: Obras raras



Foto 5: Obras raras



Foto 6: Obras raras



Foto 7: Obras raras



Foto 8: Obras raras

ANEXO G – Roteiro de entrevista aos auxiliares (atendentes) de biblioteca

	PESQUISA MESTRADO/LETRAS (2013) Entrevista aos auxiliares (atendentes) da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida	
<i>Dados</i>		
Formação:		
Carga horária de trabalho:		Há quantos anos trabalha nesta biblioteca?
Atribuições do cargo:		
Você costuma ler livros da biblioteca? ☐ Sim ☐ Não		
Lê com que objetivo: ☐ Porque gosta de ler com frequência ☐ Porque o livro está sendo muito procurado ☐ Para indicar ao usuário ☐ Outro motivo ()		
<i>Sobre o usuário da biblioteca</i>		
Quando vem para empréstimo de livros, chega com a ideia do que quer? ☐ Sim ☐ Não	Quando não vem com um título decidido, ele vai às estantes e fica procurando algo? ☐ Sim ☐ Não	
Costuma pedir indicação? ☐ Sim ☐ Não De que forma?	Os usuários, mesmo quando sabem o que querem, costumam circular pela biblioteca? ☐ Sim ☐ Não	

Quando não encontra o título que veio procurar, leva outro? ☐ Sim ☐ Não Como isso ocorre?	Enumere ordenando a sequência do que mais procuram: ☐ Livros de estudo/pesquisa ☐ Espaço para ficarem estudando ou lendo revistas e jornais ☐ Livros literários indicados pela escola ☐ Livros literários (bestsellers) que estão na moda/mídia
Enumere ordenando a sequência sobre o perfil do usuário: ☐ crianças ☐ adolescentes ☐ adultos	Nestes anos em que você trabalha na biblioteca percebeu mudanças na frequência, no perfil do usuário e/ou outras alterações?

ANEXO H – Roteiro de entrevista à bibliotecária

 PESQUISA MESTRADO/LETRAS (2014) Entrevista à bibliotecária da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida	
<i>Dados</i>	
Formação: Carga horária de trabalho: Atribuições do cargo:	
No desempenho de suas atribuições, consegue tempo para dar atenção aos usuários? ☐ Sim ☐ Não ☐ usualmente, pois	
Que tipo de atenção dispensa aos usuários?	
Como você vê o usuário da biblioteca?	
Como você vê a Biblioteca, enquanto espaço social e cultural?	
O que falta à biblioteca para que a frequência de usuários se torne mais assídua?	
O que acha do acervo atual da biblioteca?	
Há perdas de livros? Como? Quais os tipos?	

ANEXO I – Roteiro de entrevista ao coordenador/diretor da biblioteca

 PESQUISA MESTRADO/LETRAS (2013) Entrevista ao coordenador (diretor) da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida	
<i>Dados</i>	
Formação: Carga horária de trabalho: Atribuições do cargo: Horário de funcionamento da biblioteca:	
Eventos realizados em 2013:	Eventos previstos para 2014:
Mantém algum tipo de contato com o usuário? ☐ Não ☐ Sim. Como?	
Como você vê o usuário da biblioteca?	
Como você vê a Biblioteca, enquanto espaço social e cultural?	
Como é feita a renovação do acervo?	
Que investimento é necessário para que o espaço da biblioteca tenha mais usuários/frequentedores?	

ANEXO J – Formulário do questionário usuários da biblioteca pública

 PESQUISA MESTRADO/LETRAS (2013) Questionário usuário da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida (Em alguns itens você poderá assinalar mais de um)	
<i>Dados/usuário</i>	
Formação: ☐ Fundamental 1 (até o 5º ano) incompleto ☐ Fundamental 1 (até o 5º ano) completo ☐ Fundamental 2 (até o 9º ano) incompleto	Sexo: ☐ masculino ☐ feminino Idade:

☐ Fundamental 2 (até o 9º ano) completo ☐ Ensino Médio incompleto ☐ Ensino Médio completo ☐ Ensino Superior incompleto ☐ Ensino Superior completo	Caso ainda esteja estudando assinale a rede de ensino: ☐ Municipal ☐ Estadual ☐ Federal ☐ Privada (particular)
<i>Sobre a biblioteca</i>	
Motivo da frequência à biblioteca (normalmente): ☐ Empréstimo de livros literários ☐ Empréstimo de livros didáticos (para estudo/pesquisa) ☐ Busca de leituras obrigatórias exigidas pela escola ☐ Busca de leituras por gosto ou indicação ☐ Uso do espaço exclusivamente para estudo e pesquisa	Permanência no espaço da biblioteca: ☐ Apenas para pegar o que procura ☐ Ficar estudando (individual/grupo) ☐ Ficar lendo revistas e/ou jornais ☐ Ficar lendo livros literários ☐ Ficar pesquisando
A biblioteca representa um lugar: ☐ para estudar ☐ para pesquisar ☐ voltado para estudantes ☐ para emprestar livros de literatura ☐ para emprestar livros para trabalhos escolares ☐ voltado para todas as pessoas ☐ para lazer ☐ para passar o tempo ☐ para consultar documentos e outros materiais do acervo ☐ para participar de concertos, exposições e eventos culturais ☐ para acessar a internet	Costuma comparecer a algum evento da biblioteca? ☐ Não ☐ Sim Quais: ☐ Sarau ☐ Cine Clube ☐ Exposições ☐ Outros (_____)
	Frequência com que vem à biblioteca para empréstimo de livros: ☐ semanalmente ☐ mensalmente ☐ bimestral ou trimestralmente ☐ quando necessita de livros para a escola ☐ quando precisa pesquisar ou estudar
<i>Sobre leitura</i>	
Acesso ao livro: ☐ Empréstimo na biblioteca ☐ Empréstimo de amigos ☐ Compra em livrarias ☐ Compra via internet ☐ Presenteados	Escolhe o que vai ler: ☐ Pelo título ☐ Pelo autor ☐ Indicação de amigos ☐ O que está na lista dos mais vendidos ☐ O que está na mídia (virou filme/seriado)
Gênero/estilo de leitura preferido: ☐ Livros religiosos ☐ Autoajuda ☐ Técnicos (estudo) ☐ Histórias em quadrinhos ☐ Contos ☐ Poesias ☐ Romances ☐ Ficção científica ☐ Aventura ☐ Suspense ☐ Terror ☐ Que estão na moda (na mídia) ☐ Indicados pelos amigos ☐ Indicados pela escola/professor ☐ Outros (_____)	Quantos livros você leu no ano de 2013? ☐ Nenhum ☐ De 01 a 03 ☐ De 03 a 05 ☐ De 05 a 10 ☐ Mais de 10
	Possui algum acervo de livros literários em casa? ☐ Não ☐ Sim
	Caso tenha respondido sim, assinale se seu acervo tem: ☐ Menos de 10 livros ☐ Mais de 10 livros ☐ Mais de 20 livros ☐ De 30 a 40 livros ☐ De 50 a 100 livros ☐ Mais de 100 livros